



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JÁDISSON GOIS DA SILVA

**CORPO GORDO, DISCURSIVIDADES MUDIÁTICAS E O FENÔMENO DA
GORDOFOBIA: UMA ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA E
PROBLEMATIZADORA**

**SÃO CRISTÓVÃO
2023**

JÁDISSON GOIS DA SILVA

**CORPO GORDO, DISCURSIVIDADES MIDIÁTICAS E O FENÔMENO DA
GORDOFOBIA: UMA ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA E
PROBLEMATIZADORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Área de Concentração: Educação, Comunicação e Diversidade, da linha Tecnologias, Linguagens e Educação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba

SÃO CRISTÓVÃO
2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586c Silva, Jádisson Gois da
Corpo gordo, discursividades midiáticas e o fenômeno da
gordofobia : uma análise crítico-reflexiva e problematizadora /
Jádisson Gois da Silva; orientador Cristiano Mezzaroba. – São
Cristóvão, SE, 2023.
163 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação)– Universidade Federal
de Sergipe, 2023.

1. Educação. 2. Obesos – Aspectos sociais. 3. Obesidade - Na
comunicação de massa. 4. Exclusão social. 5. Saúde - aspectos
sociais. I. Mezzaroba, Cristiano, orient. II. Título.

CDU 37.017:659.3-056.257



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



JÁDISSON GOIS DA SILVA

**“CORPO GORDO, DISCURSIVIDADES MIDIÁTICAS E O FENÔMENO DA GORDOFOBIA:
UMA ANÁLISE CRÍTICO-REFLEXIVA E PROBLEMATIZADORA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 11.07.2023

Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Prof. Dr. Fábio Zóboli
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Prof. Dr. Raumar Rodríguez Giménez
Universidad de La República Oriental Del Uruguay / CLA

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2023

“O corpo efetivamente é, do mesmo jeito que todos os outros objetos técnicos cuja posse marca o lugar do indivíduo na hierarquia das classes, pela sua cor (descorada ou bronzeada), textura (flácida e mole ou firme e musculosa), pelo volume (gordo ou magro, rechonchudo ou esbelto), pela amplidão, forma ou velocidade de seus deslocamentos no espaço (desajeitado ou gracioso), é um sinal de status – talvez o mais íntimo e daí o mais importante – cujo resultado simbólico é tão maior, pois, como tal, nunca é dissociado da pessoa que o habita”

(BOLTANSKI, 1989, p. 183).

RESUMO

A sociedade vigente tem sido permeada por diversas formas de atributos estereotipados frente aos que não correspondem aos paradigmas normativos postulados como a única possibilidade de (con)vivência, tal realidade não tem sido diferente quanto às pessoas cuja configuração de seus corpos se apresenta distante do dito corpo “perfeito” a ser conquistado, geralmente configurado como magro/esguio/*fitness*. Isto tem contribuído para o fenômeno da gordofobia, ou seja, a patologização, culpabilização e estigmatização deliberada do sujeito gordo. Diante desta questão, indagamos: De que maneira as plataformas digitais de notícias têm se referido ao corpo gordo? Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo problematizar os conteúdos e discursos midiáticos presentes em plataformas digitais de notícias concernentes aos corpos gordos. Metodologicamente, a pesquisa caracterizou-se de natureza qualitativa de cunho descritivo-exploratório do tipo documental de “análise de produto midiático”. O *locus* para realização da pesquisa foram as plataformas digitais de notícias do portal Vivabem UOL, em sua seção saúde, e o Portal G1 (o portal de notícias digitais do Grupo Globo). Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (AC), de Lawrence Bardin, e no que concerne à análise imagética foi utilizada a “Gramática do *Design Visual*” (GDV) de Kress e Van Leeuwen. Identificamos e analisamos um total de 16 (dezesesseis) matérias veiculadas nas plataformas digitais investigadas (7 no UOL e 9 no G1). Tendo em vista o tratamento dos dados, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da AC, emergiu-se 3 categorias de análise temática: (1) Discursividade biomédica como normatividade; (2) Emagrecer é a palavra de ordem; (3) Mídia e sua pedagogia corporal. Quanto à análise imagética, foi realizada de uma imagem em que a reportagem veicula informações acerca de um corpo gordo que passa por reviravoltas, ou seja, ora perde ora ganha peso, mas que um dos intentos está na tríade atividade física, emagrecimento e saúde (segundo a perspectiva biomédica). A partir da análise (textual e imagética), evidencia-se que os saberes do modelo biomédico em saúde e a maneira como a mídia se refere ao corpo gordo, promove um profundo processo de patologização, e isso é a gordofobia, pois passa a generalizar todos os corpos gordos como doentes, além de enaltecer o emagrecimento como sendo o “ideal” com vistas à suposta “promoção à saúde”. Portanto, evidencia-se que o corpo magro e/ou *fitness* tem sido enaltificado positivamente, enquanto o gordo, tem sido comumente visto como patógeno, denotando o sujeito gordo como o único culpado pela sua corpulência, impondo-se, assim, estigmatização e processos de exclusão social. Consideramos, portanto, que o trabalho pedagógico envolvendo uma educação para e com as mídias assume papel fundamental acerca do desenvolvimento do senso de criticidade dos sujeitos para com as discursividades veiculadas pela mídia. Além disso, a GDV torna-se, assim, de grande potencialidade à pesquisa educacional, por trazer a possibilidade de relacionar mídia, saúde e corpo, servindo como uma ferramenta metodológica para investigar questões do contemporâneo permeadas pela intensa cultura imagética.

Palavras-chave: Corpo gordo. Mídia. Gordofobia. Exclusão social. Processo saúde-doença.

ABSTRACT

Society has been currently permeated by varied forms of stereotyped attributes towards those who do not correspond to negative paradigms postulated as the only possibility for social experience, and such reality has not been dissimilar to those whose body frame is different from the so-called "perfect" body to be achieved, which is usually referred to as a thin/slim/fitness body. Such paradigm has contributed to the phenomenon of fatphobia, which emerges when people pathologize and address culpability or deliberate stigmatization towards fat people. In the light of that, we have inquired: what are the representations of fat body like in digital news platforms? Thus, this piece of research aimed to problematize media contents as well as discourses aired in digital news platforms concerning fat bodies. As to methodological issues, this piece of research was grounded on qualitative nature focused on a descriptive-exploratory perspective through documentary work of "media content analysis". The health section of the UOL's Vivabem Portal and the G1 Portal (the digital news portal of Grupo Globo) were the locus for this piece of research. Data was analyzed through content analysis (CA) by Lawrence Bardin, and Kress and Van Leeuwen's "Grammar of Visual Design" (GVD) was used for image analysis. As a whole, 16 (sixteen) articles published in the aforementioned digital platforms (seven from UOL and nine from G1) were identified and analyzed. Based on the methodological and the theoretical bases of CA, data was treated and three thematic categories of analysis emerged: (1) Biomedical discourse as normativity; (2) Losing weight is the watchword; (3) Media and its body pedagogy. Concerning the image analysis, it was done through the reading of an image in which the news report conveys information about a fat body that goes through twists and turns where one loses and gains weight in a continuous loop; the target, though, was set on the triad of physical activity, weight loss, and health (according to a biomedical perspective). After an image and a textual analysis, it was evident that the biomedical model of health knowledge and the way media deals with fat bodies promote a deep pathological process, which ends up relating to fatphobia, once it stereotypes all fat bodies as sick ones, and it also highlights weight loss as the "ideal" attitude in order to supposedly "promote health". Therefore, it is flagrant that thin or fitness bodies have been praised positively, while fat bodies have been commonly portrayed as a pathogen, which illustrates fat people as the guilty ones for their corpulence while also imposing stigmatization and a social process of exclusion. Therefore, we consider that the pedagogical work on media education plays a decisive role in developing people's critical attitude for dealing with discourses portrayed by media platforms. In addition, GVD happens to be of great potential for educational research, since it provides scholars with the possibility of gathering media, health and body issues, and it also stands for a methodological tool to investigate contemporary issues featured by an intense culture of image.

Keywords: Fat body. Fatphobia. Media. Social exclusion. Health-disease process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Elementos da problemática	08
Figura 2 – Etapas da análise de conteúdo	21
Figura 3 – Fluxograma das diferentes fases de busca e seleção dos estudos	31
Figura 4 – Anúncio publicitário sobre o complexo da magreza	83
Figura 5 – Propaganda sobre o medicamento Sanavita	84
Figura 6 – Compreensão quanto ao modelo patogênico e modelo salutogênico	86
Figura 7 – Complexidade do conceito de saúde simbolizado na obra de Leonardo Da Vinci	87
Figura 8 – Protocolos de exercícios físicos para adultos e idosos com obesidade	90
Figura 9 – Determinantes sociais pelo modelo de Dahlgren e Whitehead	100
Figura 10 – Fábio com 160 kg e 79 Kg	114
Figura 11 – Fluxograma do atendimento gordofóbico nos serviços de saúde e suas possíveis consequências	119
Figura 12 – Fábio após ter participado da corrida de São Silvestre	122
Figura 13 – Anúncio publicizado no portal UOL	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fragmentos identificados	22
Quadro 2 – As Metafunções da GDV	25
Quadro 3 – Caracterização dos artigos encontrados no <i>SciELO</i>	32
Quadro 4 – Caracterização dos estudos encontrados na BDTD	39
Quadro 5 – Caracterização dos estudos (artigos científicos) encontrados na OASISBR	50
Quadro 6 – Caracterização dos estudos (monografia e dissertações) encontrados na OASISBR	53
Quadro 7 – Caracterização das matérias veiculadas no portal UOL	58
Quadro 8 – Caracterização das matérias elencadas na plataforma digital do G1	62
Quadro 9 – Classificação do Índice de Massa Corporal	74
Quadro 10 – Caracterização dos estudos	123

LISTA DE SIGLAS

ABESO	Associação Brasileira para Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CF	Constituição Federal
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EAR	Escala de Autoestima de <i>Rosemberg</i>
EF	Educação Física
GDV	Gramática do <i>Design</i> Visual
HAESR	<i>Healt at Every Size</i>
IMC	Índice de Massa Corporal
JUBESA	Juventude, Beleza e Saúde
OASISBR	Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto
OMS	Organização Mundial da Saúde
OP	<i>Obesity - Related Problem Scale</i>
PCAF	Práticas Corporais e Atividade Física
PEF	Profissionais de Educação Física
PL	Partido Liberal
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
RT's	Residências Terapêuticas
SBEM	Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SSI	<i>Stigmatizing Situations Inventory</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNA-SUS	Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

VIGITEL
Inquérito Telefônico

Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por

SUMÁRIO

1	RESSIGNIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL: DISCUSSÕES INTRODUTÓRIAS	04
1.1	Objeto de estudo, elementos da problemática e questão de pesquisa	08
1.2	Justificativa, relevância e objetivos	12
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS	18
2.1	Análise de Conteúdo	20
2.2	Gramática do <i>Design</i> Visual	23
3	TEORIA DO ESTADO DO CONHECIMENTO: LEVANTAMENTO E MAPEAMENTO BIBLIOGRÁFICO	29
3.1	Revisão no <i>Scientific Electronic Library Online</i>	32
3.2	Revisão na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	39
3.3	Revisão no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto	50
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
4.1	Tratamento dos dados oriundos das reportagens selecionadas	66
4.1.1	Discursividade biomédica como normatividade	66
4.1.2	Emagrecer é a palavra de ordem	78
4.1.3	Mídia e sua pedagogia corporal	94
4.2	Operacionalização da Gramática do <i>Design</i> Visual	113
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS	137

1 RESSIGNIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL: DISCUSSÕES INTRODUTÓRIAS

Durante o meu processo formativo em Educação Física (EF) sempre estive imerso a disciplinas que traziam temáticas voltadas para área do esporte de alto rendimento (principalmente) e pautadas no modelo biomédico em saúde (que valoriza a doença¹ em detrimento do sujeito), neste caso, o corpo² é visto apenas e a partir da dimensão biológica.

Além da estrutura curricular ser composta por disciplinas com tais características, também participava de grupos de estudos e pesquisas sobre a fisiologia do esforço físico e como o exercício físico poderia ser benéfico acerca da promoção à saúde – sendo entendida de maneira reducionista –, ou seja, levando-se em consideração somente a fisiologia cartesiana³, mas esse exercício também era vislumbrado como profilático (o exercício físico como um tratamento não farmacológico).

Além disso, a formação em EF, principalmente na modalidade Bacharelado, traz uma perspectiva de uma formação prescritiva (em que o profissional desta área de conhecimento teria/tem que propor um programa de exercícios sistematizados e regulares com ênfase em um determinado objetivo), dentre estes objetivos estão os denominados “grupos em condições especiais de saúde”, tais como: diabéticos, hipertensos, cardiopatas, idosos e pessoas com sobrepeso e obesidade⁴.

¹ “O vocábulo doença carrega em si um significado associado à dor, ao sofrimento e a desvios morais” (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 100). Ainda conforme estes autores, “[...] sua origem etimológica é a palavra latina *dolentia*, que, igualmente, dá origem à palavra “*dolência*” (qualidade, estado ou condição de dolente; aflição, dor, sofrimento)” (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 100).

² De acordo com Gonçalves e Azevedo (2007) essa perspectiva biológica de corpo é remanescente do final do século XVIII e início do XIX, nascendo junto com as Ciências Sociais, porém se apresenta como sendo insuficiente, ou melhor dizendo limitada “[...] para explicá-lo em toda a sua complexidade, pois tanto poderia expressar a definição de um animal qualquer ou de um ser humano” (GOLÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 204). Para este autor, “[...] o corpo não se constituiria somente em uma coleção de órgãos arranjados segundo as leis da fisiologia e da anatomia; mas, antes, em uma estrutura simbólica, superfície de projeções, possível de unir as mais variadas formas culturais” (Idem, 2007, p. 204). Nesse sentido, é que a sociologia do corpo diferencia-se de outras abordagens como, por exemplo, a positivista, cuja possui uma concepção de dimensão corporal dicotomizada de homem, reduzindo-o ao aspecto meramente anátomofisiológico, e preconiza um corpo aos moldes do contexto social e cultural em que o sujeito está inserido (LE BRETON, 2006). Desta forma, “[...] ‘saber do corpo’, ‘sobre’ o que educar sobre o ‘corpo’ para além da ideia que parece reduzi-lo a categoria de organismo, é compreendê-lo dentro da trama social por onde transitam os sentidos, já que, tratamos do corpo falante de seres falantes, do corpo ‘que fala’” (SOARES; RIBEIRO; ZOBOLI, 2021, p. 2483).

³ “Sustentada pela física e alimentada pela metafísica a compreensão do corpo entremeia-se aos galhos dos conhecimentos que formam a ciência cartesiana, tendo sua referência na mecânica e, mais pontualmente, no campo da medicina. Nessa estrutura arbórea, o corpo tem sua *epistémê* em uma ordem médica e em um arranjo mecânico” (SOUZA; DIAS, 2018, p. 112). Além disso, conforme Le Breton (2003, p. 18) “[...] os anatomistas antes de Descartes e da filosofia mecanicista fundam um dualismo que é central na modernidade e não apenas na medicina, aquele que distingue, por um lado, o homem, por outro seu corpo”. Para Gonçalves e Azevedo (2007, p. 205) “[...] esta visão moderna traz em si um modelo de corpo-máquina, socialmente oprimido e manipulável, visto do prisma do ganho econômico a qualquer custo”.

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a obesidade como uma doença, sendo caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corpórea no indivíduo (OMS, 1998). Para tanto, é oportuno destacar que os

De fato, os estudos em Ciências Fisiológicas e Ciências Médicas trazem pertinentes contribuições para o que concerne os efeitos do exercício físico sobre os parâmetros aqui mencionados, porém, sempre me causavam inquietações e, sobretudo, colocavam-me em um profundo estado de reflexão o fato da formação em EF não tratar de maneira sistematizada e transversalizada o sujeito de uma forma global, ou seja, o sujeito em suas múltiplas dimensões.

Neste momento, tinha a percepção de que me faltara algo que me fizesse me “encontrar” na EF, e decidi participar de um processo seletivo com o objetivo de pleitear uma possível vaga no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Federal de Sergipe⁵.

Logo, tive a felicidade de ter sido aprovado e no momento da atuação profissional me sentira “reduzido” em conhecimentos que me possibilitassem desenvolver-se enquanto profissional da área da EF inserido naquele espaço-tempo, pensei, inclusive, que teria que prescrever programas de exercícios físicos com vistas ao que havia aprendido durante a graduação, ou seja, utilizar o exercício com ênfase nos efeitos musculoesqueléticos e fisiológicos, principalmente frente ao gasto energético maior do que os níveis de repouso, conforme o conceito preconizado pela “epidemiologia da atividade física⁶”.

Neste momento, passei a desconstruir e construir novas formas de pensar o “fazer” em EF (um momento de reflexão e ressignificação) e durante todo o percurso, inserido nos processos de cuidado em saúde (a partir de uma perspectiva integral e ampliada, levando-se em consideração os determinantes sociais da saúde⁷) tornou-se perceptível a relevância de

movimentos ativistas em prol das pessoas com corpos gordos rejeitam veementemente os termos “sobrepeso” e “obesidade”, pois remetem à patologização desses corpos (RANGEL, 2018; JIMENEZ, 2020). Além disso, existe um consenso na literatura científica de que a etiologia da obesidade é bastante complexa, apresentando um caráter multifatorial (OMS, 1998). Isto posto, Sousa (2022) defende a conceitualização da obesidade a partir de sua inter-relação entre o meio e o coletivo. Devendo assim, para além da dimensão individual e biológica: “[...] integrar, em sua compreensão, debates construídos pelas ciências humanas e sociais” (SOUSA, 2022, p. 37). Ou seja, para a referida autora deve-se levar em consideração: “[...] questões fisiológicas e sociais, que auxiliem na complexidade de seus desdobramentos” (SOUSA, 2022, p. 37).

⁵ Esse programa de Residência é vinculado ao Hospital Universitário e tem suas atividades desenvolvidas em Unidade Básica de Saúde (UBS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Escolas, Praças, Ruas, Feiras, Comunidade, Universidades e Residências Terapêuticas (RTs). Seguindo a lógica da Reforma Psiquiátrica Brasileira com vistas ao cuidado do indivíduo em território, dentro da comunidade em que ele habita.

⁶ “Na clássica epidemiologia da atividade física, as variáveis respostas normalmente são doenças crônicas degenerativas, taxas de mortalidade ou longevidade, enquanto que atividade física é variável preditora. Este modelo de estudo evidencia uma clara associação entre atividade física/exercício físico e as variáveis respostas citadas” (PITANGA, 2002, p. 53).

⁷ Relacionam-se às condições em que uma pessoa vive e trabalha. Também podem ser considerados os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco à população, tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego (BARROS, 2015).

visualizar o sujeito em sua integralidade, isto é, na totalidade humana, e também o respeito, ao mesmo tempo, às suas singularidades corporais.⁸

O processo de trabalho com usuários⁹ em intenso sofrimento psíquico dentro do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) ou até mesmo nas ruas, a partir do Projeto de Redução de Danos¹⁰ e/ou no Consultório na Rua¹¹, com foco em pessoas em situação de rua em Aracaju, capital de Sergipe, fazia-me perceber que existem outras nuances que devem ser problematizadas frente à chamada “promoção à saúde”, a qual não se limita meramente às questões que envolvem doenças crônicas que acometem as pessoas ou até mesmo o fato de estarem em sobrepeso ou na obesidade, mas sim, considerar também as individualidades e subjetividades (as histórias e trajetórias de vida das pessoas), enquanto aspectos relevantes a serem considerados ao que tange os processos de cuidado em saúde.

Posterior a essas vivências, tive a oportunidade de ser aprovado em mais um processo seletivo, desta vez, pelo Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde¹² (UNA-SUS) para cursar a especialização em Atenção à Saúde das Pessoas com Sobrepeso e Obesidade.

Na oportunidade ora relatada, estive imerso a disciplinas que tratavam do sobrepeso e da obesidade de maneira interdisciplinar, valorizando o sujeito em sua integralidade, inclusive,

⁸ De acordo com Oliveira (2012, p. 11) “[...] o processo de formação da singularidade é fundamentalmente a composição dos corpos por meio da interação, seja ela adequada ou não, com os demais corpos que formam toda a realidade pulsante que os cerca ou não”. O autor ainda comenta que: “[...] o corpo é um acúmulo de um número indeterminado de outros corpos, a singularidade está relacionada diretamente com a composição, assim também como o corpo compõe uma realidade extensa absolutamente maior, a saber, uma natureza absolutamente infinita” (Idem, 2012, p. 12). Sendo assim, “[...] o que é extenso é, na verdade, somente uma forma do homem estar inserido na totalidade, de se perceber vivo. Vale ressaltar que grande parte da interatividade consigo mesmo e, consequentemente, com o todo do qual faz parte, é desajustada pela ignorância das causas, pelo conhecimento inadequado da participação atuante, pois, o homem é o que ele percebe de si” (Idem, 2012, p. 12).

⁹ Refere-se às pessoas que utilizam os serviços e equipamentos do Sistema Único de Saúde (SUS).

¹⁰ Trata-se de uma política social cujo objetivo é dirimir os efeitos negativos decorrentes do uso problemático de drogas, como por exemplo, em relação ao uso de drogas injetáveis, constatada a dificuldade ou a falta de vontade dos usuários em abandonar a utilização da substância, a ideia é criar alternativas com vistas a minorar os danos causados (SODELLI, 2011).

¹¹ A estratégia Consultório na Rua foi instituída pela Política Nacional de Atenção Básica, em 2011, e visa ampliar o acesso da população em situação de rua aos serviços de saúde, ofertando, de maneira mais oportuna, atenção integral à saúde para esse grupo populacional, o qual se encontra em condições de vulnerabilidade e com os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados. O Consultório na Rua do Município de Aracaju/SE, iniciou seu processo de trabalho em 2 de junho de 2015. É composto por equipe multidisciplinar, cumprindo carga horária mínima semanal de 30 horas, tendo horário de funcionamento adequado às demandas das pessoas em situação de rua (VASCONCELOS, 2015).

¹² De acordo com Barros (2015) este sistema é fruto da reforma sanitária brasileira, mas também fruto de uma ação reacionária à ditadura militar, e considerado assim, como a maior conquista social do povo brasileiro. Portanto, caracterizado como um conjunto de ações e serviços de saúde pautado em princípios doutrinários, tais como a universalidade (ou seja, para todos/as), a igualdade (sem privilégio ou discriminação de quaisquer espécies) e a equidade (tratar diferentemente os desiguais); e organizativos como: a descentralização, a participação da população e a organização da rede de serviços de modo regionalizado e hierarquizado.

embora de forma incipiente, também fora tratado da gordofobia¹³ nos níveis de atenção à saúde, a saber: primária, secundária e terciária. Logo em seguida obtive a aprovação no Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*) em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED) na linha de pesquisa “Tecnologias, Linguagens e Educação”. Aqui, torna-se oportuno destacar a minha vivência enquanto mestrandando na disciplina “Cinema, imagem e educação”, a qual me proporcionou relevantes conhecimentos de como o cinema/audiovisual pode (e deve) ser utilizado como um potente recurso didático-pedagógico com vistas à formação de sujeitos críticos e reflexivos.

No tempo ora relatado, desenvolvi um estudo a partir da perspectiva da análise fílmica de Manuela Penafria (2009) que, por sua vez, ficou intitulado “Problematização dos atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica *Shallow hal* (O amor é cego): uma análise fílmica”¹⁴, sendo orientado pelo professor Dr. Cristiano Mezzaroba. O fato de ter me debruçado na elaboração do estudo mencionado resultou na aquisição de conhecimentos sobre os corpos gordos e como estes são estigmatizados¹⁵. Para Goffman (1988, p. 119), “[...] o indivíduo estigmatizado se define como não-diferente de qualquer outro ser humano, embora ao mesmo tempo ele e as pessoas próximas o definam como alguém marginalizado”, inclusive, a partir das “injustiças epistemológicas”¹⁶ sobre estes corpos (JIMENEZ, 2020).

Desse modo, a minha trajetória acadêmico-profissional tem sido permeada de desconstruções e construção de novos saberes, inclusive, ao que tange a questão da composição corporal, ou seja, se antes, a partir dos saberes adquiridos durante o processo formativo na graduação visualizava o corpo gordo como adoecido ou propenso a adoecer, hoje a partir dos estudos realizados e a inserção em um Programa de Pós-Graduação na área das Ciências Humanas, percebo que o fato do sujeito ser corpulento não necessariamente está adoecido.

Além do mais, não significa que é gordo por desleixo ou descontrole, mas tendo em vista que a obesidade em si ocorre por múltiplos fatores, e, neste sentido, deve-se levar em

¹³ Segundo Rangel (2018, p. 19), a palavra gordofobia “[...] é utilizada para denominar o preconceito, estigmatização e aversão englobados por meio de uma opressão estrutural na sociedade que atinge as pessoas gordas”.

¹⁴ Disponível em: <http://relici.org.br/index.php/relici/article/view/374>. Acesso em: 17 maio 2023.

¹⁵ De acordo com Freitas (2014, p. 5), “[...] desde a Grécia antiga, o termo estigma (*stigma*) significa marca, sinal, cicatriz. A percepção do estigma como um sinal visível de segregação tem sido usada desde então. Criminosos, escravos, párias sociais, doentes, pessoas pertencentes a um grupo dominado, foram forçados a usar em vários períodos históricos, algum sinal relativo à sua condição quando este não era presente”.

¹⁶ Para Jimenez (2020), há no contexto acadêmico o que ela denominou de “injustiça epistemológica”, justamente ao que se refere à construção do conhecimento sobre os corpos gordos, isto é, pesquisas que a todo momento reportam este corpo como enfermo e o seu oposto (cujo está em conformidade com os parâmetros normativos do IMC – Índice de Massa Corporal, visivelmente percebido como magro/esguio/*fitness*, é comumente associado à saúde – visão biomédica), enquanto o gordo sofre um profundo processo de patologização de maneira generalizante e sem considerar as questões individuais e subjetivas.

consideração as questões individuais, culturais, políticas, econômicas e ambientais. Estas questões aparentemente não são levadas em conta no momento em que a mídia¹⁷ veicula informações a respeito do corpo gordo, mas, sim, saberes positivistas oriundos da ordem biomédica, restrito de certa maneira a aspectos comportamentais e biológicos.

1.1 Objeto de estudo, elementos da problemática e questão de pesquisa

O presente trabalho tem como objeto de estudo e pesquisa “Corpo gordo e conteúdos gordofóbicos disseminados na (quanto lugar) e pela (quanto agente promotor da ação) mídia¹⁸”. Desse modo, a tônica da pesquisa refere-se às discursividades midiáticas sobre os corpos gordos as quais promovem a gordofobia e, conseqüentemente, resultam na culpabilização, patologização e estigmatização das pessoas com corpos que não correspondem aos paradigmas tidos como “normais”, isto é, sobre o que é postulado e valorizado como sendo o “ideal” de corpo a ser atingido, ou seja, o corpo magro¹⁹ e/ou esguio/*fitness*.

Nessa perspectiva, torna-se oportuno detalhar (sistematicamente) os elementos que constituem a problemática da presente pesquisa, sendo assim, o mapa mental²⁰ (figura 1) apresenta o seguinte:

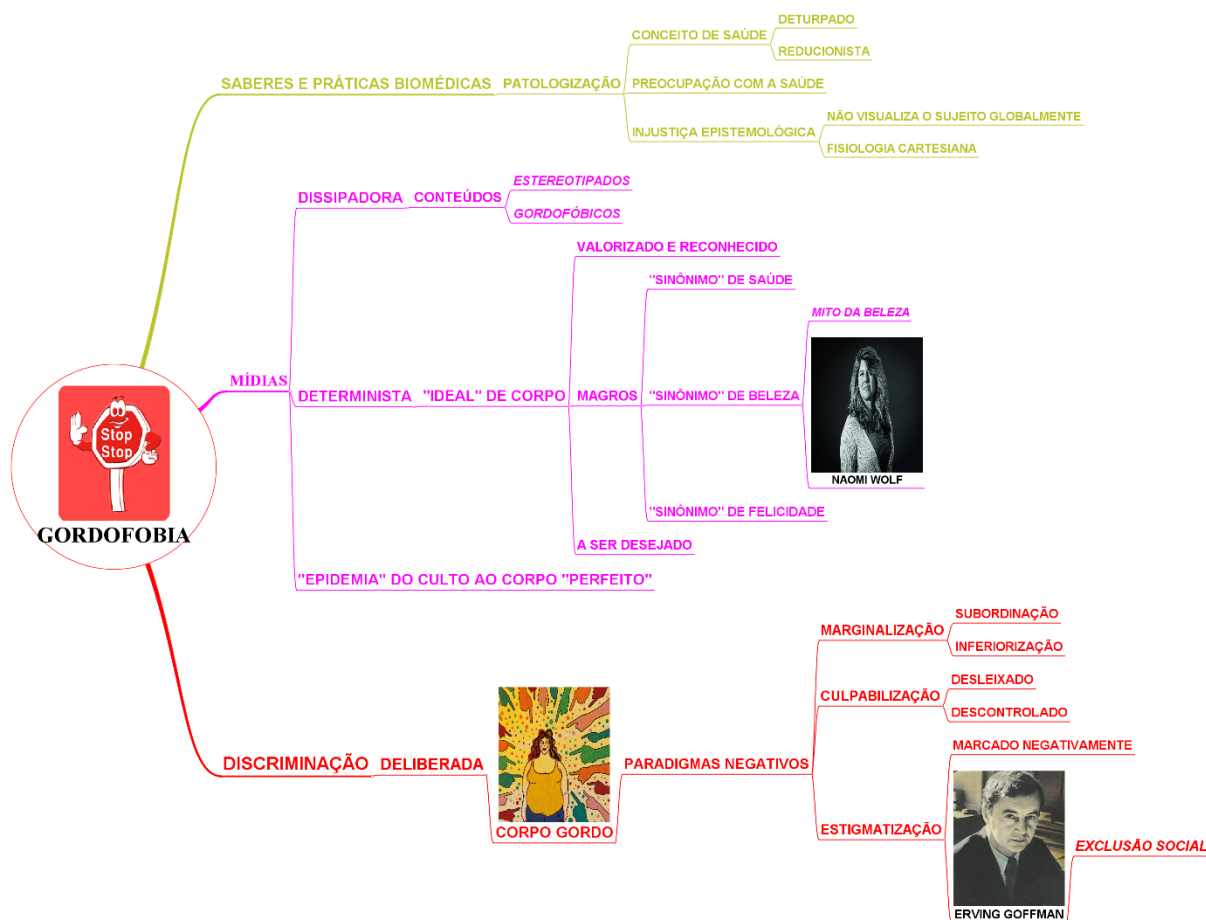
Figura 1 – Elementos da problemática

¹⁷ Aqui, faz-se necessário ressaltar que a mídia é só parte de um dispositivo maior, porém sem negá-la como central no processo de patologização e estigmatização dos corpos. O mencionado dispositivo, para Agamben (2009, p. 40), é “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. O referido autor irá chamar de sujeito o que resulta da relação do corpo a corpo entre os vivos e os dispositivos. Neste caso, a mídia se utiliza da ciência, de questões empíricas, de questões ligadas ao direito, de imagens e sons, e, ao seu modo, passa a influenciar as pessoas, inclusive referente ao consumo de mercadorias e produtos que, no caso do gordo, tem a finalidade de “ajudar” no processo de emagrecimento (já que esta tem sido a tônica do discurso biomédico acerca do que seria um “ideal” de corpo com vistas à aquisição de “saúde”).

¹⁸ Será levado em conta o entendimento de mídias proposto por Gastaldo (2009), isto é, refere-se aos “[...] “meios de comunicação de massa”, ou seja, os veículos de comunicação, tomados como dimensão tecnológica, que, a partir da produção centralizada, veiculam seus produtos de modo “massificado”, isto é, a um público numeroso e indistinto, sem levar em conta a individualidade de cada um dos participantes deste grupo” (GASTALDO, 2009, p. 353)

¹⁹ “Em nenhuma outra época, o corpo magro adquiriu um sentido de corpo “ideal” e esteve tão em evidência como nos dias atuais: esse corpo, nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda: é capa de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias, e se transformou em um sonho de consumo para milhares de pessoas, nem que, para isso, elas tenham que passar por intervenções cirúrgicas (plásticas), dietas de todos os tipos (do sangue, da melancia etc) ou exercícios físicos dos mais variados” (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004, p. 68). Além disso, faz-se necessário destacar que no decorrer do presente trabalho serão utilizados os seguintes termos: magro, esguio, “corpo ideal”, “corpo padrão de beleza”, “corpo perfeito”, corpo *fitness*, por exemplo, justamente pelo fato de ser levado em consideração a maneira como os diversos autores se referiam, em seus respectivos estudos, para contrapor o termo gordo (inclusive pesquisas que evidenciam o lugar de fala das pessoas vítimas da gordofobia).

²⁰ São diagramas e modelos sistematizados que vão se ampliando em variados ramos, voltados para gestão de informações, de conhecimentos e de capital intelectual (BUZAN, 2019).



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Tendo em vista a figura 1, observa-se que a gordofobia é caracterizada como sendo uma discriminação deliberada contra as pessoas com corpos volumosos (gordos), isto ocorre justamente pela tônica dos paradigmas negativos (denota o corpo gordo como não sendo o “ideal” a ser seguido, e sim o magro/esguio/*fitness*) presentes na vida em sociedade, por sua vez, contribui significativamente para marginalização do corpo gordo colocando-o em situação de subordinação e inferiorização em relação ao corpo que atende aos padrões estéticos.

Todavia, também se torna notório a culpabilização destinada a esses corpos, ou seja, os corpos gordos são vistos como os sujeitos que negligenciam os cuidados para consigo mesmos (estaria relacionada à falta de vontade e ímpeto de mudanças), além disso, está engendrado no imaginário das pessoas que o sujeito corpulento é aquele que não tem controle frente ao consumo alimentício (descontrolado). Aqui, oportuna-se pôr em destaque os autores utilizados para suporte teórico sobre os conceitos e noções acerca da gordofobia, tais como: Rangel (2018); Carvalho (2018); Caetano (2019); e Jimenez (2020).

Ademais, o fenômeno da gordofobia estigmatiza o sujeito, ou seja, faz com que este não tenha uma aceitação social em sua plenitude, é como se estivesse “condenado ao exílio”

devido às “cicatrizes” presentes em seus corpos, neste caso, a gordura corporal. Essa forma deturpada e distorcida de pensar os corpos gordos é, inclusive, (re)produzida pelas discursividades midiáticas. A mídia tem sido considerada uma importante ferramenta de mediação acerca do “ideal” de corpo a ser desejado, reconhecido e valorizado, neste caso, corpo o magro/esguio/*fitness* a partir da premissa de que estaria atrelado à saúde, felicidade e beleza (mito da beleza²¹).

E, referente ao corpo gordo, dissemina conteúdos estereotipados e gordofóbicos, ou seja, há uma ideação anacrônica e contraproducente, sendo (a mídia) a grande geradora da “epidemia” do culto ao corpo “perfeito”, por vezes, pautada nos saberes e práticas biomédicas, as quais apontam o corpulento como sendo um corpo doente (por isso diz-se da patologização do corpo gordo), e tendem a demonstrar uma suposta preocupação²² com a saúde, entretanto, utiliza-se de um conceito de saúde reducionista que se apresenta como distorcido da realidade social concreta (por desconsiderar as multiplicidades corporais e por homogeneizar taxas que se adequam ao padrão saúde/doença).

No mais, essa patologização tem sido referendada pelas injustiças epistemológicas (JIMENEZ, 2020), as quais não visualizam o sujeito de maneira global, mas, sim, de forma reduzida, somente através da fisiologia cartesiana, como por exemplo, as taxas sanguíneas.

Tal situação condiciona a exclusão dessas pessoas ou resulta na auto-exclusão, inclusive, no contexto escolar²³ (o que colabora para ascensão da evasão escolar), pois a gordofobia está engendrada nos saberes da medicina, mas também nos saberes educacionais e midiáticos e em suas respectivas práticas.

Silva e Mezzaroba (2022) pontuam que:

²¹ Conforme Naomi Wolf (2018, p. 23), “[...] o mito da beleza, como muitas ideologias da feminilidade, muda para se adaptar a novas circunstâncias e põe em xeque o esforço que as mulheres fazem para aumentar seu próprio poder”. Para a autora, a beleza é uma construção de controle social e tem se fortalecido: “[...] ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor” (Idem, p. 27).

²² Segundo Poulain (2013), é vista como uma questão de saúde, por isso é um preconceito mais aceito devido ao discurso médico que o legitima.

²³ Gonçalves e Azevedo (2007) comentam a respeito do importante papel da instituição escolar frente ao processo de construção da noção de corpo pelos/as discentes: “[...] a escola constitui uma instituição social que se encontra numa relação dialética com a sociedade onde se insere. Desse modo, ao mesmo tempo em que se reproduzem as estruturas de dominação existentes na sociedade, constitui-se em um espaço onde se pode lutar pelas transformações sociais. Considerando essas estruturas e a possibilidade de transformá-las, os significados conferidos podem, portanto, ser re-significados nos contextos das práticas escolares” (GONÇALVES; AZEVEDO (2007, p. 211-212). Estes autores ainda destacam que: “[...] a forma de a escola controlar e disciplinar o corpo está ligada aos mecanismos das estruturas de poder resultantes do processo histórico da civilização ocidental. Nesse processo, as práticas escolares tendem a perpetuar a forma de internalização das relações do homem com o mundo, que consiste na supervalorização das operações cognitivas e no distanciamento do corpo, pretendendo não somente discipliná-lo, mas obscurecer seus sentimentos, ideias, lembranças e até mesmo anulá-lo”.

Os estereótipos baseados no peso do corpo são pouco comentados e problematizados socialmente, sendo o âmbito escolar um microcosmo da sociedade, já que, tende a deslegitimar a presença dos corpos gordos (assim como demais instâncias da sociedade), e isto, contribui cada vez mais para ascensão de uma sociedade lipofóbica e gordofóbica que naturaliza corpos padronizados tidos como magros e saudáveis (SILVA; MEZZAROBÀ, 2022, p. 129).

Diante o exposto, torna-se importante mencionar que o corpo tem sido objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento, tanto das Ciências da Saúde/Fisiológicas como das Ciências Humanas e Sociais, haja vista que a história do corpo está intimamente ligada à historicidade da civilização, pois, este assume diversas nuances tanto referente ao seu processo histórico que o constitui, quanto às diferentes perspectivas que o construiu como um objeto de conhecimento (CARVALHO, 2018).

Isto posto, observa-se que para discutir sobre a questão do corpo gordo, o qual tem sido paulatinamente renegado e visto como “sinônimo” de doença na sociedade vigente, faz-se necessário compreender o meio social, pois, conforme Barbosa, Miller e Melo (2016) são inconcebíveis as análises referentes ao homem de forma apartada de um contexto histórico, social e cultural. Nessa linha de pensamento, Souza e Gonçalves (2021) pontuam que se torna impossível realizar quaisquer discussões/problematizações sobre a gordofobia de modo fracionado e sem considerar as mudanças dos signos em volta do corpo no decorrer da história da humanidade.

Desse modo, torna-se importante por em destaque que o corpo concreto, o qual deixa testemunhos físicos de sua existência, por vezes, incontroláveis pela racionalidade, e que desde a Idade Média já sofria ataques sistematizados, em especial os corpos femininos, controlados inclusive pelo Estado em todas as suas formas, continua como foco de violência, porém com outras formas de coerção, com a obsessão por transformá-lo em imagem (SOUSA; MIKLOS, 2020).

À época em questão, uma mulher tida como magra tinha como objetivo engordar, assim poderia seguir a vida toda fazendo tratamentos para atingir tal objetividade (JIMENEZ, 2020). No decorrer do tempo, as referências de corpo se modificaram e passaram a se “ajustar” a cada contexto sociocultural, que de certa forma influenciou os padrões de corpos aceitos pela sociedade. De fato, em pleno século XXI, e no vigente ano 2023, o corpo magro tem sua notória valorização e tem sido o foco dos discursos midiáticos sobre o pressuposto que seria um corpo saudável e que exprime desejo e beleza.

Nesse ínterim, é perceptível que o corpo com uma configuração volumosa passa a ser renegado socialmente, pois não está de acordo com o padrão de corpo magro/esguio/*fitness*, sendo este, o único (bem) aceito pela cultura vigente. Novaes e Vilhena (2003) referem que os

corpos gordos passaram a ser excluídos, como párias sociais, pois já não participam das regras do “jogo” na vida em sociedade.

Em suma, verifica-se que as práticas gordofóbicas presentes nos vários contextos da sociedade é algo eminentemente preocupante e que requer urgência em ser problematizado com vistas a não estigmatização e discriminação destes corpos (pessoas). Nessa perspectiva, emerge a seguinte questão de pesquisa: **De que maneira as plataformas digitais de notícias têm se referido ao corpo gordo?**

1.2 Justificativa, relevância e objetivos

O estudo em tela discorre sobre a questão da gordofobia por se tratar de um tema hodierno e que tem sido fortemente marcado na vida de milhares de pessoas com corpos gordos, os quais sofrem este tipo de discriminação, isso devido ao fato da configuração dos seus corpos não corresponderem aos paradigmas negativos impostos pela sociedade.

Além disso, surge como grande problemática a disseminação deliberada de conteúdos estereotipados e gordofóbicos nos mais diversos veículos midiáticos. Nesta esteira, Pereira (2019, p. 24) comenta que “[...] o corpo o qual a mídia impõe como o ‘modelo perfeito’²⁴ é tido pela sociedade como norma e padrão corporal a ser seguido”.

Nesse sentido, Sousa e Miklos (2020) referem que com o pretexto de “só fazer uma brincadeira”, a sociedade a qual o autor denomina de “mediatizada” faz as pessoas que são vítimas de gordofobia a se suprimirem e se excluírem, visto que, essas pessoas, mesmo que queiram, de maneira geral, não vestem roupas que lhes coloquem em evidência, como por exemplo, roupas com estampas ou com cores chamativas, têm dificuldades para sair de suas residências e sérios problemas de interação social.

A forma como os espaços midiáticos tratam as representações do corpo “perfeito” faz com que os sujeitos que não se “enquadram” a essa forma de idealizar os corpos, sejam

²⁴ Compreende-se o corpo “perfeito” a imagem de corpo que a mídia produz e dissemina como sendo o “ideal” a ser seguido, ou seja, um corpo magro e atlético, com medidas específicas que diferem para cada gênero, sem marcas de envelhecimento, sem pelos etc. (CAETANO, 2018). Para Farhat (2008, p. 8) “[...] dentro deste contexto do ‘corpo perfeito’, além da mídia, a indústria farmacêutica também exerce forte influência sobre as pessoas. São inúmeros medicamentos que prometem grande perda de peso, num curto espaço de tempo”, e que, por vezes, acarreta diversos problemas à saúde do sujeito. À exemplo disso, pode ser citada a matéria veiculada no portal G1, no dia 12 de fevereiro de 2022, em que discorre acerca de uma atleta que não estava satisfeita com seu corpo: “tinha uma barriguinha que me incomodava (sic)”, e passou a usar remédio para emagrecer, porém esta necessitou de um transplante de fígado, após realizar um exame de biópsia e ser diagnosticada com hepatite medicamentosa – provocada pelo uso do medicamento para emagrecer. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/02/12/atleta-passa-por-transplante-de-figado-apos-usar-remedio-para-emagrecer-no-ceara-tinha-uma-barriguinha-que-me-incomodava.ghml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

constantemente vítimas de preconceitos²⁵ e, por vezes, vem à tona a questão da exclusão social nos diversos contextos da sociedade: “[...] consequentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas” (JIMENEZ, 2020, p. 3).

Isto posto, observa-se que a gordofobia está presente na sociedade contemporânea e que se refere a um problema de viés estrutural, mas também institucionalizado, pois está presente na escola, no transporte público, nos serviços de saúde pública, e no próprio mercado de trabalho²⁶, o qual nega oportunidade a estas pessoas simplesmente por entender que a configuração dos seus corpos (volumosos) pode atrapalhar o seu desenvolvimento frente ao processo de trabalho.

Vale mencionar que a sociedade aqui problematizada, como explica Fischler (1995), é regida pela “lipofobia²⁷”, cuja instituição está notavelmente relacionada a uma “[...] obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca pela obesidade” (FISCHLER, 1995, p. 15). Isto se torna preocupante, pois a partir desta forma de pensamento, sugere-se que o sujeito gordo é único e exclusivamente responsável pela sua condição corporal, sendo produto da sua falta de vontade e ausência de autocontrole (MENEZES; FERREIRA; MÉLO, 2020). Nesse sentido, Jimenez (2020) explica que:

A gordofobia está em todos os lugares e é, muitas vezes, disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate. Sustentada por discursos de poder, de saúde e beleza como geradores de exclusão, existem comportamentos diários que reforçam o preconceito/estigma em relação às pessoas gordas, corroborando os estereótipos que estabelecem situações degradantes, constrangedoras, marginalizando essas pessoas e as excluindo socialmente (JIMENEZ, 2020, p. 3).

Diante ao descrito, Rubino *et al.* (2020) mencionam que a gordofobia pode ocasionar severas consequências como por exemplo: distúrbios alimentares, dependência química, transtornos psíquicos e depressão, podendo levar o sujeito a ideações suicidas, planejamento e o suicídio propriamente dito. Já na esfera comunicacional, a anulação do corpo gordo gera consequências estarrecedoras, pois como muito bem pontuam Sousa e Miklos (2020, p. 116), “[...] entendendo comunicação no seu sentido antropológico, o corpo é fundamental no processo

²⁵ “[...] o preconceito implica sempre uma relação social. Aparece como um modo de relacionar-se com ‘o outro’ diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou afirmação da própria identificação” (BANDEIRA, BATISTA, 2002, p. 131).

²⁶ “[...] logo, se a pessoa gorda não está nos padrões ideais “impostos” pela sociedade e comunicados pela mídia de modo geral, pode sofrer pressões e não ser aceita como adequada para fazer trabalhos diversos” (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017, p. 306).

²⁷ “[...] ela repercute também na vida dos indivíduos com peso considerado ‘normal’, mas que se apresentam em um corpo que está em desacordo com o padrão estético magro socialmente aceito” (PEREIRA, 2019, p. 13).

de mimese e, conseqüentemente, na construção, fortalecimento e manutenção de vínculos sociais, além de extremamente necessário para a sobrevivência da espécie”.

Desta forma, compreende-se que os conteúdos midiáticos com teor estereotipado (sobre os corpos) e gordofóbicos corroboram para anulação dos corpos gordos, principalmente os muito gordos, demonstrando sistematicamente o pavor e a repugnância em engordar e passam a ditar o que seria o “ideal” de corpo (magro, esguio e *fitness*) a ser desejado/almejado/alcançado.

O imperativo do cuidado de si à moda contemporânea é traduzido, por exemplo, como ser magro ou fisicamente ativo, podendo conduzir a um consumo exacerbado de produtos de “saúde” e *fitness*. Isto enseja um mercado da saúde ou uma moralidade da saúde, para os quais o corpo é um objeto metamorfoseável, a fim de se adequar à lógica supracitada. O cuidar de si em níveis quase que moleculares (controle obsessivo de todas as taxas corporais) apaga o cuidar do outro ou o torna algo persecutório, e não propriamente benfazejo. As redes de solidariedade são substituídas pela desconfiança (por exemplo, “será que ele come brigadeiro escondido?”; “será que ele está seguindo a dieta?”) e culpabilização (por exemplo, “ele é gordo porque não se controla”) (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 113).

Frente ao exposto, torna-se cabível de entendimento que o sujeito gordo não deve ser culpabilizado (visto como o “descontrolado” e “desleixado”), muito menos patologizado/estigmatizado (marcado como sujeito adoecido). Entretanto, o que se percebe/ocorre é justamente o contrário, visto que a própria mídia tem veiculado conteúdos estereotipados e gordofóbicos sobre os corpos gordos, seja em formato de obra cinematográfica, como novelas²⁸ e filmes²⁹ ou até mesmo em plataformas de notícias³⁰ e redes sociais digitais, inclusive, perfis de pessoas na rede social *Instagram*, por exemplo, que tratam de questões acerca de corpos magros (*fitness*) sempre marginalizando o corpo gordo (colocando-o como algo a ser evitado, como “inimigo” etc.), estando este último, distante do dito “corpo perfeito³¹”, a ser seguido e concretizado.

²⁸ Como por exemplo, a atriz Ana Baird, que interpretou a personagem Nicole em “Um lugar ao sol”, novela das nove da emissora Rede Globo. Na obra em questão, Nicole é vítima de ações e signos gordofóbicos, inclusive, em determinados contextos se autodeprecia, ou seja, faz um humor contra ela mesma. Conforme Baird, “[...] é uma defesa, porque as pessoas vão rir com você e não de você. É para dar aquela disfarçada! Eu também já fiz muito isso, mas parei. Não é legal se autodepreciar para se defender”, frisou. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/nicole-de-um-lugar-ao-sol-ana-baird-viveu-drama-real-tomei-remedio-para-emagrecer-70915?cpid=txt> Acesso: 10 jun. 2022.

²⁹ Como por exemplo, *Shallow Hal* (O amor é cego). Filme norte-americano, comédia romântica, dirigida por Peter e Bobby Farrelly, lançado em 2001. Uma análise fílmica foi por nós realizada, ver Silva e Mezzaroba, 2022.

³⁰ A saber: no portal UOL, mais especificamente, na seção “Saúde” tem sido disponibilizados conteúdos (textos e imagens) com viés gordofóbico acerca do sujeito corpulento.

³¹ É produto de determinações estéticas e não tem uma relação direta com o corpo considerado saudável pelo discurso médico/clínico. Sendo assim, “[...] o corpo perfeito está na moda e os debates presentes na televisão e comerciais, matérias publicadas em revistas, jornais, *internet*, bem como outros meios de comunicação, sempre destacam a dieta, a forma perfeita, os medos da gordura e como não engordar e ter um corpo perfeito” (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017, p. 306).

Além disso, ao que concerne a participação do corpo gordo em obras cinematográficas, Sousa e Miklos (2020) mencionam que é difícil uma pessoa gorda assumir o papel de protagonista ou modelo referência, isto posto, torna-se perceptível que para ser bem-sucedido, o/a personagem na condição de gordo/a passa por um processo de transformação estética³² que inclui, obviamente, o processo de emagrecimento. Assim, inferioriza o corpo gordo e o coloca em uma situação de incapacidade para determinada missão a ser cumprida conforme o enredo da obra fílmica.

Além disso, Caetano (2019) refere que na maioria das redes sociais digitais, surgem comunidades que se intitulam de *fitness*, desse modo, os sujeitos que compõem estas comunidades passam a mostrar seus corpos que foram modificados a partir de dietas combinadas com uma frequência sistematizada de atividades físicas, ou até mesmo a partir de cirurgias bariátricas.

Não obstante, compartilham e recebem dicas de alimentação e treinos, além de frequentemente compartilhar os testemunhos de pessoas que conseguiram emagrecer e visualizam isto como uma vitória acerca do “combate a obesidade³³” e destacam em seus relatos as mudanças, sempre positivas, que o emagrecimento as proporcionou e demonstram, sistematicamente, pavor em engordar (CAETANO, 2019).

Sendo assim, isto faz com que as pessoas gordas sejam frequentemente excluídas e, em casos mais específicos, se auto excluam da vida em sociedade e passam a adoecer psiquicamente. Isto decorre, inclusive, pelo fato de termos maior contato com as mídias que constroem discursos eminentemente hegemônicos, os quais representam e evidenciam positivamente o corpo magro/*fitness*, tido como belo/saudável e o mais “ideal” a ser almejado, o que corrobora para ascensão e disseminação do “mito da beleza e da saúde”. Para tanto, pontua-se que, tal problemática, não é ocasionada apenas pela mídia, a ciência – a partir da medicina – também é parte da construção desses discursos³⁴.

³² Segundo Poulain (2013, p.71), “[...] a conformidade ao modelo da estética corporal ao mesmo tempo aumenta o sentimento de poder agradar e a autoestima. No desejo de emagrecer ou de perder peso, esses motivos estão em primeiro lugar, bem antes das questões relativas à saúde”.

³³ Essa expressão “combate à obesidade” tem se tornado famosa, visto que é bem significativa, pois a palavra “combate” usualmente está associada a campanhas de perseguição e extermínio, como por exemplo, combate à corrupção, combate à prostituição infantil e combate às drogas (SANTOLIN; RIGO, 2015).

³⁴ Para Lüdorf (2009, p. 101) “[...] este corpo sujeito ao poder, que é também seu objeto, revela-se, especialmente, no aspecto estético, dimensão esta de análise do corpo, que ora vem ganhando vulto a ponto de ofuscar as demais”. Ainda conforme esta autora: “[...] o corpo passa, assim, a seguir normas de disciplinamento, não apenas autoimpostas, mas também impostas pela sociedade e por diversas instituições contemporâneas, tais como: imprensa, televisão, academias de ginástica, escolas, clínicas estéticas, dentre outras” (Idem, 2009, p. 101).

Conforme Berger (2007), a veiculação e a construção de estereótipos corporais via mídia impressa e digital afeta a percepção corporal e a autoestima³⁵. Em seu estudo com foco nas mulheres, revelou o carma que estas sofrem diante do culto ao corpo “perfeito” reiterado cotidianamente nas (pelas) mídias. Desse modo, Felipe (2004, p. 244), ressalta que “[...] a mídia estimula o padrão estético magro, discriminando o gordo de uma maneira não-sutil, com mensagens agressivas, persuasivas e pouco estimuladoras”.

Para tanto, na esfera de análise concernente à negação dessas ideações e discursos/conteúdos disseminados em plataformas digitais, é importante a análise e compreensão de como as pessoas gordas são percebidas e tratadas nos diversos contextos sociais da contemporaneidade e como os conteúdos/discursos gordofóbicos são propagados/compartilhados nas (pelas) mídias.

Sendo que isto contribui para promoção de uma sociedade com definições/percepções distorcidas e com viés preconceituoso sobre a configuração dos corpos, sinalizando o corpo magro como “sinônimo” de beleza, empoderamento e saúde. Desse modo, coloca o corpo gordo como sendo assimétrico/desajustado e que está adoecido, é justamente a partir dessas configurações que as pessoas gordas são rotuladas como sendo descontroladas/desleixadas originando um forte processo de culpabilização, que as apagam.

Importa, pontuar que, como o presente trabalho problematiza a gordofobia como um objeto de estudo a partir das Humanidades, bem como promove um estado de reflexão frente à desconstrução desses pensamentos e atributos estereotipados com simbologias estigmatizantes relacionadas à corpulência, a pesquisa em tela tem como justificativa pessoal o fato da temática em questão ser de grande valia frente ao campo do saber formativo em EF, já que a este mesmo campo do conhecimento é pautado, hegemonicamente, por uma perspectiva prescritiva, terapêutica e mecanicista. Entende-se que tratar da temática da gordofobia desvendará outras nuances referentes à EF, seja no âmbito escolar ou fora desse, com enfoque na visualização dos corpos em sua singularidade.

Ademais, no campo educacional proporcionará pertinentes reflexões, (des)construções e ressignificações acerca das corpulências adjetivadas negativamente pela cultura midiática³⁶

³⁵ De acordo com Grejanin *et al.* (2007), “autoestima” caracteriza-se como uma avaliação que a pessoa faz de si mesma, podendo ser negativa ou positiva, e indica o grau em que se considera valorizado, capaz e importante.

³⁶ De acordo com Mezzaroba, Zoboli e Correia (2018, p. 261), “[...] a cultura midiática se configura na maneira moderna e atual que presenciamos (e experienciamos) com a presença intensa e onipresente dos mais diversos veículos de comunicação – jornais, revistas, rádio, cinema, televisão, redes sociais, portais digitais, *internet* em geral – e seu indubitável modo peculiar e persuasivo em pautar seus temas, realizar suas mediações e concretizar seus objetivos e intencionalidades, sejam elas implícitas ou explícitas”.

contemporânea e os saberes patologizantes da medicina, de tal forma que contribua para uma não estigmatização, e sim, para uma valorização dos corpos gordos e/ou os corpos que não se encaixam nos padrões estéticos hegemônicos, inclusive, com vistas a uma educação midiática, ou melhor dizendo, uma educação para as mídias que envolva a compreensão, reflexão, tensionamentos, mas também respeito e empatia aos diferentes corpos. Nesse sentido, o estudo ora apresentado teve como **objetivo geral** problematizar os conteúdos e discursos midiáticos presentes em plataformas digitais de notícias concernentes aos corpos gordos.

Como **objetivos específicos**, tivemos os seguintes:

- a) Analisar como ocorrem as comparações entre os corpos magros e os gordos, textualmente e imagetivamente;
- b) Compreender como tem sido disseminado o “mito da beleza e da saúde” acerca do corpo magro/*fitness*;
- c) Identificar como são elaborados e veiculados os discursos e imagens que se referem ao corpo gordo;
- d) Problematizar os conteúdos estereotipados e gordofóbicos.

Ademais, informa-se que o trabalho segue estruturalmente organizado da seguinte forma, considerando-se, desde já, esta primeira seção introdutória (1): (2) descrevemos a metodologia que estruturou esta pesquisa; (3) apresentamos os dados proveniente da efetivação da Teoria do Estado do Conhecimento, isto é, o levantamento e mapeamento bibliográfico realizado nas bases de dados do *Scientific Electronic Library Online*, na Biblioteca Virtual de Teses e Dissertações, e no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto; (4) é apresentada a seção resultados e discussão, nesta, contendo a subseção “Tratamento dos resultados oriundos das reportagens selecionadas” discorrendo sobre as 3 categorias de análise temática: “Discursividade biomédica como normatividade”, “Emagrecer é a palavra de ordem”, e “Mídia e sua pedagogia corporal”; também é apresentada a subseção “Operacionalização da Gramática do *Design Visual*”; (5) por último, são tecidas as considerações finais a partir de uma análise crítico-reflexiva e problematizadora.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em ciências sociais e humanas volta-se à investigação do sentido de determinados fenômenos e do respectivo significado recebido em um contexto social. Seu campo de determinação é transdisciplinar e paradigmático e o seu desenvolvimento pode ocorrer a partir de diversos métodos de investigação (FERREIRA; LOGUECIO, 2014).

Nesta perspectiva, informa-se que a presente pesquisa caracteriza-se de cunho descritivo-exploratório, de natureza qualitativa, pois, de acordo com Godoy (1995, p. 21), “[...] a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. A pesquisa qualitativa proporciona um modelo de entendimento profundo de ligações entre elementos, direcionado à compreensão da manifestação do objeto de estudo (MINAYO, 2012).

Não obstante, Turato (2005) pontua que a pesquisa qualitativa se caracteriza pela empiria e pela sistematização progressiva do conhecimento até a compreensão lógica interna do grupo ou do processo estudado.

Ademais, informa-se que a presente pesquisa também assume o caráter descritivo como abordagem de pesquisa, sendo de grande relevância, tendo em vista o objeto pesquisado, ou seja, os conteúdos (textual e imagético) acerca dos corpos gordos que, de alguma forma, são geradores e propagadores do fenômeno da gordofobia a partir daquilo que é produzido e veiculado por portais digitais de informação. Manning (1979) *apud* Neves (1996) afirma que o trabalho de descrição apresenta caráter bastante relevante em um estudo qualitativo, uma vez que é a partir deste que são coletados os dados.

Além disso, conforme Minayo (2012) o estudo exploratório é indicado nas pesquisas que têm por necessidade explorar o desconhecido e através da qual se necessita ter mais informações. Corroborando, Gil (2017) pontua que as pesquisas de cunho exploratório tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador na perspectiva da descoberta e não da comprovação.

Além disso, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental³⁷, mas que, por envolver texto e imagem, é também classificada como “análise de produtos midiáticos”. De

³⁷ De acordo com Oliveira (2007) a pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. Este autor ainda afirma que a diferença entre uma e outra está na natureza das fontes, uma vez que a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema investigado, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Essa é a principal diferença entre a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. No entanto,

acordo com Mezzaroba, Mendes e Pires (2010), a análise de produtos midiáticos ocorre quando o pesquisador pretende realizar um acompanhamento de determinado veículo midiático para detectar e compreender “[...] seu conteúdo e seu discurso, com suas possíveis intenções – por exemplo, acompanhar, seja pela *internet*, ou pela mídia impressa ou mesmo por algum programa televisivo, os discursos, os sentidos e as representações” (MEZZAROBA; MENDES; PIRES, 2010, p. 202), e que, na presente pesquisa, foi utilizada para compreensão acerca dos discursos e sentidos proferidos acerca do corpo gordo nas plataformas digitais de notícias investigadas.

Nesta perspectiva, o *locus* para realização da pesquisa em tela, foram o Portal Vivabem UOL [<https://www.uol.com.br/vivabem/>] e o Portal G1 – Portal de notícias digitais do Grupo Globo [<https://g1.globo.com/>]. A escolha dos referidos portais ocorreu pelo fato de ambos serem considerados os portais digitais brasileiros de informação com grande acesso e audiência no Brasil, e também, por serem veículos de transmissão de informações dirigidas a um público amplo e diversificado, justamente por veicular informações, inclusive, com embasamento em estudos científicos (fazem, à sua maneira, divulgação científica), e por contemplarem discursos, conceitos, valores, representações e ações que perpassam o universo da construção do corpo tido como “ideal” e almejável e sua relação com a saúde na atualidade.

Desta forma, as análises nestes portais, tendo em vista a efetivação da coleta de dados, ocorreu durante o período compreendido entre agosto de 2022 a março de 2023. Sendo que as análises aconteciam, sistematicamente, nos turnos matutino, vespertino e noturno de segunda a sexta-feira. Sendo assim, foi criado um grupo no aplicativo *Whatsapp Messenger* (somente com o autor deste estudo) nomeado “App diário – corpo gordo”, em que eram enviadas as matérias identificadas e que, na avaliação do autor do presente estudo, poderia compor o *corpus* da pesquisa (sendo 16 matérias coletadas, 7 do portal UOL e 9 do portal G1).

Ao término da coleta, estas foram “transportadas” para um computador e organizadas em pastas nomeadas de “análise de conteúdo UOL” e “análise de conteúdo G1”, para que pudessem ser cuidadosamente analisadas e selecionadas, conforme os critérios de inclusão (ou seja, a matéria veiculada teria que discorrer sobre corpo gordo, que neste caso é demasiadamente reportado pela mídia como corpo obeso, obesidade, sobrepeso, excesso de

chamamos a atenção para o fato de que: “[...] na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 70). Sendo assim, essa tipificação de pesquisa “[...] caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (Idem, 2007, p. 69).

peso, emagrecimento, e se a discursividade midiática inclinava para o processo de patologização do gordo, impondo-se assim, de certa maneira, culpabilidade e estigmatização) e exclusão (as matérias em que seus conteúdos não tinham relação com o objeto deste estudo), ou seja, conteúdos (textuais e imagéticos) os quais não discorriam sobre corpo gordo com teor gordofóbico.

Informa-se, ainda, que na sequência é apresentada a técnica utilizada para tratamento dos dados identificados e coletados, em específico, quanto ao conteúdo textual das reportagens; posteriormente são apresentados os elementos da Gramática do *Design* Visual (GDV) com vistas à análise quanto ao conteúdo imagético das reportagens.

2.1 Análise de Conteúdo

Para a análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), sendo assim, destaca-se que a opção pela referida análise com vistas ao desenvolvimento deste estudo, deu-se pelo fato de se constituir como abordagem metodológica por meio da qual se busca compreender o conteúdo emitido no processo de comunicação, tomando o texto como unidade interpretativa: “[...] trata-se de uma metodologia que se distingue das demais perspectivas no que diz respeito à leitura e interpretação de dados, por ser constituída de procedimentos singulares” (ABRANCHES *et al.*, 2017, p. 555).

Ademais, Bardin (2011) tangencia a constituição, a forma de operação e os objetivos da análise de conteúdo ao afirmar que a referida instrumentalização metodológica se caracteriza por:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Trata-se, assim, não singularmente da interpretação de um conteúdo ou de inferências superficiais, mas, do estabelecimento de relações de correspondência entre as estruturas semânticas, linguísticas, psicológicas e sociológicas dos conteúdos textuais, enfim, da constituição de um campo de determinações dos sentidos (FERREIRA; LOGUECIO, 2014).

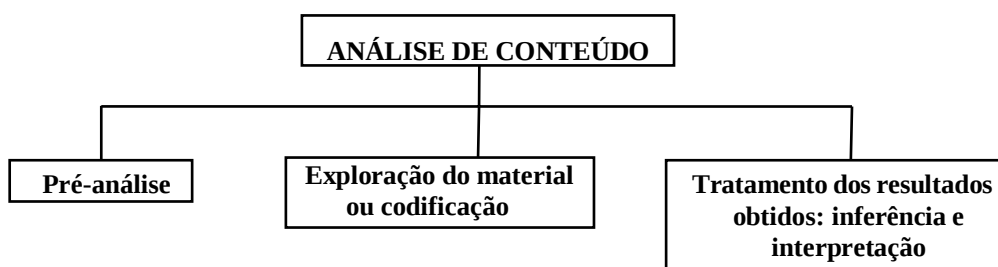
Franco (2018), tratando da análise de conteúdo, reforça que:

São perfeitamente possíveis e necessários o conhecimento e a utilização da análise de conteúdo, enquanto procedimento de pesquisa, no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada em uma concepção de ciência

que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento (FRANCO, 2018, p. 10).

Outra peculiaridade desta análise, que se torna cabível de destaque, diz respeito “[...] ao *corpus* de análise que não precisa prender-se a textos canônicos, podendo a perspectiva abarcar diferentes gêneros discursivos verbais e não verbais (peças publicitárias, filmes, cartas, revistas, etc.)” (ABRANCHES *et al.*, 2017, p. 555). Desta forma, a análise de conteúdo foi realizada tendo em vista as seguintes etapas, conforme apresentado na figura 2.

Figura 2 – Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: elaborado pelo autor com base em Bardin (2011)

Pré-análise: foi constituída pela leitura flutuante de todo o conteúdo disponibilizado nos Portais do UOL e do G1. Esta etapa inicial exigiu contato direto e relativamente intenso com o material de análise, permitindo que as primeiras impressões, pressupostos e até mesmo hipóteses relacionadas ao tema surgissem.

Para Abranches *et al.* (2017, p. 555), “[...] a constituição do *corpus* de análise está relacionada à delimitação do material que constitui o universo de estudo, sendo imprescindível o esgotamento da totalidade do texto, separação entre os temas trabalhados; bem como exclusividade, objetividade e pertinência”. Sendo assim, levou-se em conta os conteúdos intimamente relacionados às discursividades midiáticas como geradoras de saberes gordofóbicos.

Exploração do material: realizou-se uma análise aprofundada do conteúdo em que foram identificadas, elencadas e selecionadas as estruturas de relevância que se repetiam nos trechos os quais foram enfoque de análise com codificação e transformação dos dados brutos para identificação do núcleo de compreensão textual.

Sendo assim, informa-se que o conteúdo textual das matérias analisadas foi transportado para o processador de texto *Microsoft Word* e os fragmentos (quadro 1) que se repetiam em relação à patologização do corpo gordo, como por exemplo, a palavra **doença** e suas associações com **doenças crônicas** não transmissíveis, foram marcados em realce na cor

amarela. Já referente aos fragmentos (quadro 1) que, demasiadamente, repetiam-se fazendo referência ao **emagrecimento** e sua suposta relação com **à saúde**, como o segmento **perda de peso**, por exemplo, foram marcados em realce na cor turquesa.

E, os fragmentos (quadro 1) referente à discursividade que inclinava para a ideia de que a mídia estava exercendo uma pedagógica corporal, foram marcados em realce na cor verde, como por exemplo, **melhoras no estilo de vida**, ou seja, conforme o contexto da matéria veiculada, infere-se que a mídia exerce sua didatização corporal ao postular uma ideia de que uma rotina sistematizada de atividade física, aliada à alimentação regrada, isto é, eliminação da gordura, suscitará na melhoria do estilo de vida do sujeito, pois ter um corpo magro e/ou *fitness* é ser “sadio” (conforme os produtos midiáticos que passaram pelo tratamento analítico).

Isto posto, destaca-se que as categorias de análise temática são resultantes desse material empírico proveniente das reportagens e que relacionam-se à abordagem teórico-conceitual que embasou esta investigação, como por exemplo, as representações do corpo gordo nos portais investigados (SUDO; LUZ, 2007; VIGARELLO, 2012; POLAIN, 2013; CARVALHO, 2018; JIMENEZ, 2020), dentre outros/as, sendo elas: (1) Discursividade biomédica como normatividade; (2) Emagrecer é a palavra de ordem; (3) Mídia e sua pedagogia corporal.

Quadro 1 – Fragmentos identificados

PALAVRAS, TERMOS E FRAGMENTOS QUE GERARAM AS CATEGORIAS	
1.	Doença, doença crônica, comorbidades musculoesqueléticas
2.	Sobrepeso
3.	Obeso, obesa
4.	Obesidade, obesidade reduzida ou controlada, sofrem com a obesidade, chance de demência
5.	Histórico de Obesidade
6.	Consumo excessivo
7.	Contra a Obesidade
8.	Controle da Obesidade
9.	Tratamento da obesidade
10.	Combater a Obesidade, Combater essa doença
11.	Prevenir a Obesidade
12.	Redução na qualidade vida, problemas de saúde, dorme mal, reduzir a expectativa de vida, risco de morte
13.	Índice de Massa Corporal (IMC)
14.	Balança
15.	Excesso de Peso, acúmulo anormal de gordura
16.	Remédio, medicamento, medicação
17.	Diagnóstico, diagnóstico médico
18.	Cirurgias (plásticas e bariátricas), redução de estômago
19.	Maus hábitos
20.	Hábitos alimentares, alimentação regrada, equilibrada, saudável, desregulada
21.	Alimentos industrializados, ultraprocessados, frituras, refrigerantes e açúcares
22.	Excesso de peso, brasileiros engordaram, falta de vontade
23.	Excesso de gordura corporal, acima do peso, incômodo estético
24.	Perda de peso, novo peso

25. Peso saudável, peso normal
26. Dieta, equilíbrio, controle, disciplina
27. Emagrecimento, autoestima, saúde
28. Questão de saúde
29. Preocupação com a saúde
30. Prejuízos à saúde
31. Cuidar da saúde
32. Risco de obesidade
33. Risco de diabetes, hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, câncer
34. Profissionais da saúde, médicos
35. Estudos, cientificamente comprovada, pesquisadores, especialistas
36. Atividade física, exercício físico, corrida, caminhar, andar de <i>bike</i> , academia
37. Sessão de exercício, efeitos do exercício físico, queimando gordura, benefícios à saúde
38. Precisa ser controlada
39. Devorar uma caixa toda de bombons
40. Escolhas mais conscientes
41. Melhoras no estilo de vida

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Tratamento dos resultados e interpretação: nesta etapa realizaram-se inferências e interpretações, correlacionando os achados ao levantamento e mapeamento bibliográfico realizado inicialmente referente ao objeto deste estudo, mas também abrindo espaço para novas dimensões teóricas e interpretativas a partir do material empírico selecionado. Em suma, foram imprescindíveis à organização, e a contextualização dos produtos midiáticos selecionados do Portal UOL e G1 para a elaboração de um texto final.

2.2 Gramática do *Design Visual* (GDV)

Já ao que concerne à análise imagética (das imagens disponibilizadas na/pelas plataformas digitais de notícias) foi utilizada a GDV³⁸. De acordo com Santos (2015, p. 22) este tipo de gramática “[...] analisa linguística e estruturalmente os textos visuais e seus códigos semióticos a partir de uma tríade: a representação do mundo, a interação entre leitor e texto e a significação de suas escolhas visuais”.

Ainda conforme esta autora, a GDV sobrepõe três perspectivas: representação (aquilo que a imagem pretende representar, como por exemplo, objeto/pessoa/coisa); interação (do leitor com o texto/imagem) e significação (ou seja, os sentidos e signos que a imagem objetiva passar) (SANTOS, 2015).

³⁸ Proposta pelos linguistas e semioticistas Kress e Van Leeuwen (1996), a GDV está baseada e fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), a qual propõe a gramática como naturalmente relacionada ao significado, em outras palavras, ele é um sistema que realiza os padrões semânticos surgidos devido às necessidades dos falantes de interpretar a experiência humana e trocar com os outros, ou seja, pensar e agir com a língua respectivamente (SANTOS, 2015).

Nesse sentido, a partir desta gramática foi possível analisar como as plataformas digitais de notícias elaboram e veiculam as imagens dos corpos gordos, ou seja, se tendem a demonstrar este corpo como sendo inadequado, adoecido e/ou sórdido. Desse modo, “[...] reconhecer que as imagens não só possuem estrutura, mas, principalmente, apresentam sentido, possibilita a criação de leitores mais críticos diante das manifestações discursivas e das novas identidades sociais que o universo tecnológico tem despertado (SANTOS, 2015, p. 38).

Nessa perspectiva, destaca-se a educação para a mídia ou da mídia-educação³⁹, que desde seu surgimento pretende ser um potente instrumento formativo de operacionalização com vistas a uma educação crítica diante dos meios de comunicação (FANTIN, 2011).

Frente ao descrito, a análise imagética possibilita a aquisição de saberes acerca dos discursos midiáticos e suas intencionalidades correspondentes aos corpos gordos ou, minimamente, aos corpos que não estão de acordo aos padrões estéticos relacionados aos corpos magros/esguios e *fitness*. Nesse sentido, recorreu-se aos escritos de Santos (2015), a qual explica que:

A partir do que a Gramática do *Design* Visual apresenta, podemos pontuar que a imagem, ao ser utilizada em uma situação sociocomunicativa, conduz o próprio leitor a desempenhar três reações. A primeira se refere à identificação dos seres ou objetos ali representados e o que estão desempenhando. Já a segunda desperta esse mesmo leitor para a percepção de como se dá a interação, afinal, só haverá comunicação se o leitor interagir com o que está lendo (ou vendo, especificamente). A terceira reação está diante da significação dos elementos ali expostos. Se por um lado afirmamos que a presença da linguagem é quem determina os caminhos da leitura a ser feita, por outro, a Gramática do *Design* Visual nos instiga a compreender que isso não é aleatório e que cada elemento presente apresenta significação, intencionalidade e funcionalidade (SANTOS, 2015, p. 38).

Desta forma, percebe-se que a GDV assume papel fulcral ao que diz respeito às análises sistemáticas das imagens ou, até mesmo, a mensagem que a imagem pretende passar/comunicar para o leitor, e isto conectado aos discursos escritos (linguagem verbal), ou seja, quais os sentidos e significados a imagem (estrutura sintática) pretende vislumbrar.

Torna-se relevante pontuar que o intuito aqui não é sobrepujar o texto não verbal (imagens) em detrimento do verbal (o que está escrito) e sim utilizar como mais um recurso para verificar todas as características concernentes aos conteúdos/discursos midiáticos com

³⁹ Segundo esta autora, “[...] a necessidade de contemplar o estudo das mídias e das práticas comunicativas na escola vem sendo discutida há muito tempo na formação inicial e continuada de professores” (FANTIN, 2011, p. 28). Destaca-se, portanto, os pesquisadores Bazalgette, Gonet, Rivoltella e Belloni, que são do campo da educação e comunicação. De forma geral, seus constructos teórico-metodológicos “[...] enfatizam a necessidade de o currículo da formação de professores não apenas contemplar a comunicação, a mídia e a tecnologia mas que estas sejam estudadas, praticadas e aperfeiçoadas no sentido de uma relação emancipatória com as mídias” (FANTIN, 2012, p. 438).

vistas a uma melhor interpretação dos dados a serem obtidos, numa perspectiva de complementaridade, que, certamente, reforçará argumentos quanto aos achados da pesquisa e que permite um maior e melhor aprofundamento empírico.

Kress e Van Leeuwen (2006) *apud* Santos (2015) destacam as metafunções presentes na linguagem visual para uma melhor compreensão acerca deste tipo de análise imagética: a primeira metafunção apresentada pela “Gramática do *Design* Visual” é chamada de **representacional (ideacional)**. Nela, constrói-se a natureza dos eventos, objetos, participantes envolvidos e as circunstâncias, ou seja, “[...] enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social” (OTTONI; LIMA, 2014, p. 31).

Esta, por sua vez, divide-se em duas categorias: as representações conceituais e as narrativas. Referente à primeira representação, “[...] temos uma imagem não com uma narrativa, mas sim uma relação de taxonomia entre seus participantes” (GUALBERTO, 2013, p. 6). Já ao que tange a representação narrativa, Santos (2015) explica que: “[...] ocorre quando os elementos presentes indicam ações sendo realizadas. Mesmo as imagens permanecendo estáticas, sua disposição traduz uma narratividade, a qual é percebida pela disposição dos elementos” (SANTOS, 2015, p. 40). Para Kress e Van Leeuwen (2000) *apud* Scherrer (2013), será responsável pela construção visual, ação e reação.

Além da dimensão representacional, existem duas outras: **Interativa** também denominada de **interpessoal** – indica o modo como os participantes interagem. E a **Composicional** também denominada de **textual**: que tem relação com o arranjo dos elementos estruturais do texto imagético (KRESS; VAN LEEUWEN, 2000 *apud* SCHERRER, 2013, p. 2014).

Nesse sentido, torna-se perceptível que a partir da GDV o leitor (pesquisador) pode se debruçar com os elementos presentes na imagem, visto que estes são potentes condutores de comunicação e que possuem vários significados. Tendo em vista um melhor entendimento acerca das metafunções utilizadas no presente trabalho, o quadro 2, apresenta sistematicamente as suas respectivas conjecturas:

Quadro 2 – As Metafunções da Gramática do *Design* Visual

ELEMENTOS DA GRAMÁTICA DO <i>DESIGN</i> VISUAL (GDV)		
METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL (Relação entre participantes)	METAFUNÇÃO INTERATIVA (Relação entre imagem e observador)	METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL (Relação entre elementos da imagem)

Narrativa (visual, ação e reação) Conceitual (relação de taxonomia)	Contato (olhar) Distância social Perspectiva	Valor da Informação Enquadramento (estruturação) Saliência
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2000) *apud* Brito e Pimenta (2009), na **Metafunção Representacional** também denominada de **ideacional**, existem dois tipos de participantes, a saber: os participantes representados, neste caso, podendo ser pessoas, objetos e até mesmo lugares, ou seja, quem ou o que está representado na cena; e os participantes interativos, referindo-se ao produtor e ao interlocutor que realiza a leitura da imagem.

Conforme Kress e Van Leeuwen (2000) *apud* Scherrer (2020, p. 215), os elementos ou objetos representados se relacionam por meio de vetores, que indicam relações entre atores e meta, a partir da configuração dos participantes representados.

Já ao que tange a **Metafunção Interativa** ou **interpessoal**: trata-se da relação de interação estabelecida pelos falantes e as modalizações encontradas em uma dada situação comunicativa, ou seja, a forma como os participantes interagem. Além disso, as imagens são distribuídas em três dimensões, conforme Kress e Van Leeuwen (2006) *apud* Brito e Pimenta (2009), deixam explicitado:

- **Olhar** – dividem-se entre imagens de oferta (voltado para o leitor de forma indireta, ou seja, o leitor não é o objeto do olhar); e de demanda (o representante presente na imagem se põe a olhando diretamente para o leitor).
- **Distância social**: quando ocorre um menor distanciamento entre o participante representado e o leitor, utilizando os recursos de captura, em que a imagem fica mais próxima, aproximando o participante representado e o leitor.
- **Perspectiva**: relaciona-se com o ângulo com que a imagem é feita; podendo ser subjetiva (quando o participante representado é visto sob um ângulo específico) ou objetiva (revelando tudo que existe para ser visto na cena). Nesse ponto entra, ainda, questão do poder, estabilidade ou ratificação, apontados pelo ângulo vertical, ou a correlação de empatia por meio do ângulo horizontal.

Assim, quando o participante representado está de frente sugere-se uma interação maior com o participante interativo; quando o participante representado é visto de cima, em um ângulo vertical, ele é posto como pequeno, em relação a quem observa; ao contrário, quando o

participante representado é visto de baixo, ocorre a sugestão de poder em relação ao participante interativo.

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006) *apud* Brito e Pimenta (2009), na **Metafunção Composicional (Textual)** vários elementos estruturais do texto imagético se organizam de forma a conceber todo o significado dele e, para isso, são necessários os seguintes critérios:

a) Valor da informação: refere-se ao valor dado a cada elemento contido na imagem, de acordo com a posição que ocupa:

- **Dado/novo (Demarcação Horizontal):** a leitura se faz da esquerda para a direita, desse modo, as informações são postas e uma linha horizontal, ou seja, as informações localizadas no lado esquerdo já são de conhecimento do leitor, e o que é posto do lado direito é o que precisa ser compreendido pelo leitor, é o que ele ainda não conhece.
- **Ideal (Demarcação Vertical):** a leitura da imagem é feita de cima para baixo, nesse sentido, a parte superior é a idealização de algo, também podendo ter mais afinidade emotiva com o leitor, e a parte inferior trata-se de algo mais informativo e prático.
- **Centro e Margem:** no centro encontra-se o núcleo da informação, de modo que os elementos encontrados na margem servem de suporte às informações.

b) Enquadramento (Estrutura): diz respeito à presença ou à ausência de objetos interligados, ou seja, é o nível de conexão entre os elementos da composição imagética (SILVA; ALMEIDA, 2018). Por isso, “[...] as identidades visuais podem se relacionar quando estão conectadas ou podem estar separadas na medida em que não possuem mecanismos que possibilitem a identificação de que há relação entre elas” (SILVA; ALMEIDA, 2018, p. 54).

c) Saliência: responsável pela organização de informações, possibilitando perceber o grau de importância de um dado modo semiótico, essa diferenciação se dá por meio de recursos como: tamanho, cor, contraste, nitidez, brilho, perspectiva, sobreposição etc.

Além disso, destaca-se que, para além da “Teoria do Estado do Conhecimento”, que apresentaremos na seção seguinte, também houve suporte teórico-conceitual a partir da perspectiva teórico-metodológica da mídia-educação que, segundo Fantin (2011, p. 28), “[...] é uma condição de educação para a ‘cidadania⁴⁰ instrumental e de pertencimento’, para a

⁴⁰ Para esta autora, “[...] educar para a cidadania na escola envolve inclusão, trabalho transversal entre as disciplinas, cooperação, desenvolvimento de identidades complexas, interação com o território, pertencimento ao contexto local, nacional e global” (FANTIN, 2011, p. 29). A escolha da mídia-educação se dá pelo fato da referida

democratização de oportunidades educacionais e para o acesso e produção de saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais”.

Ademais, menciona-se que, como essa pesquisa é do tipo documental (análise de produto midiático), ou seja, não foi diretamente com seres humanos, não necessitou de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Para tanto, não diminui o rigor metodológico aplicado, bem como, o respeito ético às mais diversas etapas de pesquisa, anteriormente citadas.

pesquisa pretender analisar os conteúdos midiáticos presentes nas plataformas de notícias já informadas. Já referente às discursividades acerca do corpo gordo e o seu processo de patologização, culpabilização e estigmatização, por exemplo, houve suporte teórico de Vigarello (2012), que discorre sobre a história da obesidade em “As metamorfoses do gordo”; de Erving Goffman (1988), com sua obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”; de Jean-Pierre Poulain (2013), que contribui com a “Sociologia da Obesidade”; e, Georges Canguilhem (2009), com a obra “O normal e o patológico”.

3 TEORIA DO ESTADO DO CONHECIMENTO: LEVANTAMENTO E MAPEAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Seja qual for a área do saber, é fulcral realizar um levantamento a fim de detectar, em um determinado recorte temporal, o que foi e o que vem sendo produzido acerca do tema desejado para a pesquisa na perspectiva de uma melhor compreensão quanto à produção do conhecimento de um determinado objeto de investigação por uma área/campo do saber (FERREIRA, 2002).

Sendo assim, foi utilizada a “Teoria do Estado Conhecimento”. Segundo Morosini e Fernandes (2014) refere-se à identificação, registro e categorização que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área do conhecimento, em um determinado espaço/tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica a ser investigada.

Ainda conforme estas pesquisadoras, o “Estado do Conhecimento” deve ser o primeiro movimento de toda pesquisa, visto que, tanto localiza como norteia os caminhos da investigação, a partir do conhecimento e da compreensão da produção intelectual que trata estudos intimamente relacionados ao objeto a ser pesquisado (MOROSINI; FERNANDES, 2014). Sendo assim, “[...] o Estado do Conhecimento se refere a um panorama bibliográfico e quantitativo que permite situar o objeto de pesquisa, ou seja, possibilita entender as definições dadas ao objeto, o que propicia criar um novo caminho para descrevê-lo” (SOUZA; GONÇALVES, 2020, p. 366).

Entretanto, Pereira (2013) pontua ser “[...] essencial que se tenha em mente que o estado do conhecimento não se limita à identificação da produção, sendo fulcral analisá-la, categorizá-la, revelando os múltiplos objetos, enfoques e perspectivas presentes no material inventariado” (PEREIRA, 2013, p. 223). Para Souza e Gonçalves (2020), antes da efetivação do levantamento, o pesquisador apresenta determinadas hipóteses e concepções subjetivas sobre o tema, sendo que a partir do levantamento do que já fora produzido sobre a temática investigada é que o objeto de estudo passa a ter formato e significado.

Nessa perspectiva, desataca-se que, para efetivação do levantamento bibliográfico, foram definidos como critérios de inclusão os artigos científicos que estivessem disponíveis gratuitamente na versão digital, disponibilidade em língua portuguesa e estudos que discorressem sobre o objeto do estudo em tela. Além disso, foram incluídas no levantamento bibliográfico as dissertações e teses. Levou-se em consideração como marco temporal os estudos publicados nas duas últimas décadas (2002 – 2021).

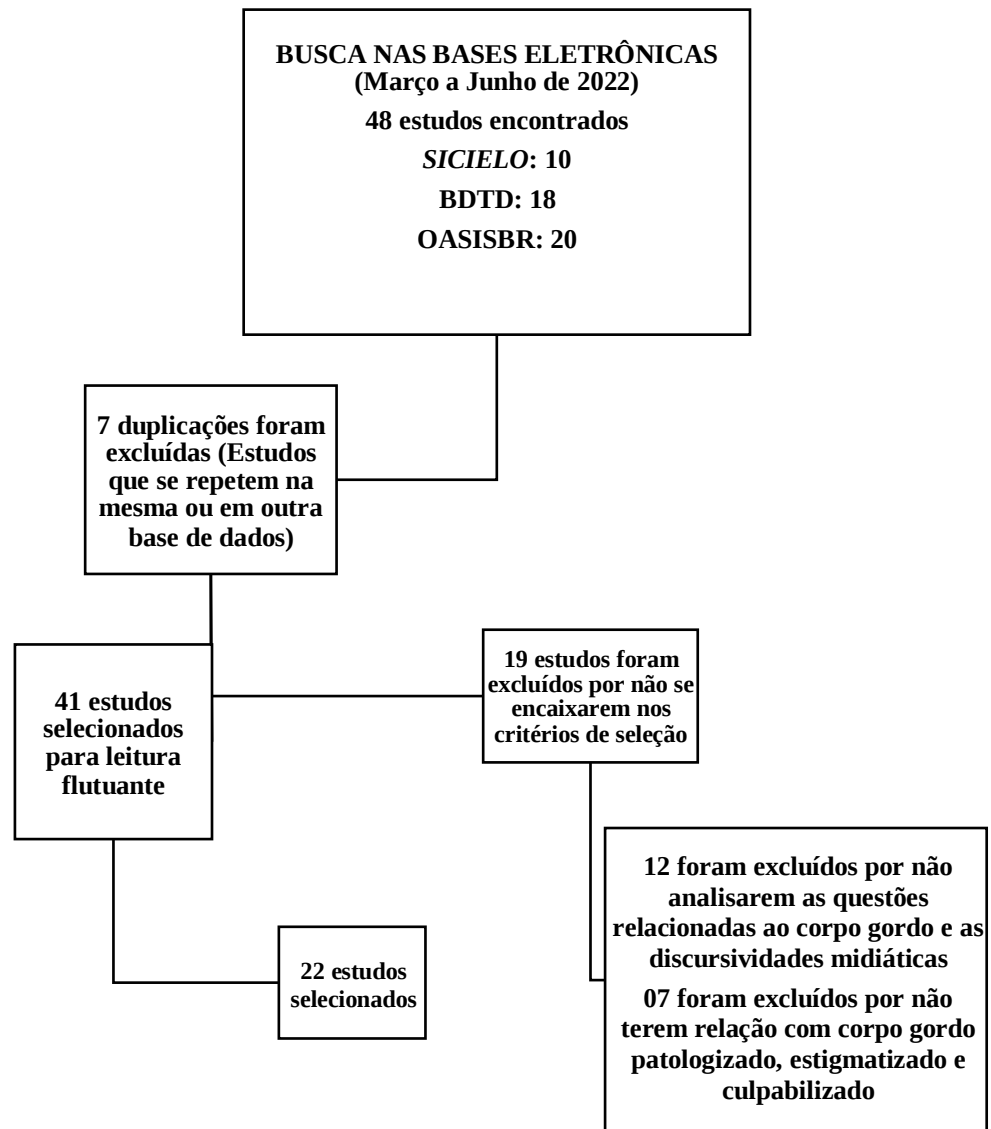
Além disso, considerou-se como critério de exclusão: resenhas, resumos de obras (trabalhos de conclusão de cursos, monografia, dissertações e teses), trabalhos publicados em “Anais de Congresso”, estudos que não tivessem relação com a gordofobia, corpo gordo (patologizado, estigmatizado, culpabilizado) e a mídia (plataforma digitais de notícias, *internet*, redes sociais digitais e obras cinematográficas), Trabalhos de Conclusão de Cursos que não tenham sido publicados em revistas científicas e estudos que discorressem sobre o corpo gordo a partir das Ciências Fisiológicas sem considerar as Ciências Humanas e Sociais.

Desse modo, a busca foi efetuada nas bases de dados do *Scientific Electronic Library Online – SciELO*; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, e também no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto – OASISBR, que reúne a produção de um determinado tema em língua portuguesa (incluindo Portugal).

Foram utilizados os seguintes descritores: “Corpo Gordo”, “Gordofobia”, “Mídias”, “*Internet*”, e “Redes Sociais Digitais”. No *SciELO*, foram acionados os operadores *booleanos* “AND”, “OR” e “AND NOT”. Nesse sentido, recorreu-se aos escritos de Morosini e Fernandes (2014, p. 158), as quais referem que “[...] a construção do Estado de Conhecimento, fornece um mapeamento das ideias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo”.

A seguir, na figura 3, é apresentada sistematicamente, os artigos encontrados e selecionados (tendo em vista os critérios de inclusão e exclusão) para compor o *corpus* do presente estudo, conforme foram atendidos os pressupostos da Teoria do Estado do conhecimento.

Figura 3 – Fluxograma das diferentes fases de busca e seleção dos estudos



Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Tendo em vista as informações elencadas, na figura 3, foram encontrados 48 estudos a partir das buscas nas 3 bases de dados selecionadas. No *Scielo*, 10 artigos; na BDTD, 18 estudos (sendo 17 dissertações e 1 tese), e na OASISBR, 20 trabalhos (sendo 12 artigos e 8 dissertações). Além disso, levando-se em consideração os descritores antepostos, localizou-se 7 artigos em duplicatas. Assim, 41 estudos foram analisados com informações obtidas através

do título e resumo, e quando era identificado que o estudo trazia elementos relacionados ao objeto do presente estudo, realizava-se uma leitura flutuante.

Após estes procedimentos de busca, 19 estudos foram excluídos por não tratarem especificamente sobre corpo gordo, e como a mídia se refere a esses corpos, inclusive, dando ênfase nas discursividades midiáticas que contribuem para promoção e manutenção do fenômeno da gordofobia. Por fim, 22 estudos foram identificados e selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa, a saber: *SCIELO* (5 artigos); *BDTD* (8 dissertações e 1 tese) e *OASISBR* (4 artigos e 4 dissertações).

3.1 Revisão no *Scientific Electronic Library Online - Scielo*

Com a efetivação do levantamento/mapeamento bibliográfico na base de dados *Scielo* [<https://www.scielo.br/>] evidenciou-se uma lacuna na literatura científica acerca de estudos que tratam do corpo gordo, gordofobia e a mídia. A exemplo do exposto, quando utilizadas as combinações de “Corpo Gordo” *and* “Gordofobia” / “Corpo Gordo” *or* “Gordofobia” / “Corpo Gordo” *and not* “Gordofobia” / “Corpo Gordo” *and* “Mídia” / “Gordofobia” *and* “Mídia” / “Corpo Gordo” *and* “Internet” / “Gordofobia” *and* “Internet” / “Corpo Gordo” *and* “Redes sociais digitais” e “Gordofobia” *and* “Redes sociais digitais”, chegou-se a um conjunto de 5 (cinco) artigos (quadro 3).

Estas combinações foram necessárias tendo em vista que o termo “gordofobia” é relativamente recente e em muitas das pesquisas que estudaram a obesidade ou até mesmo a questão do sobrepeso não o empregaram, uma vez que os estudos tiveram como tônica a obesidade sob o viés do modelo biomédico em saúde, ou seja, a perspectiva biomédica aponta o corpo gordo como um corpo doente, sendo assim, precisa de uma urgente intervenção.

Quadro 3 – Caracterização dos artigos encontrados no *SciELO*

Autoria/Estudo	Ano	País	Sujeitos/universo da pesquisa	Tema/Título
PAIM, Marina Bastos; KOVALESKI, Douglas Francisco.	2020	Brasil	Análise do texto: Diretrizes brasileiras de obesidade.	Patologização do corpo gordo
MENEZES, Camila Ferraz Jucá; FERREIRA, Rebeca Luisa Passos; MÉLO, Roberta de Sousa	2020	Brasil	Cinco interlocutoras, com idades entre 18 a 46 anos	“Imagina ela nua!”: Experiências de mulheres que se autodeclararam gordas

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro de; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira	2012	Brasil	30 mulheres praticantes de exercício físico em academias de ginástica da cidade do Recife	A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico
GODOI, Marcos Roberto; NEVES, Luciene	2012	Brasil	Análise fílmica da obra cinematográfica "Preciosa: uma história de esperança"	Corpo, violência sexual, vulnerabilidade e educação libertadora no filme "Preciosa: uma história de esperança"
SUDO, Nara; LUZ, Madel	2007	Brasil	Análise qualitativa e interpretativa de catorze matérias que foram capas de duas revistas semanais brasileiras: Veja e IstoÉ, entre os anos de 1997 e 2002	Representações do ser gordo em revistas semanais

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Levando-se em consideração os achados evidenciados no quadro 3, percebe-se o quanto a temática da gordofobia tem sido tratada de maneira incipiente, o que se torna cabível de reflexão, daí a relevância em acompanhar como ocorre a sua construção e as suas respectivas implicações, visto que os atributos gordofóbicos têm sido a tônica dos saberes médicos e frequentemente veiculados pela mídia, seja esta televisiva ou até mesmo a partir das plataformas digitais de notícias (as quais alcançam uma grande parcela da sociedade).

Outrossim, torna-se cabível de análise a recorrência de estudos que utilizam a nomenclatura “corpo gordo” em detrimento da palavra gordofobia, diante disso, é que no momento do levantamento/mapeamento bibliográfico foi necessário utilizar como descritor “corpo gordo”, caso contrário a quantidade de estudos a serem selecionados para compor o estudo em tela seria menor ainda.

Destarte, foram selecionados estudos que tematizaram o corpo gordo e os atributos voltados para patologização, culpabilização, marginalização e estigmatização desses corpos simplesmente por não estarem em conformidade com o que é estipulado pelos discursos e práticas midiáticas acerca do culto ao corpo “perfeito”.

Outro fato inferido, diz respeito aos anos de publicação dos estudos, pois há um notório espaço de tempo, a exemplo do exposto, após a publicação do estudo de Sudo e Luz (2007), somente houve outras publicações no ano de 2012, a saber, os estudos de Teixeira, Freitas e Caminha (2012) e Godoi e Neves (2012). Após essas publicações é que houvera outras duas

publicações: Paim e Kovalesski (2020) e Menezes, Ferreira e Mélo (2020), ou seja, depois de 8 anos.

Tal fato leva a inferir que apesar do urgente e emergente debate sobre a temática em questão, isso não tem ocorrido, muito provavelmente devido a incipiente relevância dada às questões intimamente relacionadas à gordofobia, ou mesmo, a dificuldade das Humanidades em observar tal fenômeno para além do formato “tradicional” que as Ciências da Saúde observam enquanto patologia da obesidade.

Nesse sentido, faz-se necessário realizar a discussão dos estudos selecionados como forma de deixar elucidado os objetos de estudos desenvolvidos pelos/as autores/as acerca dos corpos gordos. Assim sendo, no estudo de Sudo e Luz (2007) o objetivo foi analisar as representações sociais⁴¹ acerca do ser gordo, através de uma análise qualitativa e interpretativa de 14 (quatorze matérias) que foram capas de duas revistas semanais brasileiras: *Veja* e *IstoÉ*, entre os anos de 1997 e 2002. Para tanto, vale mencionar que os autores privilegiaram a utilização do conceito de representações sociais, tal como é utilizado pelas ciências sociais, justamente por permitir compreender por que determinadas questões, como é o caso do sujeito “ser gordo” logram notórias visibilidades.

Nesse ínterim, os autores constataram a partir das análises que as duas revistas destacam depoimentos com base nas epistemologias biomédicas as quais legitimam a primazia de um tipo de corpo comumente caracterizado como sendo o mais “ideal”, por ser considerado, pelas revistas, como sinônimo de saúde (compreendida conforme a “norma” dos saberes biomédicos, entre o que é tido como “normal” ou patológico), e alegria – o corpo magro (SUDO; LUZ, 2007). Tal situação corrobora para a estigmatização do corpo gordo, ocasionando, desta forma, uma repulsa à gordura, ou melhor dizendo, pavor sobre os corpos gordos, de tal modo em que estes são anulados.

Isto posto, é oportuno referir que, apesar do estudo desenvolvido por Sudo e Luz (2007) ter sido realizado há aproximadamente 15 anos, esses fatos elencados configuram-se dentro de uma realidade da sociedade mediatizada vigente.

Já ao que tange o estudo de Paim e Kovalesski (2020) foi realizada uma análise das “Diretrizes Brasileiras de Obesidade” sobre o campo da obesidade, sua influência sobre a *práxis* profissional, o tipo de tratamento incentivado e o processo decisório em relação aos corpos

⁴¹ De acordo com Sá (2004, p. 4) refere-se a um “[...] conjunto de conceitos, preposições e explicações, criada na vida cotidiana no discurso da comunicação interindividual. São equivalentes aos mitos e sistemas de crenças encontrados nas sociedades tradicionais. E podem também ser vistas como a visão contemporânea do senso comum. Sua principal missão é tornar algo não familiar em familiar”.

gordos, para tanto, associada à emergente discussão de como o discurso da saúde (modelo biomédico) busca a justificação e reprodução da gordofobia.

Nessa perspectiva, os autores notaram que o discurso presente no documento analisado, ratifica a saúde relacionada aos corpos magros, além disso, reproduz atributos estereotipados acerca do corpo gordo estabelecendo relações de maneira direcionada aos quilogramas perdidos com melhor grau de saúde (PAIM; KOVALESKI, 2020). Nesse sentido, Poulain (2013) pontua que a obesidade tem recebido um tratamento de caráter global como se fosse um iminente desastre, inclusive é, por vezes, tratada pela Organização Mundial da Saúde, como uma “pandemia”, e isto é amparado pela midiaticização alarmista e determinista.

Não obstante, Paim e Kovalesski (2020) destacam que “[...] o conhecimento científico acaba disseminando um rol de soluções simplistas para fenômenos complexos, aplicando-o de forma reducionista, patologizante e totalmente direcionado ao âmbito biológico e comportamental” (PAIM; KOVALESKI, 2020, p. 3), ou seja, os corpos gordos são vítimas dos ideais biomédicos e devido a isso não são visualizados como corpos com histórias e singularidades inerentes a cada sujeito.

Além do mais, há um imaginário engendrado na sociedade de que o sujeito gordo vive deprimido e que é descontrolado, fracassado e desleixado, sendo que, por vezes, esta forma de pensamento (pré-concebido) se naturaliza no próprio sujeito gordo (seria a gordofobia com viés estrutural) (PAIM; KOVALESKI, 2020).

Outro pensamento (pré-concebido) que promove gordofobia diz respeito à inaptidão física do corpo gordo, pois há o imaginário de que todo corpo gordo é sedentário, preguiçoso e incapaz de realizar atividades físicas. Nesse sentido, torna-se passível de compreensão de que “[...] a gordofobia está impregnada na nossa concepção de corpo, projetando limitações, culpa e exclusão das pessoas gordas (condenadas ao exílio)” (PAIM; KOVALESKI, 2020, p. 4).

À vista do exposto, percebe-se o quão os sujeitos com corpos gordos são notados como “algo” que não deve ser referência para aquilo que é considerado como sendo o “ideal”, belo e desejado, justamente pelo fato de romper com os padrões estipulados pelos discursos hegemônicos (como se houvesse um único tipo de corpo existente o qual tem que ser aceito e valorizado – o magro/esguio/*fitness*).

Nessa esteira de análise, menciona-se o estudo desenvolvido por Menezes, Ferreira e Mélo (2020), em que buscaram compreender os significados que mulheres que se autodeclaram gordas atribuem às suas experiências corporais cotidianas. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica envolvendo cinco interlocutoras, com idades entre 18 a 46 anos, utilizando como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados

apontaram os preconceitos sofridos, mas também as estratégias elaboradas por essas mulheres em sua rotina cotidiana.

Estes autores explicitam que:

Escutar as histórias dessas mulheres foi a via encontrada para compreendermos e refletirmos sobre como práticas sociais afetam suas formas de olhar para si e constituir-se no (e com o) mundo. Os conteúdos que emergem a partir de suas experiências refletem de que modo os nossos pactos sociais são marcados por uma violência contra a espontaneidade dos corpos-pessoas em suas travessias. Revelam ideais civilizatórios que trazem em seu âmago o apagamento e mesmo a morte simbólica do que escapa aos padrões lipofóbicos (MENEZES; FERREIRA; MÉLO, 2020, p. 10).

Frente ao exposto, percebe-se o quanto que a sociedade vigente é revestida de práticas opressoras acerca daquilo que não é visualizado como sendo “norma” a ser seguida e, a partir disso, violenta e exclui os corpos (pessoas) gordos/as como se estes/as não fossem carregados/as de histórias e sentimentos existenciais.

Para Menezes, Ferreira e Mélo (2020) os conflitos narrados pelas mulheres participantes do seu estudo evidenciam, sobretudo, as políticas de coexistência, “[...] pelas quais se demarca a indesejabilidade de determinados corpos, no que a própria presença nos espaços se torna um desafio: corpos que precisam explicar por que existem dessa forma” (MENEZES; FERREIRA; MÉLO, 2020, p. 10). A partir dos excertos da fala dos autores citados, torna-se passível de compreensão o quão o corpo gordo é visto como uma afronta às práticas e percepções sociais vigentes ao que concerne a imagem corporal contemporânea.

Ainda acerca das análises dos estudos elencados, Teixeira, Freitas e Caminha (2012) objetivaram em seu estudo analisar como os sujeitos lipofóbicos problematizam o corpo gordo na atualidade, a partir dos discursos de 30 mulheres praticantes de exercício físico em academias de ginástica da cidade do Recife/PE.

Para tal, recorreram à teoria de Foucault para analisar as formas de problematização produzidas e reproduzidas pelos sujeitos lipofóbicos acerca do corpo gordo, além disso, utilizaram um roteiro de entrevista composto por imagens (*photo elicitation*), sendo que a análise seguiu a proposta arqueológica foucaultiana.

Estes, por sua vez, verificaram que os saberes médicos estabelecem um determinado tipo de “verdade” sobre o corpo gordo com tamanha potencialidade que acaba se tornando preponderante para uma aceitação social. Para os autores, “[...] sua ação pode ser verificada através de conhecimentos e técnicas que possibilitam aos sujeitos uma vigilância progressiva sobre os excessos do corpo” (TEIXEIRA; FREITAS; CAMINHA, 2012, p. 599).

Por outro lado, os discursos e saberes midiáticos, bem como a moda, agem propagando nos diversos contextos sociais imagens do que seria o “ideal” de corpo e produzem obsessões ligadas ao consumo e à estimulação do corpo tido como “perfeito” e almejável (aspectos que contribuem para valorização de formas de corpos que sigam uma homogeneização e objetivação).

Entretanto, os autores destacam que “[...] não se trata, contudo, de considerar os sujeitos lipofóbicos como marionetes do saber médico, da mídia e da moda. Os pensamentos e atitudes lipofóbicas representam uma opção de existência que encontra condições de possibilidade na atual moral de controle-estimulação” (TEIXEIRA; FREITAS; CAMINHA, 2012, p. 599). Além disso, os achados demonstram a real necessidade acerca da expansão de estudos que investiguem a produção de verdades acerca do corpo e seus possíveis regimes de existência, pois, como explicitado por Penas (2021):

O corpo se destaca, na condição de marca identitária, como um atributo que classifica e hierarquiza os indivíduos, sendo supervalorizado o corpo *fitness* – aquele moldado em academias de musculação e múltiplos treinos de condicionamento físico atualmente disponíveis - e desqualificados o corpo gordo, suas dobras excedentes e volumes tenros e macios (PENAS, 2021, p. 19).

Já o estudo de Godoi e Neves (2012) teve por objetivo analisar as representações de corpo (raça, obesidade e beleza), de violência sexual e os aspectos de vulnerabilidade, educação e emancipação vividos pela protagonista na trama do filme “Preciosa: uma história de esperança”. A partir da análise os autores identificaram representações acerca do corpo gordo e negro, tais como de rejeição e preconceito, além disso, o desejo de Preciosa em ser bela e famosa; de valorização do próprio corpo e de sua beleza.

Outro fato que importa colocar em destaque diz respeito à violência sexual, pois a mãe da protagonista a explora e a violenta fisicamente e psicologicamente, além de encobrir o abuso sexual cometido por seu marido e inserir a culpa na filha pelo ocorrido (GODOI; NEVES, 2012).

Levando-se em consideração a análise da obra cinematográfica, “Preciosa: uma história de esperança”, conforme Godoi e Neves (2012), a vulnerabilidade foi verificada nas dimensões individual, social e institucional, no que se refere à violência sexual. Por outro horizonte, a educação cumpriu um relevante papel frente ao processo de emancipação tendo em vista a situação de opressão e de vulnerabilidade vivenciada pela protagonista. Na análise fílmica, Godoi e Neves (2012) subentendem que Preciosa gostaria, de fato, ser aceita com o corpo que tem, sem necessariamente precisar se enquadrar (ou ser enquadrada) no padrão estético hegemônico o qual se idealiza pela magreza ou pelo corpo atlético.

Outro trecho cabível de ser aqui problematizado está relacionado à cena em que após fazer um teste para entrar na escola alternativa, pelo fato de ter sido expulsa da escola tradicional, pois estava na sua segunda gravidez, a protagonista desabafa: “Sempre tem algo errado com esses testes. Fica parecendo que eu não tenho cérebro. Fica parecendo que eu e minha mãe, a família toda, que a gente é idiota. Só uma gordura feia e preta para ser jogada fora. Vai arrumar o que fazer. Às vezes eu queria estar morta⁴²” (GODOI; NEVES, 2012, p. 412).

Tal cena demonstra uma realidade dolorosa a qual é vivenciada por milhares de pessoas a partir, inclusive, da estigmatização e marginalização do corpo gordo e isto se torna ainda mais desumano para quem vivencia no âmago a profunda violência originária do racismo⁴³ estrutural e institucionalizado.

Silva e Mezzaroba (2022) objetivaram identificar e problematizar os atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica *Shallow Hal* – “O amor é cego” (EUA, 2001)⁴⁴, como ferramenta pedagógica sob o viés da análise fílmica. Para tal, metodologicamente, guiou-se pelos pressupostos da análise de conteúdo de Manuela Penafria (2009). Estes autores afirmam que a obra se desenvolve a partir de estereótipos acerca do culto

⁴² Uma outra obra cinematográfica que suscitou debates quanto ao seu caráter gordofóbico, foi “A baleia” (*The Whale*, em seu título original), dirigida pelo cineasta Darren Aronofsky e protagonizada pelo ator Brendan Fraser, interpretando um professor universitário, o qual ministra suas aulas de Literatura de maneira *on-line*, porém sempre com a câmera fechada, alegando problemas técnicos. O que não é verdade, pois não quer que os alunos vejam que ele tem obesidade (considerada pela área biomédica) como mórbida (270 kg). A obra levou dois Oscars em 2023: melhor ator e melhor maquiagem e penteado. Disponível em: <https://vogue.globo.com/beleza/noticia/2023/03/a-baleia-ganha-o-oscar-de-melhor-maquiagem-confira-os-detalhes-por-tras-da-caracterizacao-que-demorou-mais-de-6-horas.ghml>. Acesso em: 17 maio 2023.

⁴³ De acordo com Almeida (2018, p. 25), “[...] racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem”. Par este autor, “[...] o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas” (ALMEIDA, 2018, p. 39-40). Já referente ao racismo institucional, Theodoro (2014) afirma que a ausência de negros em grandes empresas ocupando posições de comando, bem como em cargos de destaque na estrutura estatal ou, até mesmo em templos religiosos: “[...] são marcas indelévels do preconceito em sua dimensão maior, também conhecida como racismo institucional” (THEODORO, 2014, p. 215). Para o autor, este tipo de racismo, “[...] manifesta-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico-raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada”.

⁴⁴ Sob a direção dos irmãos Bobby Farrelly e Peter Farrelly, do gênero comédia/drama/romance e estreado principalmente por Hal Larson (Jack Black); Rosemary Shanahan (Gwyneth Paltrow) e Maurício Wilson (Jason Alexander) ambos personagens com corpos gordos. A obra é desenvolvida a partir da história de Hal Larson que vai desde a sua infância à fase adulta. O enredo cinematográfico, inicia-se no momento em que seu pai, o Reverendo Larson (Bruce McGill), no leito da morte, constrói um discurso estereotipado acerca dos corpos femininos e, assim, faz com que Hal o prometa que irá se relacionar apenas com mulheres que correspondam aos paradigmas da sociedade acerca do corpo que represente a magreza como sinônimo de beleza e saúde.

ao “corpo perfeito”, bem como, mostra aos espectadores como é o cotidiano das pessoas gordas frente aos atributos preconceituosos, discriminatórios e estigmatizantes.

Isto posto, Gonçalves e Azevedo (2007) nos compartilham a seguinte ideiação:

A cultura, contudo, ao marginalizar os que se encontram na “diferença” tendenciona as pessoas a buscarem uma aparência que as torne muito parecidas entre si. Essa semelhança não significa igualdade. Pelo contrário, imputa ao ostracismo àqueles que, as qualidades despertam vergonha e assim, são negadas, escondidas e camufladas, principalmente pelos negros que se sentem distantes desse modelo, e para tal proximidade muitas vezes renegam sua etnia. Assim, moldam-se os corpos de forma que a peça no “quebra-cabeça social” se encaixe perfeitamente, pois se forem diferentes não servirão adequadamente para a rede que constitui a sociedade (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 2008).

Portanto, observa-se que a obra analisada por Godoi e Neves (2012) permite problematizar pertinentes interseccionalidades acerca do corpo (negro) gordo e da vulnerabilidade e violência vivenciada pela protagonista, além das relações de opressão dominação e discriminação que ocasiona processos de exclusão social.

Levando-se em consideração as informações apresentadas, torna-se passível de entendimento que a prática gordofóbica está presente no dia a dia de várias pessoas, inclusive, resulta da forte pressão estética produzida e disseminada pela mídia o que recai em práticas gordofóbicas estruturais e institucionalizadas, porém estas padronizações não consideram a pluralidade étnico-racial e a diversidade corporal existente na vida em sociedade.

Sendo assim, infere-se que as produções supracitadas contribuem para a aquisição de conhecimentos de como a temática da gordofobia tem sido refletida e discutida no meio acadêmico e dar suporte teórico para um melhor direcionamento acerca dos percursos a serem seguidos tendo em vista a questão de pesquisa do presente estudo.

3.2 Revisão na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Dando continuidade à análise dos estudos elencados a partir da “Teoria do Estado do Conhecimento”, no quadro 4, são caracterizados os estudos encontrados na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDTD) [<https://bdtd.ibict.br/vufind/>] os quais estão distribuídos da seguinte forma:

Quadro 4 – Caracterização dos estudos encontrados na BDTD

Autoria/Estudo	Ano	País/UF	Sujeitos/Universo da pesquisa/Tipo de Análise	Tema/Título
----------------	-----	---------	---	-------------

PILGER, Caroline Roveda (TESE) ÁREA DE CONHECIMENTO: COMUNICAÇÃO	2021	Brasil/RS	O corpus é composto por 172 edições da revista Donna (Grupo RBS), coletadas entre os anos de 2016 a 2019	As gordas saem do armário... e entram no <i>closet</i> : interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento na configuração das mulheres gordas pela revista Donna
SOUZA, Valdelice Cruz da Silva (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: EDUCAÇÃO	2021	Brasil/MS	Realizada a partir de um questionário que foi respondido por 58 alunos e três grupos focais com 16 alunos matriculados no 5º ano do ensino fundamental de três escolas públicas	Os sentimentos e as representações sociais sobre gordofobia entre pré-adolescentes no contexto escolar de Sidrolândia /MS
PENAS, Evelyn Cristina de Sousa (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: PSICOLOGIA	2021	Brasil/CE	O <i>corpus</i> analisado foi composto por dez vídeos publicados na plataforma <i>YouTube</i> , selecionados mediante busca realizada entre janeiro e abril de 2020 a partir da busca pelos termos “gordofobia” e “ativismo gordo	Gordofobia em cena: estratégias discursivas contra o preconceito em vídeos do <i>Youtube</i>
PAIXÃO, Ana Karla Ramalho (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: SAÚDE COLETIVA	2021	Brasil/CE	Trata-se de um estudo netnográfico em perfis do <i>Instagram</i> , de abordagem qualitativa pautado pela Semiótica Peirceana	O mundo em pandemia: o ócio do isolamento social como reprodutor da gordofobia no <i>Instagram</i>
PEREIRA, Mayara Custodio (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: PSICOLOGIA	2019	Brasil/CE	5 pessoas que frequentam os Grupos Socioeducativos de Obesidade e Compulsão Alimentar, localizados no Núcleo de Atenção Médica Integrada da Universidade de Fortaleza	Gordofobia: uma análise sobre a percepção de discriminação baseada no peso
CAETANO, Virgínia Barbosa Lucena (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: LETRAS	2019	Brasil/RS	O <i>corpus</i> foi composto por quatro relatos, de autoria anônima, reunidos para um projeto digital intitulado: “Não tem Cabimento”, que é desenvolvido na rede social virtual <i>Tumblr</i> , e tem como objetivo	Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos/ gordas

			reunir e colocar em circulação. depoimentos de sujeitos que passaram por algum episódio de gordofobia	
SILVA, Luis Pereira (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: FILOSOFIA	2019	Brasil/SP	A pesquisa foi realizada com mulheres da cidade de Salvador e de São Paulo, as quais delacraram fazer parte da militância dos corpos gordos	É o meu corpo que sustenta as minhas ideias: Corpo, comida e saúde na voz da militância gorda
CARVALHO, Alexandra Bittencourt (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: LETRAS	2018	Brasil/MG	O <i>corpus</i> é constituído por dez textos digitais, sendo três (3) blogs e uma (1) revista <i>online</i> , respectivamente, Gorda e Sapatão, Kiss the Fat Girl, Beleza sem Tamanho e Capitolina.	Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas
PFUETZENREITER, Nataniele Patricia Bohn (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: SAÚDE COLETIVA	2018	Brasil/SP	Estudo qualitativo, baseado na prática <i>online</i> de etnografia em que fora acompanhado 3 perfis no <i>Instagram</i> relacionados ao movimento <i>plus size</i> , o Blog Mulherão (www.instagram.com/blogmulherao/), de Renata Poskus, (www.instagram.com/alexandrisomos/) e de Alexandra Gurgel e (www.instagram.com/marianaxavieroficial/) de Mariana Xavier.	Obesidade sob o olhar antropológico: etnografia <i>online</i> do movimento <i>plus size</i>

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Após o levantamento/mapeamento e tendo em vista os descritores para a delimitação da busca, tais como: “Gordofobia”, “Corpo Gordo”, “Mídias”, “Redes Sociais Digitais” e “Internet”, chegou-se a um total de 9 (nove) estudos, sendo 8 (oito) dissertações e 1 (uma) tese. Das 8 (oito) dissertações, 3 (três) foram desenvolvidas na área de conhecimento da Psicologia, 2 (duas) na Saúde Coletiva, 2 (duas) em Letras e 1 (uma) na área de conhecimento da Filosofia; já em relação à tese encontrada, essa, por sua vez, fora desenvolvida na área da Comunicação.

Destaca-se que não foram encontrados estudos que fossem ou que tivessem relação com o campo do saber específico da Educação Física e da Educação, isto, por sua vez, torna-se cabível de problematização já que esta é uma área de conhecimento que está presente tanto no

contexto formal (âmbito escolar) como informal (fora do espaço escolar). Além do mais, se a gordofobia está presente nos mais variados contextos sociais, faz-se necessário que seja investigada e tematizada, inclusive, pelo campo científico da área da EF.

Além disso, outro fato cabível de destaque refere-se às recentes pesquisas, pois ocorreram 2 (duas) publicações no ano de 2018; 3 (três) publicações em 2019 e 4 (quatro) publicações em 2021 (incluindo a Tese), o que indica, a partir desses achados, que apesar de serem escassos os estudos acerca da temática aqui analisada, têm havido nos últimos quatro anos um notório interesse por parte dos pesquisadores (embora não consolidado), haja vista que tem sido um tema atual e que precisa ser devidamente problematizado com vistas a dirimir as ações estereotipadas e gordofóbicas nos mais diversos contextos da sociedade, inclusive, na própria instituição escolar.

Ademais, analisou-se as regiões em que esses estudos foram desenvolvidos, sendo assim, 3 (três) na região Nordeste, sendo 2 deles no Ceará; 2 (dois) na região Sul, em específico no estado do Rio Grande do Sul, e 4 (quatro) na região Sudeste do país, sendo 2 (dois) desses trabalhos em São Paulo e 2 (dois) em Minas Gerais. De fato, evidencia-se ínfimas produções, para tanto, essa problemática é evidenciada, inclusive, na região Nordeste com apenas 3 (três) estudos (dissertações) e ambas concentradas no Estado do Ceará.

Todos os estudos analisados, apresentam relação com o objeto de estudo do presente trabalho, sendo assim, faz-se necessário discutir e problematizar os achados encontrados nesses estudos inventariados para um melhor entendimento de como a temática tem sido tratada no espaço acadêmico e sua relevância em termos sociais e educacionais.

Frente ao exposto, inicia-se essa discussão a partir do estudo de Pereira (2019), o qual teve como objetivo conhecer as consequências da discriminação baseada no peso para os indivíduos com peso “normal” e para os indivíduos acima do peso e, identificar quais as situações de discriminação baseadas no peso são vivenciadas pelos gordos. Sendo assim, participaram do estudo 200 pessoas da população em geral que responderam a um questionário online contendo a Escala de Autoestima de Rosenberg (*EAR*), *Obesity - Related Problem Scale (OP)*, o *Stigmatizing Situations Inventory (SSI)* e perguntas de caráter sociodemográfico. Os dados foram analisados por meio do *software SPSS*.

Os achados apontam que os sujeitos com peso classificado como “normal” apresentam um nível de autoestima mais elevado quando comparado aos sujeitos acima do peso e que o primeiro grupo apresenta mais comprometimento psicossocial do que os que apresentaram sobrepeso (PEREIRA, 2019). Além disso, os participantes com peso “normal” não percebem

as situações de discriminação baseadas no peso, enquanto os participantes classificados com sobrepeso relataram perceber de forma clara as situações de discriminação (PEREIRA, 2019).

Ademais, a autora buscou compreender as experiências de discriminação vivenciadas pelas gordas, nesse caso, participaram cinco mulheres, as quais frequentavam grupos socioeducativos de obesidade e compulsão alimentar. Foram realizadas entrevistas com as mulheres e a utilização de um questionário com perguntas sociodemográficas. Para tal, os dados foram transcritos e analisados por meio de uma análise de conteúdo temática (PEREIRA, 2019).

A partir da análise, Pereira (2019) menciona que as pessoas com corpos gordos vivenciam situações de discriminação em diversos espaços sociais, sendo que tal problemática ocasiona consequências negativas, tendo em vista os aspectos biopsicossociais. Ainda conforme a autora, a discriminação que tem como base o peso corporal tem sido cada vez mais (re)produzida e compartilhada em diversos cenários sociais e se relaciona à exigência e à supervalorização da magreza pela sociedade, resultando em consequências negativas para suas vítimas (PEREIRA, 2019).

Já ao que tange o estudo de Caetano (2019), este tivera como objetivo compreender como se dá a relação entre corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos, atentando para o imaginário que esses sujeitos têm de si e do outro. Para tanto, a autora ancorou-se na teoria da Análise de Discurso de vertente Pêcheuxiana (teoria que articula saberes advindos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise).

Nesse sentido, tivera como *corpus* quatro relatos, de autoria anônima, reunidos para um projeto digital intitulado “Não tem Cabimento”, que é desenvolvido na rede social virtual *Tumblr*, e tem como objetivo reunir e colocar em circulação depoimentos de sujeitos que passaram por algum episódio de gordofobia.

Diante da análise realizada por Caetano (2019), a mesma autora conclui que: “[...] o processo de subjetivação do sujeito gordo é atravessado por uma negação: o sujeito é aquilo que ele não é. Ao contrário de sujeitos que se autoidentificariam com o padrão de corpo determinado ideologicamente”. Observa-se que este padrão de corpo, que tem sido determinista, está intimamente relacionado ao corpo magro, mas também esguio e *fitness* e todas as outras formas de corpos que não correspondam a esse determinismo passam a ser expurgadas.

Para Vigarello (2012, p. 318), “[...] a identificação cada vez maior do indivíduo com seu corpo na sociedade de hoje acentua, no caso do obeso, uma insuperável dilaceração íntima: viver uma identidade ‘partida’ e constatar ao mesmo tempo a impossibilidade de superá-la”.

Desse modo, percebe-se que as subjetividades das pessoas gordas são frequentemente deslegitimadas, a gordura é a tônica das representações sociais e não o sujeito e suas múltiplas dimensões.

Não obstante, Silva (2019) investigou os discursos sobre corpo, comida e saúde de mulheres que participam da chamada militância gorda. O autor realizou a pesquisa com mulheres residentes da cidade de Salvador e de São Paulo, as quais declararam serem partícipes da militância em prol do corpo gordo. Sendo assim, as mulheres eram instigadas a falar sobre a relação delas com a comida; o que pensavam sobre o discurso biomédico; e como se relacionavam com o próprio corpo.

Nesse sentido, Silva (2019) destaca que a forma de pensar do modelo biomédico se sustenta na perspectiva anatomofisiológica, considerando a obesidade como uma anomalia, porém, esta maneira de pensar a obesidade busca alicerce no discurso biológico com vistas à justificativa (deturpada e reducionista) da preocupação com a saúde do sujeito, ou seja, está relacionado à dimensão moral na busca por uma vida tida como saudável.

Carvalho (2018) objetivou analisar como as representações e identidades dos corpos gordos se modificam quando interseccionadas a outros marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade e geração. Com vistas ao objetivo proposto, o *corpus* de análise fora constituído por 10 (dez) textos digitais, sendo 3 (três) *blogs* e 1 (uma) revista *online*, respectivamente, “Gorda e Sapatão”, “*Kiss the Fat Girl*”, “Beleza sem Tamanho” e “Capitolina”. Sendo assim, a autora dividiu a análise em três categorias temáticas: a (des)construção do corpo feio e doente; a criação e transformação das representações e identidades das gordas e o empoderamento.

Na primeira categoria, constatou-se que os sentidos sobre os corpos gordos como sendo feios são legitimados, primeiramente, pela pornografia, ao idealizar um tipo de beleza e desejo no corpo robustecido e, segundo, a moda, ao estabelecer o protótipo de beleza magro, e, no que tange à moda *plus size*, o ideal de corpulência que mais se assemelha ao padrão (CARVALHO, 2018). Ainda conforme esta autora, há o processo de medicalização⁴⁵ dos corpos gordos sustentado pelos saberes biomédicos, os quais patologizam e têm como premissa a busca pela “cura”, ou seja, a obesidade – vista “facilmente” pelo corpo gordo – é identificada de imediato como um corpo doente.

De acordo com Poulain (2013), faz-se necessário analisar a evolução do estatuto epidemiológico da obesidade, “[...] porque houve um momento que se considerou a obesidade

⁴⁵ “[...] a medicalização tem sido comumente associada ao uso excessivo e inadequado de medicamentos (prescritos ou não) e à má prática clínica (relacionada a infrações éticas ou conhecimento biomédico insuficiente)” (CARDOSO, 2015, p. 5).

como um problema estético e moral para um período em que ela se tornou uma causa de doenças, o objeto de uma argumentação sanitária cada vez mais avançada, de uma lenta, porém contínua, medicalização” (POULAIN, 2013, p. 157). O autor ainda alerta que isso ocorre até ser considerada como epidemia mundial.

Poulain (2013) assinala que isso tem resultado em um profundo processo de medicalização da obesidade, medicalização no sentido que Conrad (1992) define como sendo: “[...] um processo pelo qual os problemas não médicos são definidos e tratados como médicos, em termos de doença e de disfunção” (CONRAD, 1992 *apud* POULAIN, 2013, p. 157).

Na segunda categoria – criação e transformação das representações –, Carvalho (2018) constatou que as instituições as quais criam as representações e identidades negativas sobre os corpos gordos são o governo, a partir de políticas de acessibilidade que não contemplam todos os corpos, e a moda, ao criar um padrão de gorda para a moda *plus size*. A transformação se dá nos relatos de si, também na militância gorda, a partir da representatividade de mulheres gordas como exemplos a serem seguidos e da autoaceitação.

Carvalho (2018) discorre que na terceira categoria, representada pela mesma instituição de resignificação e transformação das representações e identidades, o empoderamento é compreendido ainda na esfera do desejo, através, principalmente, da autoaceitação e da crítica às feminilidades.

Por fim, constatou-se que a partir do entrecruzamento do cenário da negociação da diferença de Fairclough (2003) aos marcadores sociais da diferença, quanto maior é a intersecção destes nos relatos de si, mais temáticas são problematizadas, acentuando as diferenças e revelando lutas de significado. No que tange à identidade de gênero, Carvalho (2018) constatou que não há relatos de mulheres *trans* gordas, uma forma de suprimir as diferenças e emergir relações assimétricas de poder dentro dos relatos de si de gordas nas práticas midiáticas digitais.

Embora o presente estudo não tenha como propósito discutir a opressão estética⁴⁶ acerca, principalmente, dos corpos femininos, mas, sim, sobre o fenômeno da gordofobia, o estudo de Naomi Wolf (1992) é central para a discussão acerca da opressão estética sobre as mulheres, ao relacionar a beleza e a opressão de gênero como um resquício do patriarcado, e o mito da beleza como recurso de controle social e dominação dos corpos.

⁴⁶ A gordofobia tem especificidades que a diferenciam da opressão estética generalizada sobre as mulheres: “[...] pessoas gordas sofrem com o impedimento da acessibilidade (em ônibus, aviões, restaurantes, cinemas, etc.), sofrem para encontrar roupas de seu tamanho nas lojas, sofrem de olhares de valor de juízo quando se alimentam publicamente, dentre diversas outras violências” (RANGEL 2018, p. 51).

Wolf (1992), destaca como uma de suas principais ideias, o controle do corpo feminino por meio das dietas. Para a esta autora, a dieta como disciplinamento de gênero, isto é, como o maior sedante político da história das mulheres. Uma vez que a obsessão pela beleza é a obsessão pela obediência das mulheres, pois a dieta incita características como passividade, ansiedade, culpa, submissão, quer dizer o mito da beleza não é mera causalidade.

Nessa esteira de análise das dissertações e tese, o estudo de Paixão (2021) tivera como objetivo analisar imagens postadas no *Instagram* relacionadas ao emagrecimento/ganho de peso no contexto do isolamento social pela Pandemia de COVID-19⁴⁷ no Brasil. A autora percorreu o estudo a partir de uma netnografia de abordagem qualitativa pautado pela Semiótica Peirceana. Desta forma, foram identificadas as *hashtags* que tiveram elevada visualização durante o isolamento social e que se relacionavam ao emagrecimento/ganho de peso no *Instagram*. Paixão (2021) verificou nestas postagens pontos de inserção do fenômeno da gordofobia.

As *hashtags* #emagrecereaparecer, #engordeinaquarentena e #perderpesonaquarentena foram acompanhadas no período compreendido entre 20 de março a 20 de setembro de 2020, totalizando seis meses, gerando ao final da investigação 17 imagens que foram analisadas em profundidade. Paixão (2021) categorizou as imagens em quatro índices: “Gordura não!” “O gordo depreciado”, “O corpo gordo como *meme*” e “Para onde vai o dinheiro do gordo”.

A partir da análise efetivada, a autora menciona ser perceptível que a gordura era e tem sido percebida com muito pavor, há um medo de engordar e diante disso diversas pessoas buscam motivação para perder quilos, inclusive, passam a seguir perfis de pessoas que dedicam grande parte do seu tempo em postar imagens e frases com viés motivador e desmerecendo a gordura. Para Paixão (2021), aqueles que tiveram aumento de peso durante o isolamento social, sofrem com as críticas estereotipadas, inclusive, a partir do uso de *memes* no *Instagram*, o que tem contribuído para uma simbólica naturalização acerca da estigmatização do peso corpóreo.

Segundo Poulain (2013), essa estigmatização se baseia num sistema de representações do corpo gordo que reflete as qualidades morais da pessoa. Ou seja, a desvalorização moral das pessoas gordas está associada a diversos valores negativos e crenças estigmatizantes.

Além disso, a autora também observou postagens autodepreciativas de famosos sobre o próprio peso corpóreo de maneira extrovertida (é a gordofobia “disfarçada” de brincadeira),

⁴⁷ Surgiu, em dezembro de 2019, em Wuhan, na China, os primeiros casos da COVID-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. A OMS declarou como pandemia em 11 de março de 2020, quando havia mais de 118 mil infectados em 114 países e 4291 mortes. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/11/ciencia/noticia/oms-declara-pandemia-exige-acoes-urgentes-agressivas-paises-1907364>. Acesso em: 13 maio 2020.

como por exemplo, uma imagem postada no *Instagram* do cantor Cesar Menotti⁴⁸. Ele possui um perfil no *Instagram* com quase 2 milhões de seguidores (no presente momento está com 2,2 milhões de seguidores) onde costuma retratar por meio de fotos e vídeos ao lado de sua família o seu cotidiano, histórias, estórias e suas músicas, juntamente com seu irmão.

A imagem analisada por Paixão (2021) é composta por um autorretrato do cantor que mantém uma expressão facial neutra, está com cabelos penteados, óculos escuros, camiseta preta e um espelho ao fundo. A legenda faz uma negação de sua gordura – “não tô gordo” e afirma que está “inchado” com “pancadas” recebidas do ano 2020, fazendo uma alusão ao ano em que se iniciou a pandemia ocasionada pela COVID-19 (a qual assolou o planeta e impeliu modificações no estilo de vida das pessoas, além, é claro, de ter ceifado milhões de vidas).

Nesse percurso de análise, o estudo de Penas (2021) tivera como objetivo identificar as estratégias utilizadas em vídeos do *YouTube* para construir narrativas sobre a gordofobia e o ativismo gordo. A abordagem teórico-metodológica baseou-se na perspectiva da “Psicologia Social Crítica” discursivamente orientada. O *corpus* analisado fora composto por dez vídeos publicados na plataforma *YouTube*, selecionados mediante busca realizada entre janeiro e abril de 2020 a partir da busca pelos termos “gordofobia” e “ativismo gordo”.

Penas (2021) observou que os vídeos contestam as narrativas com viés hegemônicos naturalizantes de um corpo gordo adoecido e destilam uma crítica contundente, de modo frequente por meio da ironia e da sátira, aos preconceitos, constrangimentos e piadas depreciativas que são disseminadas livremente contra o sujeito com corpo gordo numa cultura contemporânea gordofóbica. A autora ainda destaca que o humor se torna uma potente estratégia pedagógica, mas também uma importante crítica construtiva com vistas a proporcionar contextos sociais mais inclusivos aos diferentes modos de existência.

Souza (2021) objetivou identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes que estudam em escolas públicas de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero e se há influência da mídia na propagação do preconceito. Para a abordagem epistêmica, Souza (2021)

⁴⁸ Considerado um dos grandes sucessos da música sertaneja ao lado do irmão Fabiano e com quem forma a dupla ‘César Menotti & Fabiano’. Sendo assim, uma figura pública conhecida por milhares de brasileiros/as. O cantor César Menotti participou do quadro “Medida Certa” (quadro dominical do Fantástico e transmitido pela Rede Globo de TV, que tratava especialmente de emagrecimento, em 2013). À época, o referido cantor chegou a perder 23 kg, e acabou ganhando a edição daquele ano, já que outras figuras públicas também participaram, a saber: Fábio Porchat (perdeu 10 kg), Gaby Amarantes (perdeu 11 kg), Preta Gil (perdeu 7 kg). Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2013/12/foi-tudo-muito-dificil-revela-cesar-menotti-sobre-o-medida-certa.html>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ancorou-se aos conceitos da “Teoria das Representações Sociais”, sob a perspectiva de Moscovici e seus colaboradores, entre outros autores.

A pesquisa foi realizada a partir de um questionário que foi respondido por 58 alunos e três grupos focais com 16 alunos matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental de três escolas públicas no município de Sidrolândia-MS, escolhidas por sua localização, contemplando uma escola de centro, uma periférica e uma comunidade indígena.

Conforme Souza (2021), os resultados revelam que, embora os homens estejam sob coerção devido à configuração corporal, a mulher ainda segue como principal desígnio da gordofobia, em que os saberes e práticas midiáticas frequentemente aclamam o corpo magro como modelo a ser quisto e, sobretudo, conquistado, nesse sentido, o corpo trabalhado em academia, o que origina angústia e processos de sofrimento psíquico aos que não alcançam as postuladas exigências.

As informações que recebemos atualmente sobre questões de beleza, saúde, cuidados com o corpo, atividades físicas de maneira geral, fazem parte de um modo de vida racionalizado, orientado fortemente pela cultura de consumo e por valores centrados no individualismo, na competição, no sucesso e no dinheiro. A Escola, como uma instituição socioeducativa, precisa trabalhar com a mediação dos meios de comunicação, não negando sua utilidade na educação, mas sim problematizando de forma crítica, certos equívocos e leviandades cometidas pela mídia (CAETANO; PIRES; COSTA, 2009, p. 5).

Já ao que concerne à tese de doutorado da Pilger (2021) tivera como objetivo central compreender de que modos o “corpo” jornalístico da revista Donna (publicado como seção do Jornal Zero Hora, do Grupo RBS, no Rio Grande do Sul) configura os corpos das mulheres gordas e suas respectivas pautas levando em consideração os eixos interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento. O *corpus* fora composto por 172 edições da revista Donna, coletadas entre os anos de 2016 a 2019.

Pilger (2021) realizou um levantamento quantitativo totalizando 366 textos jornalísticos (verbais e visuais) em que foram coletadas informações sobre as mulheres gordas, interseccionalizadas por raça, classe, gênero, sexualidade, faixa etária, deficiência, tamanho, profissão e território. No entanto, a autora utilizou como recorte qualitativo, apenas os textos em que havia o protagonismo gordo, o que resultou em 52 achados que também foram analisados de acordo com o tripé teórico-metodológico da pesquisa.

Esta autora, em linhas gerais, menciona que, levando em conta a interseccionalidade, obteve como principais achados, uma padronização do não-padrão, quando as mulheres gordas de Donna são predominantemente brancas, jovens, com corpos menores a médios, sem quaisquer tipos de deficiência, modelos, reproduzindo o que já tem sido contundentemente

naturalizado no universo das mulheres com corpos magros da revista. A referida autora ainda refere que quando colocam as mulheres com corpos gordos como sendo protagonistas, as narrativas concedidas promovem a ascensão da gordofobia.

Não obstante, Pfuetzenreiter (2018) desenvolveu seu estudo com objetivo de analisar o movimento *Plus Size*⁴⁹ a partir de relatos disponíveis nas redes sociais em uma perspectiva antropológica e identificar os comportamentos ligados aos processos de saúde e doença que integram o movimento *plus size*. Nesse sentido, a autora acompanhou no *Instagram*, 3 (três) perfis relacionados ao movimento *plus size*: a) o *Blog Mulherão* de Renata Poskus; b) de Alexandra Gurgel; c) Mariana Xavier, respectivamente:

- [www.instagram.com/blogmulherao/]
- [www.instagram.com/alexandrismos/]
- [www.instagram.com/marianaxavieroficial/]

Para tal, analisou-se os achados em dois grandes eixos: o primeiro se refere às influenciadoras digitais responsáveis pelos perfis, e no segundo eixo, os resultados referentes às repercussões nas redes sociais entre as seguidoras. Acerca das influenciadoras digitais, observou-se 3 (três) principais discussões: a) Moda: indicações e dicas de onde encontrar roupas e a divulgação da moda *plus size*; b) Cotidiano das responsáveis pelo perfil, a maneira como vivem e encaram as situações de dificuldades estão entre os assuntos mais comentados, por se sentirem representadas pelas postagens e pela coragem de expor o corpo que constantemente é criticado, e, c) Comportamentos que influenciam debates sobre conceitos como empoderamento, gordofobia, saúde, construções sociais e a importância do amor próprio independente do seu peso.

É importante reconhecer a potência da *internet* estabelecendo novas forma de comunicação e sociabilidade. Influencia na vida e na saúde das pessoas. Apesar da internet não estar ao alcance de toda a população, a saúde não pode menosprezar sua influência positiva ou negativa no indivíduo. A vida conectada permite a interação social com diferentes núcleos sociais, estas trocas formam um ser com diferentes influências e subjetividades dos quais ele está inserido fisicamente. Estas interações permitem novas discussões sobre assuntos “naturalizados” como corpos gordos e sua aceitação, corpos específicos como “os corpos de praia”, “os que podem ser felizes” (PFUETZENREITER, 2018, p. 103).

⁴⁹ Termo em inglês, de origem estadunidense, que significa “mais” (de “*plus*”) e “tamanho” (de “*size*”). Sendo muito utilizado no campo da moda por empresas que disponibilizam tamanhos maiores de roupas para todos os corpos, inclusive, o corpo gordo ou muito gordo.

Desse modo, torna-se cabível de compreensão de que a *internet* pode ser, não somente um espaço em que ocorre a disseminação de conteúdos e discursos com viés discriminatório e excludente, com vistas à imagem corporal das pessoas com corpulências que não atendem aos paradigmas negativos, mas sim, um espaço em que os corpos excluídos possam ter o seu protagonismo, já que existe a troca de experiências e acolhimento por parte das pessoas que comungam dos mesmos ideais ou que vivencia no âmago o sofrimento advindo das práticas sociais gordofóbicas.

Sendo assim, os estudos acima citados trazem pertinentes saberes acerca das opressões sociais, originárias da gordofobia, sofridas pelas pessoas corpulentas, os estudos evidenciam a deslegitimação do corpo o qual não segue os ditames da sociedade hodierna – o corpo que está no sobrepeso; gordo ou muito gordo. No mais, infere-se que o presente levantamento/mapeamento se torna de grande valia frente ao processo de aprendizagem tendo em vista a temática investigada; corpo gordo e conteúdos gordofóbicos veiculados na/pela mídia.

3.3 Revisão no Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto

Seguindo a análise dos estudos elencados a partir do levantamento/mapeamento bibliográfico realizado no estudo em tela, o quadro 5, abaixo, traz as características dos estudos (artigos científicos) encontrados na base de dados do Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto – OASISBR [<https://oasisbr.ibict.br/vufind/>].

Quadro 5 – Caracterização dos estudos (artigos científicos) encontrados na OASISBR

Autoria/Estudo	Ano	País/Origem	Sujeitos/Universo da pesquisa/Análise de dados	Tema/Título
ARRUDA, Agnes Sousa ARTIGO CIENTÍFICO	2021	Brasil	Pesquisa que combina revisão de literatura e análise de conteúdo em uma perspectiva complexa	O nome dela é Jenifer: representatividade gorda importa
BASTOS, Sandra Nazaré Dias; LINHARES, Marcos Allan; SILVA, Lêda Valéria Alves (ARTIGO CIENTÍFICO)	2021	Brasil	Utilizou-se de ferramentas teóricas propostas por Michel Foucault para olhar como personagens femininos “acima do peso” são mostrados	Problematizando a imposição de corpos femininos desejáveis nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem

SOUZA, Bárbara Pavei. ARTIGO CIENTÍFICO	2019	Brasil	Revisão de Literatura e análise documental	O movimento <i>plus size</i> e o corpo
SOUZA JÚNIOR, João Henriques ARTIGO CIENTÍFICO	2019	Brasil	Revisão de Literatura e análise documental	Representação do gordo no cinema nacional: análise de papéis de atores com sobrepeso e obesidade nas produções cinematográficas brasileiras de maior bilheteria

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Nas buscas a esta plataforma científica foram encontrados 4 (quatro) artigos que apresentam relação com o objeto do estudo. Dos 4 (quatro) artigos encontrados, conforme nossos critérios, na base de dados OASISBR, 2 (dois) estudos foram publicados em 2019; 2 (dois) foram publicados em 2021. Embora existam publicações recentes, percebe-se uma ínfima produção acerca do tema investigado, sendo assim, faz-se necessária a discussão destes estudos para melhor compreender como este objeto de conhecimento tem sido trabalhado pelos autores, auxiliando-nos, na sequência da pesquisa, a descobrir mais elemento quanto à gordofobia, corpo e mídia.

Desta forma, inicia-se esta discussão a partir dos excertos da fala de Arruda (2021), a qual explana que sempre ficou evidente a concepção da existência de uma discrepância de tratamento entre as pessoas magras e as gordas, pois, conforme a autora, para quem em seu inteiro percurso de vida foi hostilizada pela estrutura corporal sempre viu corpos (como o seu próprio corpo) serem rejeitados também pela mídia.

Para Arruda (2021) é inconcebível dizer que a gordofobia não existe ou até mesmo, tentar justificá-la a partir de uma suposta preocupação com a saúde, isto de fato aponta para um discurso “recheado” de hipocrisia, uma vez que, justamente tentando se encaixar na normatização da magreza, cada vez mais pessoas passam por situações/procedimentos que podem levá-las, inclusive, à morte. Ainda assim, o assunto tem sido incipientemente tratado, em especial no ambiente acadêmico, sendo urgente então trabalhos que tragam a gordofobia à tônica.

Para Souza (2019) torna-se evidente como a experiência do corpo perpassa por modificações a partir da experiência da cultura, em que o corpo desponta como a beleza imaginada pelos preceitos determinados pela sociedade capitalista. A autora refere que: “[...] o corpo é sempre provisório, pois ele é produzido pelo efeito que os discursos produzem sobre

ele e pela ideologia dominante, que ainda é a masculina (homem, branco, classe média-alta, magro, heterossexual) que busca sempre moldar a ‘carne feminina’ (SOUZA, 2019, p. 80).

Nesse sentido, o que se observa é uma intensa depreciação, seguida de uma significativa repulsa acerca dos corpos que não se “ajustam” a essa norma social, determinista e midiaticizada, ou melhor dizendo, a essa hegemonia normativa. Sendo assim, importa deixar elucidado que, além do papel de entretenimento, tanto o cinema e como as demais mídias, convencionais ou digitais, possuem um importantíssimo papel na construção de conscientização social para diversas objetivações (SOUSA JÚNIOR, 2019).

Além disso, Fantin (2011) contribui dizendo que “[...] as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo” (FANTIN, 2009, p. 28). Tal autora ainda complementa:

E apesar das mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, as mediações pedagógicas visam capacitar crianças e professores para uma recepção ativa e a uma produção responsável que auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, acessam, interagem, produzem e compartilham, visto que a precariedade da reflexão sobre linguagens, conteúdos, meios e interesses econômicos impede uma compreensão mais rica (FANTIN, 2009, p. 28).

Nesse sentido, a partir de obras cinematográficas torna-se de fato exequível relacionar o dia a dia das pessoas com as abordagens fílmicas e fazer uso desse recurso midiático de tal forma que reverbere positivamente (ou criticamente, reflexivamente) na vida de milhares de pessoas, uma vez que, predominantemente, os filmes se utilizam dos personagens gordos os colocando em situações de chacotas e como comediantes (pejorativamente), inclusive, em todos os meios de comunicação em massa (televisão, rádio, jornal e *internet*).

Para Bastos, Linhares e Silva (2021) existe atualmente um notório investimento com vistas à aquisição de um corpo “perfeito”, isto ocorre por meio de “[...] programas de televisão, revistas, documentários, séries, livros, embalagens de alimentos, postagens nas redes sociais que é possível ‘auxiliar’ as pessoas que desejam se dedicarem na ‘luta’ por um corpo ‘ideal’ (BASTOS; LINHARES; SILVA, 2021, p. 314). Ainda conforme estes autores, na rede social *Instagram* são encontradas diversas contas relacionadas a uma suposta vida saudável em que as pessoas são convidadas constantemente a seguir dietas e exercícios para ter um corpo aceitável, reconhecido e valorizado socialmente e midiaticamente.

Para tanto, Bastos, Linhares e Silva (2021) sugerem que os professores/as quando ensinarem sobre o corpo nas aulas de Biologia, torna-se fundamentalmente necessário

desnaturalizar os agenciamentos que ratificam o padrão corpóreo como sendo a meta a ser atingida.

Ainda seguindo a análise na base de dados do Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto – OASISBR [<https://oasisbr.ibict.br/vufind/>], o quadro 6, na sequência, apresenta as características dos seguintes estudos classificados como monografias, dissertações e teses:

Quadro 6 – Caracterização dos estudos (monografia e dissertações) encontrados na OASISBR

Autoria/Estudo	Ano	País/Origem	Sujeitos/Universo da pesquisa/Análise de dados	Tema/Título
PICAGEVICZ, Ana Paula (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: LETRAS	2018	Brasil/PR	Para construção do <i>corpus</i> desta pesquisa foram recortadas 23 sequências discursivas de matérias produzidas e veiculadas pelo Portal G1 (Grupo Globo) de 2012 a 2016	“Você seria tão bonita, se fosse magra”: os múltiplos sentidos no discurso da superação da obesidade
RODRIGUES, Ramilla Corrêa; ARCOVERDE, Vanessa Machado (MONOGRAFIA) ÁREA DE CONHECIMENTO: COMUNICAÇÃO SOCIAL	2014	Brasil/DF	Analisa a representação da personagem Perséfone Fortino na novela Amor à Vida, exibida pela rede Globo de Televisão de 20 de maio de 2013 a 31 de janeiro de 2014. Observamos como a novela de Walcyr Carrasco representou a mulher gorda na trama, através do estudo de 40 capítulos	Cinderela não é gorda: análise de conteúdo da personagem Perséfone na novela Amor à Vida
ESTANISLAU, Fabiano Marçal (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: FILOSOFIA	2014	Brasil/SP	Análise de artigos nas bases de dados do <i>Scielo</i> BR e da CAPES e investigação do programa televisivo “Bem-estar” da Rede Globo	Produção de sentidos na balança: as relações entre ciência, mídia e cotidiano nos discursos de obesidade
MARTINS, Jaqueline (DISSERTAÇÃO) ÁREA DE CONHECIMENTO: EDUCAÇÃO	2006	Brasil/RS	O <i>corpus</i> da pesquisa foi composto pelo: a) conjunto de materiais coletados da mídia impressa e televisiva sobre a temática (reportagens, peças publicitárias, série	Tudo, menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza

			televisiva, etc.); b) 18 obras de literatura infanto-juvenil que tematizam o ser gordo; c) manifestações do grupo de crianças que leu os livros e se expressou através de falas, textos e desenhos	
--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Frente ao levantamento destaca-se que foram encontrados 4 (quatro) estudos (uma monografia e três dissertações), as quais discorrem a respeito do trabalho ora apresentado. Quanto às regiões, 1 (um) estudo fora publicado no Centro-oeste, no Distrito Federal; 1 (um) no Sudeste, em São Paulo e 2 (dois) na região do Sul do país, estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Não diferentemente das demais buscas, esta também apresentara uma notória lacuna científica referente a estudos sobre a gordofobia, corpo gordo e a mídia.

Ademais, a título de elucidação dos objetos investigados pelos autores, informa-se que no estudo desenvolvido por Rodrigues e Arcoverde (2014) objetivou-se analisar a representação da personagem Perséfone Fortino (representada pela atriz Fabiana Karla) na novela “Amor à Vida”, exibida pela Rede Globo de Televisão, de 20 de maio de 2013 a 31 de janeiro de 2014. Para tal, observaram como a novela de Walcyr Carrasco representou a mulher gorda na trama, através do estudo de 40 capítulos.

Além disso, foi utilizado como embasamento teórico conceitos de gordofobia, representação social; estudos feministas e de gênero, assim como de mídia e TV. Diante das análises, Rodrigues e Arcoverde (2014) pontuam que Perséfone é retratada como não sendo desejada sexualmente e socialmente, justamente por se apresentar em um corpo gordo, na obra cinematográfica em questão, o gordo é representado como doente e que necessita urgentemente de cuidados com vistas à eliminação da gordura (percebida como causadora de males).

No entanto, como muito bem pontuam Rodrigues e Arcoverde (2014): “[...] essa representação se torna fonte de conflito na identidade do gordo, ao relacionar a obesidade a valores negativos como a não-atratividade, o gordo como cômico e como objeto de escárnio” (RODRIGUES; ARCOVERDE, 2014, p. 64).

Na verdade, o que ocorre é a severa culpabilização e marginalização do corpo gordo e em situações mais específicas a sua patologização. Para Rodrigues e Arcoverde (2014, p. 66): “[...] a condição mutável do gordo o torna vulnerável tanto ao calvário quanto à salvação, e é essa mutabilidade o mais cruel: surge a ideia de que, se ele realmente quiser, ele pode emagrecer, basta que tenha força de vontade”. Ou seja, esse discurso inclina para ideia de que

o sujeito está gordo por seu desleixo, sua preguiça e sua falta de vontade de buscar um estilo de vida que, a partir de uma rigorosa dieta e a prática sistematizada de atividades físicas, possa promover uma modificação em sua configuração corpórea (de gordo para magro ou até mesmo *fitness*).

Picagevicz (2018) em seu estudo objetivou, a partir do pressuposto teórico-metodológico da “Análise do Discurso” de orientação francesa, os processos de produção de sentido na veiculação de notícias, no portal de notícias G1, referente à superação da obesidade. O autor utilizou para a construção do *corpus* 23 (vinte e três) sequências discursivas de matérias produzidas e veiculadas pelo Portal G1 – portal de notícias da Rede Globo – de 2012 a 2016, com a finalidade de compreender a “necessidade” de superar as barreiras que é corpo gordo.

A partir de toda análise, Picagevicz (2018) identificou que o corpo gordo é determinado com elevada negatividade, enquanto o corpo magro é enaltecido; além disso, o autor observou como: “[...] o corpo produz sentido em sua relação com as discursividades e como elas organizam no corpo o que é exterior a ele para produzir o efeito de homogeneidade” (PICAGEVICZ, 2018, p. 131). Tal realidade social concreta, torna-se de fato anacrônica e excludente, pois vivemos em uma sociedade composta pela heterogeneidade dos corpos e seus mais variados marcadores identitários.

Já ao que concerne à análise do estudo de Estanislau (2014), este objetivou entender como são produzidos os sentidos de obesidade pelas relações discursivas da ciência, da mídia e das conversas do cotidiano. Tendo em vista o objetivo elencado pelo autor, o mesmo menciona que a mídia faz uso de discursos biomédicos para construir uma representação social com uma significativa polarização acerca de tipos ideais de corpos gordos, ou seja, o gordo que sofre as consequências negativas por ser o único culpado por isso e aquele que teve uma mudança positiva na vida depois do processo de emagrecimento.

Além disso, Estanislau (2014) destaca que o tratamento promovido pela mídia à obesidade, tendo em vista o processo de elaboração da notícia e os efeitos de discursos produzidos, “[...] abrange a espetacularização como conceito-chave para compreender certo sensacionalismo que há na produção jornalística em contextos de epidemia” (PICAGEVICZ, 2018, p. 131). Tal espetacularização em nada contribui para promoção de uma sociedade que respeite e acolha as diferenças existentes, inclusive, ao que diz respeito os diferentes tipos de corpos (altos, baixos, magros, gordos, deficientes, LGBT’s, negros, indígenas etc.).

Levando-se em conta os estudos elencados e discutidos, verifica-se a notória contribuição dessas produções tendo em vista o objeto de estudo aqui problematizado, neste caso em específico, caracteriza-se como importantes e interessantes investigações que se

propuseram a (re)pensar produtos culturais midiáticos, como obras cinematográficas (novela e filmes), seções de portais de *internet*, revistas impressas e digitais, jornais, redes sociais digitais, e até mesmo produtos infanto-juvenis, como por exemplo, histórias em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem como fatores subjetivadores sobre corpo, magreza, boa forma, beleza, obesidade, etc.

Nessa perspectiva, cabe destacar que após os achados, torna-se notável a lacuna científica diante o objeto de estudo investigado: Corpo gordo e as discursividades midiáticas geradoras de gordofobia. Sendo que, nas três bases de dados elencadas para fazer parte do *corpus* da presente pesquisa: *Scientific Electronic Library Online – SciELO*; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, e Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto – OASISBR foram localizados incipientes estudos, para tanto, verifica-se que a gordofobia tem sido um assunto hodierno tanto que as ínfimas produções encontradas tratam-se, principalmente, de produções dos últimos 5 anos.

De toda forma, é necessário considerar que o material encontrado permitiu uma relevante imersão teórica tendo em vista o objeto deste estudo, o que possibilitou “mergulhar” nas reflexões e análises concernentes à gordofobia. Além do exposto, a partir da análise consolidada dos estudos inventariados, torna-se perceptível a real necessidade de problematizar os atributos negativos destilados às pessoas com corpos gordos, ou até mesmo as que não se encaixam aos padrões estéticos, os quais são deterministas acerca do que seria o “ideal” de corpo a ser alcançado.

É justamente diante dessa linha de pensamento que as pessoas gordas são patologizadas, estigmatizadas e culpabilizadas promovendo, desta forma, a sua exclusão e em determinadas situações na auto exclusão, tal problemática, resulta na promoção de pensamentos negativos (conflitos psíquicos consigo mesmo). Ademais, foi passível de análise os discursos midiáticos em que denotam o corpo magro/esguio/ *fitness* como sendo sinônimo de beleza, saúde e desejo, isto ocorre, inclusive, na mídia em massa (televisão, *internet*, redes sociais digitais, revistas eletrônicas e impressas).

Além disso, a partir de produtos culturais midiáticos, como é possível se observar nas análises de obras cinematográficas, como filmes (ou novelas e séries, por exemplo), diversos autores identificaram que as personagens gordas dificilmente são protagonistas e quando são interpretam papéis os quais demonstram o corpo gordo como desleixado, descuidado, rejeitado e sem perspectivas de ascensão pessoal e profissional. Por vezes, são a tônica de aspectos cômicos, ou seja, interpretam personagens desajeitados e que fazem as pessoas sorrirem de tudo o que fazem e vivenciam.

Assim, verifica-se a notória relevância deste levantamento sistematizado para desvendar a gordofobia enquanto objeto a ser investigado, por produção textual e imagética, com o intuito de prestigiar o público afetado pelos atos discriminatórios os quais geram exclusões a partir das configurações mais volumosas dos corpos, tendo os espaços midiáticos como veículos culturais que são condutores de conteúdos/discursos gordofóbicos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista os objetivos propostos e os aspectos metodológicos adotados para realização do presente estudo, o quadro 7, apresenta sistematicamente as matérias veiculadas na plataforma digital de notícias do UOL [<https://www.uol.com.br/vivabem/>], a respeito do sobrepeso e da obesidade [no período compreendido entre agosto de 2022 – março de 2023]:

Quadro 7 – Caracterização das matérias veiculadas no portal UOL

Título na Plataforma Digital UOL	Data	Resumo do Produto Midiático	Link de Acesso
SEM AÇÚCAR, FRITURA E REFRI: Joice Hasselmann mudou hábitos e perdeu 22 kg	15/03/2023	A jornalista e ex-deputada federal Joice Hasselmann faz sucesso nas redes sociais com o seu novo estilo de vida. No perfil do <i>Instagram</i> "Bem-Estar com Joice", ela compartilha a rotina de treinos e de alimentação saudável.	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/edacao/2023/03/15/joice-hasselmann-reeducacao-alimentar.htm
DIA MUNDIAL DA OBESIDADE: doença tem várias causas e não só maus hábitos	04/03/2023	Obesidade é o excesso de gordura corporal em quantidade que cause prejuízos à saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pessoa é considerada obesa quando seu Índice de Massa Corporal (IMC) é igual ou superior a 30 quilos por metro quadrado (kg/m ²). A faixa de peso saudável varia entre 18,5 kg/m ² e 24,9 kg/m ² .	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/edacao/2023/03/04/dia-mundial-da-obesidade-doenca-tem-varias-causas-e-nao-so-maus-habitos.htm?cmpid=copiaecola
SEMA GLUTIDA: o que se sabe sobre injeção para tratar obesidade aprovada pela ANVISA	03/01/2023	O medicamento que suprime o apetite é o primeiro injetável aprovado no Brasil para esse fim e deve ser aplicado semanalmente sob supervisão médica.	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bc/2023/01/03/sema-glutida-o-que-se-sabe-sobre-injecao-para-tratar-obesidade-aprovada-pela-anvisa.htm?cmpid=copiaecola

ELA ADOTOU ESTAS 9 TÁTICAS PARA COMER MENOS AÇÚCAR E CUIDAR DA SAÚDE	19/10/2022	Chocólatra assumida, Tamile Carvalho, 25 anos, sempre foi apaixonada por açúcar. O problema é que, durante a pandemia, a estudante de jornalismo em Salvador passou a usar os doces como válvula para compensar o estresse e a ansiedade gerados pelo coronavírus e a rotina atribulada por causa do trabalho como fotógrafa <i>freelancer</i> e dos estudos	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/edacao/2022/10/19/precupada-com-a-saude-ela-reduziu-consumo-de-acucar-com-estas-taticas.htm?cmpid=copiaecola
ELE CHEGOU A 160 KG, MAS SUPEROU OBESIDADE E COMPLETOU MAIS DE 400 CORRIDAS	06/10/2022	Fábio Andrade Teixeira, 40 anos, chegou a pesar 160 kg e, por vários anos, teve altos e baixos na balança. Quando estava com 82 kg e treinando regularmente, ouviu que não seria capaz de participar de uma corrida de 10 km por causa de seu histórico de obesidade. Então, decidiu se desafiar e completou não só essa prova, como outras.	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/edacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm
OBESIDADE: médicos sugerem mudança na classificação do tratamento	27/09/2022	Especialistas da Associação Brasileira para Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso) e da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) estão propondo mudar a classificação para tratamento da obesidade. A sugestão é usar o termo "obesidade reduzida ou controlada" para que médicos e pacientes se baseiem na perda percentual do peso, de 10% a 15%, em vez de usarem como	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/edacao/2022/09/27/obesidade-proposta-de-classificacao-e-baseada-na-perda-percentual-de-peso.htm?cmpid=copiaecola

		única referência o cálculo do IMC (índice de massa corporal).	
COMO OBESIDADE PODERÁ CUSTAR QUASE US\$ 220 BILHÕES AO BRASIL EM 2060	23/09/2022	Estudo mostra que o país poderá ser a sétima economia do mundo com maiores gastos relacionados à condição.	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/09/23/como-obesidade-podera-custar-quase-us-220-bilhoes-ao-brasil-em-2060.htm?cmpid=copiaecola

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Sendo assim, levando-se em consideração às informações apresentadas (quadro 7), destaca-se que, de maneira geral, as matérias selecionadas abordam, demasiadamente, a questão do sobrepeso e da obesidade (principalmente), como sendo uma eminente problemática e que requer iniciativas que visem o seu controle, prevenção e tratamento (tanto medicamentoso quanto não-medicamentoso, como por exemplo, melhora nos hábitos de alimentação e prática regular de atividade física), com vistas à redução dos impactos financeiros⁵⁰ ocasionados aos cofres públicos, enquanto uma das discursividades sistematicamente proferidas (embora não exclusiva) na tentativa de justificar o alarde feito acerca da obesidade.

De acordo com Amparo-Santos, França e Reis (2020) a obesidade tem sido considerada um problema de saúde pública devido a sua extensão, gravidade, mas principalmente pelo impacto econômico nos sistemas de saúde. Além disso, torna-se comum “[...] ouvir em programas de notícias na televisão que pessoas obesas custaram aos cofres públicos X reais” (RANGEL, 2018, p. 114).

Não diferentemente, em portais digitais de notícias, também tem sido veiculado esse tipo de informação, como por exemplo, cita-se a matéria veiculada no portal UOL, no dia 24 de setembro de 2023, cuja apresenta dados proveniente de um estudo em que, realizou-se uma análise do impacto econômico da obesidade em 161 países, os dados projetam que, mantidas as tendências atuais, em 2060 o Brasil será a sétima economia do mundo com maiores gastos relacionados à condição. De acordo com a matéria, o percentual de pessoas “obesas” ou com

⁵⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/09/23/como-obesidade-podera-custar-quase-us-220-bilhoes-ao-brasil-em-2060.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 mar. 2023.

sobrepeso no Brasil deverá chegar a 88,1% em 2060, resultando em um impacto econômico de US\$ 218,2 bilhões (cerca de R\$ 1,3 trilhão)⁵¹.

Tendo em vista esses supostos prejuízos, é que aumenta a pressão/opressão para que as pessoas gordas emagreçam (SANTOLIN; RIGO, 2015). Além disso, torna-se observável que as discursividades midiáticas tendem a demonstrar a rotina de treinos e de alimentação considerada saudável de determinadas personagens, sejam estas consideradas figuras públicas ou não, sempre buscando colocar em destaque um breve histórico da trajetória de vida destas pessoas e o quanto conseguiram superar, ou melhor dizendo, “vencer a obesidade”, inclusive, no próprio portal digital do UOL a primeira informação que aparece, antes mesmo do título principal da matéria, é a seguinte: **“Histórias de quem mudou hábitos em busca de mais saúde”**, aqui é a gordofobia sendo expressada a partir do processo de patologização do corpo gordo (JIMENEZ, 2020).

Também se torna oportuno destacar que a mídia faz isso, tanto a partir do conteúdo textual como a partir das imagens disponibilizadas em suas plataformas digitais – justamente para evidenciar as mudanças frente às configurações corpóreas, isto é, do corpo gordo para o magro e/ou esguio/*fitness*.

Com vistas ao exposto, Canguilhem (2009, p. 148) nos auxilia com a seguinte compreensão: “[...] ser sadio significa não apenas ser normal em uma situação determinada, mas ser, também, normativo, nessa situação e em outras situações eventuais”. Ou seja, ser sadio é ser normativo no sentido de normatividade vital. Este autor propõe o conceito de “normatividade vital” como operador para pensar a diferenciação entre o normal e o patológico, por entender que o julgamento que se faz de um fato é sempre referido a um valor e, ao mesmo tempo, submetido àquele julgamento que o instituiu.

Além do exposto, o quadro 8, apresenta de maneira sistematizada as características do produto midiático analisado na plataforma digital do G1 [<https://g1.globo.com/>], a seleção destas matérias veiculadas deu-se a partir dos critérios de inclusão com vistas ao objeto de estudo e pesquisa do trabalho em tela, ao que esteja relacionado às discursividades midiáticas

⁵¹ Ainda segundo a matéria, a estimativa dos pesquisadores é de que esse montante representará 4,66% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2060. Sendo este o 48º maior percentual entre os países analisados. A matéria destaca que este cálculo leva em conta tanto gastos médicos diretos quanto os resultantes do processo de buscar cuidados de saúde, como o custo de viagens para pacientes e acompanhantes. Também inclui perdas econômicas resultantes de mortes prematuras, dias de trabalho perdidos e queda de produtividade devido a problemas de saúde relacionados ao excesso de peso. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2022/09/24/como-obesidade-podera-custar-quase-us-220-bilhoes-ao-brasil-em-2060.htm>. Acesso em: 06 jun. 2023.

concernentes ao corpo gordo e, no caso do produto midiático analisado, o sobrepeso e a obesidade, enquanto uma discursividade tendenciosa à gordofobia:

Quadro 8 – Caracterização das matérias elencadas na plataforma digital do G1

Título na Plataforma Digital do G1	Data	Resumo do Produto Midiático	<i>Link de Acesso</i>
---	-------------	------------------------------------	------------------------------

NO DIA MUNDIAL CONTRA A OBESIDADE, ESPECIALISTAS CONSCIENTIZAM POPULAÇÃO SOBRE PERIGOS DO EXCESSO DE PESO	04/03/2023	Profissionais da saúde visitaram comunidades em várias partes do país. Dados apontam que o Brasil pode ter um terço das crianças e adolescentes com obesidade até 2035.	https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/03/04/no-dia-mundial-contr-a-obesidade-especialistas-conscientizam-populacao-sobre-perigos-do-excesso-de-peso.ghtml
POR QUE O SOBREPESO NA MEIA-IDADE AFETA SEU FUTURO	02/02/2023	Dados do Ministério da Saúde também indicaram que número de paranaenses com obesidade está acima da média nacional. Médica orienta sobre importância de alimentação regrada e prática de exercícios.	https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2023/02/02/por-que-o-sobrepeso-na-meia-idade-afeta-seu-futuro.ghtml?UTM_SOURCE=whatsappsm&UTM_MEDIUM=share-bar-app&UTM_CAMPAIGN=materias
EM 2023 EU VOU EMAGRECER: veja dicas para perder peso e levar uma vida mais saudável	31/12/2022	Para especialistas de Ribeirão Preto, SP, é preciso entender que os melhores resultados demoram mais tempo para serem alcançados. Equilíbrio e disciplina fazem parte do processo, listam médicos.	https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/12/31/em-2023-eu-vou-emagrecer-veja-dicas-para-perder-peso-e-levar-uma-vida-mais-saudavel.ghtml
BEM ESTAR #171: a grande promessa para o tratamento de obesidade em adolescentes	30/11/2022	Um medicamento injetável, já aprovado nos Estados Unidos para tratar obesidade em adultos, é a nova promessa para fazer os adolescentes perderem peso. O remédio, chamado Semaglutida, mostrou resultados impressionantes num estudo feito com adolescentes entre 12 e 18 anos e publicado em uma importante revista científica, o <i>New England Journal of Medicine</i>	https://g1.globo.com/bemestar/podcast/noticia/2022/11/30/bem-estar-171-a-grande-promessa-para-o-tratamento-de-obesidade-em-adolescentes.ghtml

PESQUISA DA UNICAMP IDENTIFICA PROTEÍNA QUE QUEIMA GORDURA APÓS EXERCÍCIOS E ABRE CAMINHO PARA CONTROLE DA OBESIDADE	22/11/2022	Estudo identificou que o fenômeno do <i>afterburn</i> é causado no músculo e no cérebro; pesquisador aponta possibilidade de desenvolvimento futuro de medicamento que acelere o metabolismo, mas alerta para a importância do exercício em vários outros aspectos de saúde	https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2022/11/22/pesquisa-da-unicamp-identifica-proteina-que-queima-gordura-apos-exercicios-e-abre-caminho-para-controle-da-obesidade.ghtml
DIA NACIONAL DE PREVENÇÃO DA OBESIDADE: mais de 55% da população do DF apresenta excesso de peso	11/10/2022	No Brasil, problema atinge 96 milhões de pessoas. Veja como combater a obesidade que é um dos principais fatores de risco para doenças cardiovasculares e vários tipos de câncer	https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/10/11/dia-nacional-de-prevencao-da-obesidade-mais-de-55percent-da-populacao-do-df-apresenta-excesso-de-peso.ghtml
OBESIDADE: entenda o que é e como você pode ajudar quem sofre dessa doença crônica	27/09/2022	A Organização Mundial de Saúde (OMS) define a obesidade como uma doença crônica, com acúmulo anormal ou excessivo de gordura no corpo, que precisa ser tratada. Aliás, como as demais doenças crônicas, o tratamento é contínuo e deve ser orientado e acompanhado por um profissional de saúde.	https://g1.globo.com/bemestar/especial-publicitario/novo-nordisk-best/noticia/2022/09/27/obesidade-entenda-o-que-e-e-como-voce-pode-ajudar-quem-sofre-dessa-doenca-cronica.ghtml
QUASE 70% DOS PARANAENSES TÊM SOBREPESO OU OBESIDADE, INDICA LEVANTAMENTO	08/09/2022	Dados do Ministério da Saúde também indicaram que número de paranaenses com obesidade está acima da média nacional. Médica orienta sobre importância de alimentação regrada e prática de exercícios.	https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/09/08/quase-70percent-dos-paranaenses-tem-sobrepeso-ou-obesidade-indica-levantamento.ghtml

BEM ESTAR #157: OBESIDADE CONTROLADA: as novas metas para perder peso	24/08/2022	Perder peso, mesmo que seja só um pouquinho, já traz benefícios à saúde. Estudos mostram que com apenas 3% a menos de peso pode haver redução nos níveis de glicose. Se perder 5%, a pessoa consegue notar o aumento do colesterol bom, o HDL, e sentir menos dor nas articulações. Acima de 10%, existe uma boa chance de diminuir a gordura no fígado e as doenças cardiovasculares.	https://g1.globo.com/bemestar/podcast/noticia/2022/08/24/bem-estar-157-obesidade-controlada-as-novas-metas-para-perder-peso.ghtml
---	-------------------	---	--

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

Tendo em vista os dados organizados (quadro 8), de maneira geral, o conteúdo e discurso midiático veiculado no Portal G1, demonstra nitidamente uma perspectiva alarmista frente ao sobrepeso e a obesidade enquanto uma problemática que dever combatida, inclusive referente ao aumento do sobrepeso entre crianças e adolescentes.

A discursividade midiática inclina para concepção de que a obesidade trata-se, portanto, de uma doença (com acúmulo anormal ou excessivo de gordura no corpo, que precisa ser tratada – segundo argumento da OMS) e que pode acarretar em outras doenças crônicas não transmissíveis, como por exemplo, doenças do sistema cardiovascular e até mesmo câncer. As reportagens costumam sugerir mudanças no estilo de vida, como em relação à alimentação e à prática de exercícios físicos, com foco na perda de peso e, mais precisamente, relacionado ao discurso contemporâneo⁵² acerca do processo de emagrecimento.

Outro fato cabível de ser mencionado diz respeito ao processo de invisibilidade dos corpos gordos, já que os discursos midiáticos e biomédicos, tendem a valorizar o emagrecimento, pois supostamente estaria intimamente relacionado a um estilo de vida considerado saudável e, até mesmo, enquanto sinônimo de beleza e felicidade. Já aquele corpo

⁵² Bezerra (2012, p. 16) afirma que no contexto contemporâneo: “[...] os espaços de comunicação de massa oportunizam constantemente a veiculação de ideias, informações, compreensões, valores, comportamentos, modos de viver, entre outros, sobre os diferentes temas que estão imbrincados nas relações sociais cotidianas”. Este autor, ainda destaca que “[...] essa veiculação acontece através da mediação exercida pelos espaços midiáticos, sejam eles revistas, televisão, jornais, rádio, *internet*, alcançando assim um público numeroso e variado” (Idem, p. 16). Diante desta realidade social, percebe-se, então, que a mídia em geral veicula informações que possuem potencial de influenciar e induzir as pessoas frente a compreensões difusas em relação aos variados temas, por exemplo, educação, meio ambiente, política, corpo e saúde.

que não se “encaixa” a esse padrão corpóreo, e neste caso, mais especificamente, o gordo, acaba sendo frequentemente e, de maneira desumana, renegado e excluído.

Ademais, torna-se nítido os esforços por parte da mídia de se utilizar de estudos da área biomédica com a finalidade de demonstrar os malefícios provenientes da obesidade – entendida pelo saber biomédico⁵³ – como sendo uma doença crônica e que, embora seja também considerada multifatorial, a mídia parece não levar em consideração outras variáveis que podem estar relacionadas ao fato do sujeito ser gordo, como por exemplo, questões socioeconômicas, ambientais, políticas e até mesmo de ordem genética.

Tendo em vista o exposto acima, mais especificamente referente ao saber biomédico, recorreu-se aos estudos de Canguilhem (2009), o qual identifica o nascente setor saúde como um importante dispositivo social de normalização. Para o referido autor, ao se basear em uma perspectiva essencialmente positivista de ciência, o pensamento médico hegemônico do final do século XIX, o modelo biomédico, pautou-se pela busca de objetividade, neutralidade e universalização de suas premissas.

Isto não tem sido diferente na cultura vigente quando o assunto volta-se para as pessoas com corpos gordos (na perspectiva do saber biomédico, pessoas “obesas/doentes”), já que há um profundo processo de generalização dos corpos gordos, ora como doentes, ora suscetíveis a adoecerem devido ao seu excesso de peso, sem necessariamente levar conta outros fatores que podem estar inter-relacionados.

4.1 Tratamento dos dados oriundos das reportagens selecionadas

Diante aos dados apresentados tanto do UOL como do G1 (quadro 7 e 8), e levando-se em consideração a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), estabeleceu-se 3 (três) categorias temáticas a partir desse conjunto de reportagens, a saber: Discursividade biomédica como normatividade; Emagrecer é a palavra de ordem; Mídia e sua pedagogia corporal, as quais são apresentadas nas subseções seguintes.

4.1.1 – Discursividade biomédica como normatividade

⁵³ “Para a Medicina historicamente, doença, patologia e anormalidade passam a conotar a concepção de um único estado, enquanto que, por oposição, normalidade significa saúde” (BONETTI, 2004, p. 49).

É possível se verificar nas reportagens identificadas e selecionadas que há uma normatividade ⁵⁴que se confirma em relação aos corpos gordos como sendo corpos patologizados a partir daquilo que os saberes e práticas biomédicas sugerem (recomendações médicas, uso de remédios, intervenções médicas, aspectos nutricionais e prática de atividade física/exercício físico). Este processo de patologização remete-se a um processo semelhante ao da medicalização, focando na atribuição de *status* de doença a problemas da vida cotidiana (CHAGAS; PEDROZA, 2016).

A partir das análises, foi passível de constatação a maneira demasiada em que o corpo gordo é considerado como doente, já que, inclusive, a própria OMS e a Associação Brasileira para Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (ABESO) consideram a obesidade como uma doença crônica e que, devido a isso, reduz a expectativa de vida. Em todas as matérias (7 do UOL e 9 do G1) veiculam-se saberes que denotam o gordo como doente e que necessita de urgentes intervenções, justamente pelo fato de a gordura (principalmente em excesso) ser considerada pela área biomédica como sendo prejudicial à saúde, inclusive, tendo em vista a suposta relação entre a obesidade e doenças crônicas não transmissíveis, marcando assim, todo sujeito gordo negativamente.

Além disso, nas matérias analisadas, em sua ampla maioria, trazem verbos os quais reforçam esse processo de patologização, geralmente antes da palavra obesidade, tais como: combater, controlar, enfrentar, tratar, superar e prevenir, ou seja, a tônica da discursividade midiática é veicular saberes de que a obesidade é um grande problema, e sendo assim, os corpos gordos são vistos como “inimigos”, já que afrontam esse processo de normalização e poder sobre os corpos. Como por exemplo, citamos a matéria veiculada no portal UOL, no dia 19 de outubro de 2022, em que veicula informações sobre Tamile Carvalho, chocólatra assumida, de 25 anos de idade, a qual compartilha sua experiência durante a pandemia da COVID-19. Esta, por sua vez, apresenta 9 táticas para consumir menos açúcar com a finalidade de cuidar da “saúde”.

⁵⁴ Compreendendo assim, o corpo como uma normalidade biopolítica. A biopolítica é um dispositivo que produz a singularidade como monstruosidade via estatística. É para isso que serve um dispositivo biopolítico médico: para impedir a “anormalidade” dos corpos. “Uma anomalia é, etimologicamente, uma desigualdade, uma diferença de nível. O anormal é simplesmente o diferente” (ESPOSITO, 2017, p. 174). O dispositivo extrai o corpo “diferente” da população, fazendo com que o dispositivo faça existir o predicado “anormal”, na medida em que não permite existir um corpo dissonante do modelo. Do ponto de vista do dispositivo biopolítico da norma, o singular, ou seja, o desvio, a variação, aparece como um fracasso, um vício, uma impureza (ESPOSITO, 2017). Nessa direção, vale recordar que uma anomalia não é em si um sinônimo de patologia (CANGUILHEM, 2009), mas pode se tornar patológica quando está vinculado a um sofrimento. Para Caponi (2003) é nesse processo que o dispositivo produz o sofrimento individual do diferente, tornando a diferença, transformada em anomalia, seja vivenciada e percebida como um valor negativo.

Na tática 3, “acostuma-se com o chocolate amargo”, por exemplo, a entrevistada relata ter trocado a versão ao leite com pelo menos 70% de cacau, pois, em suas palavras: “[...] como eu tinha um paladar bem adocicado, no início estranhei muito os chocolates mais amargos. Porém, hoje, prefiro e já acho essas versões bem gostosas” (BARROS, 2022). A matéria ainda continua com a seguinte afirmativa por parte da nutricionista Érica Oliveira, do Hospital 9 de Julho, em São Paulo: “[...] essa é uma ótima substituição, já que chocolates 70% ou mais têm baixo teor de açúcar e uma porção maior de cacau” (BARROS, 2022). Para esta profissional da saúde, a referida fruta é fonte de substâncias antioxidantes e anti-inflamatórias, que contribuem para a diminuição do colesterol e da pressão arterial e ajudam a **combater a obesidade**.

Já referente ao controle da obesidade, citamos como exemplo, a matéria veiculada pelo portal G1, no dia 22 de novembro de 2022, a respeito de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, na qual foi identificada a proteína interleucina-6 (IL-6) que queima gordura após a realização de exercício físico. Este fenômeno é conhecido como *afterburn*⁵⁵. Para o Pesquisador que coordenou o estudo, Eduardo Ropelle, da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP: “[...] a descoberta traz a possibilidade de avanços para a saúde, como no **controle da obesidade**” (GONÇALVES; ALVERENGA; PEREIRA, 2022).

Não diferentemente, a matéria intitulada “Dia Nacional de Prevenção da Obesidade: mais de 55% da população do DF apresenta excesso de peso”, veiculada pelo portal G1, mais precisamente na seção “tratamento para obesidade do Distrito Federal”, informa que: “[...] para **enfrentar a obesidade**, os postos de saúde do Distrito Federal fazem um trabalho multidisciplinar que envolve nutricionistas, psicólogos, endocrinologistas e cardiologistas” (ORTIZ, 2022). A porta de entrada para o tratamento na rede são as Unidades Básicas de Saúde, diz a Secretaria de Saúde⁵⁶. Segundo a pasta, os pacientes que muitas vezes procuram a

⁵⁵ O *afterburn* está diretamente relacionado às particularidades da sessão de exercício. "Quanto mais intenso o exercício, maior é a magnitude do afterburn. Além da intensidade, quanto mais tempo de exercício o indivíduo faz, esse afterburn tende a ser aumentado também", explica, Ropelle. A descoberta foi realizada pelo grupo de pesquisa do Laboratório de Biologia Molecular do Exercício, coordenado por Ropelle e pelo também docente José Rodrigo Pauli, e contou com a participação de pesquisadores da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Também integraram o estudo, iniciado em 2013, cientistas da Universidade de São Paulo, da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, e da Escola Politécnica de Lausanne, na Suíça. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2022/11/22/pesquisa-da-unicamp-identifica-proteina-que-queima-gordura-apos-exercicios-e-abre-caminho-para-controle-da-obesidade.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2023.

⁵⁶ A secretaria conta com o Centro Especializado em Diabetes, Obesidade e Hipertensão, em que uma equipe acompanha o paciente "em diversos aspectos da vida". Segundo a matéria, o Dia Nacional de Prevenção da Obesidade é celebrado dia 11 de outubro e tem como objetivo alertar para os problemas causados pela doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cardiologia, a obesidade é um dos principais fatores de risco para várias doenças não transmissíveis, como problemas cardiovasculares, hipertensão e acidente vascular cerebral, além de várias formas de câncer. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/10/11/dia-nacional-de-prevencao-da-obesidade-mais-de-55percent-da-populacao-do-df-apresenta-excesso-de-peso.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2023.

assistência médica por queixas diversas, recebem o primeiro acompanhamento para **tratar a obesidade**.

A matéria veiculada no portal UOL, intitulada “Ele chegou a 160 kg, mas **superou** obesidade e completou mais de 400 corridas⁵⁷”, publicizada em 06 de outubro de 2022, também tendência compreensões gordofóbicas, principalmente acerca do processo de patologização.

Nesta perspectiva, inicia-se a análise desta reportagem a partir de uma breve enunciação referente ao sujeito Fábio Andrade Teixeira, um homem branco com 40 anos de idade, o qual chegou a pesar 160 kg, e por vários anos, houve reviravoltas acerca dos quilos na balança, seja para mais ou para menos. Sendo que o discurso midiático refere, ainda, que quando o **Fábio** esteve com 82 kg e com uma rotina de treino sistemática, em um certo dia ouviu que não seria capaz de participar de uma corrida de 10 km devido ao seu histórico de obesidade.

Infere-se, assim, que o sujeito foi vítima de uma percepção intimamente voltada para o viés da gordofobia, muito embora o produto midiático analisado não faça tal referência. Desse modo, a partir do que havia escutado decidiu, então, desafiar-se e completou não só essa prova, como dentre tantas outras. **Fábio**, ainda afirma que durante a sua adolescência já se apresentava com um corpo visivelmente percebido como “obeso”⁵⁸.

Aqui, primeiramente, faz-se necessário chamar atenção para o fato de que Fábio utiliza o termo “obeso”, o qual não é utilizado pelo autor do presente estudo, porque tal termo tendência à patologização. Diferentemente do termo “gordo” ou “corpo gordo⁵⁹” (e suas variações utilizadas por autores/as das áreas das Ciências Sociais e Humanas),

Fábio: “eu me tornei obeso ainda na adolescência, resultado de uma alimentação desregrada, com muito doce e refrigerante” (CORTEZ, 2022)

⁵⁷ Esta matéria foi a escolhida dentre as demais selecionadas e apresentadas (quadro 07 e 08), para ser analisada enquanto um estudo piloto, tanto referente ao seu conteúdo textual quanto imagético (figura 10), com vistas à problematização de conteúdos tendenciosos à gordofobia. A escolha se deu pelo fato da matéria interseccionar temáticas acerca da obesidade, exercício físico, emagrecimento e processo saúde-doença. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm>. Acesso em: 19 abr. 2023.

⁵⁸ “[...] a utilização desses termos ultrapassaram o campo da saúde e atualmente é a nomenclatura biomédica que explica a existência das pessoas gordas” (PAIM, 2022, p. 33). Ainda conforme Paim (2022, p. 33) “[...] no âmbito da saúde esses termos são corriqueiramente utilizados pelos profissionais de saúde e pelas políticas públicas sem menor crítica ou problematização, pois consideram qualquer corpo gordo como doente”.

⁵⁹ O corpo gordo apresenta atributos que fazem com que ele seja diferente dos demais, apresentando-se com características que estão em disparidade com os paradigmas do que é considerado como um “corpo belo” e “saúdável” e que está relacionado à magreza, e com isso, o corpo gordo é vítima do estigma social promovido pela sociedade (ALMEIDA; SANTIAGO; SANTOS, 2015). Conforme Freitas (2014, p. 5), “[...] Desde a Grécia antiga, o termo estigma (*stigma*) significa marca, sinal, cicatriz. A percepção do estigma como um sinal visível de segregação tem sido usada desde então. Criminosos, escravos, párias sociais, doentes, pessoas pertencentes a um grupo dominado, foram forçados a usar em vários períodos históricos, algum sinal relativo à sua condição quando

que não tem a pretensão de descaracterizar e até mesmo de excluir o indivíduo com configurações corporais volumosas, mas, sim, com o propósito de representar o indivíduo em estudo, sem evidenciar os fatores biológicos associados à patologia da obesidade (PEREIRA, 2019).

Outro fato cabível de problematização, refere-se à reverberação de que o mesmo teria vivenciado o ser gordo desde a sua adolescência, supostamente oriundo de maus hábitos alimentares, inclusive, tal afirmação contrasta de certa maneira com o conteúdo veiculado no portal UOL, no dia 4 de março de 2023, com título “Dia Mundial da Obesidade: doença tem várias causas e não só maus hábitos”. Segundo Paulo Miranda, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), para marcar o Dia Mundial da Obesidade, a campanha com o tema este ano “Uma Nova Forma de Olhar” teve o objetivo de chamar a atenção como uma doença crônica, multifatorial, recidivante, que tem aspectos múltiplos na sua gênese e não apenas como uma visão antiga de fruto de maus hábitos (GANDRA, 2023).

Na seção “prevenção” do texto veiculado, no entanto, o presidente da SBEM afirma que: “[...] a melhor forma de prevenção da obesidade está no estímulo a hábitos de vida saudáveis. Ele considera que esse fator passa por políticas públicas como incentivo ao consumo de alimentos saudáveis e taxaço de alimentos associados ao maior risco de obesidade” (GANDRA, 2023). Além disso, afirma o seguinte: “[...] a gente já sabe que o consumo excessivo de alimentos industrializados, ultraprocessados, refrigerantes e bebidas adoçadas também está relacionado ao maior risco de desenvolver obesidade” (GANDRA, 2023).

Para tanto, “[...] o corpo gordo não fica limitado apenas à questão orgânica, pois ele também é resultado de um processo histórico e cultural que condensa diversos significados presentes na história” (PEREIRA, 2019, p. 21). A partir desta forma de pensamento – reducionista e excludente, sugere-se que o sujeito gordo é único e exclusivamente responsável pela sua condição corporal, sendo produto da sua falta de vontade e ausência de autocontrole, além, é claro, de ser considerado como aquele que foge às normas (ALMEIDA *et al.*, 2015).

Diante aos escritos de Canguilhem (2009) compreende-se que o termo “normal” está relacionado à norma, regra a ser cumprida. Este complementa que, “[...] ser normal é um estado dinâmico e que só é possível falar da saúde de um sujeito com base no contexto em que este habita” (CANGUILHEM, 2009, p.109), ou seja, o que pode ser considerado normal, em um determinado espaço/tempo, em outro, poderá ser considerado e qualificado como uma anomalia. Este autor também nos apresenta uma ideia de como os termos “anormal” e a

este não era presente”. No caso do corpo gordo, por exemplo, a marca está no acúmulo de gordura, esta, por sua vez, perceptível a partir da configuração corporal volumosa/sobressalente.

“anomalia” começaram a ser empregados como correspondentes. Ele cita o “*Vocabulaire de Lalande*” para explicar os equívocos ou confusão etimológica que contribuíram para essa aproximação de anomalia e anormal.

Anomalia vem do grego *anomalía*, que significa desigualdade, aspereza; *omalos* designa, em grego, o que é uniforme, regular, liso; de modo que anomalia é, etimologicamente, *anomalos*, o que é desigual, rugoso, irregular, no sentido que se dá a essas palavras, ao falar de um terreno. Ora, frequentemente houve enganos a respeito da etimologia do termo anomalia derivando-o não de orna-los, mas de *nomos*, que significa lei, segundo a composição *a-nomos*. Esse erro de etimologia encontra-se, precisamente, no *Dictionnaire de médecine* de Littré e Robin. Ora, o *nomos* grego e o norma latino têm sentidos vizinhos, lei e regra tendem a se confundir. Assim, com todo o rigor semântico, anomalia designa um fato, é um termo descritivo, ao passo que anormal implica referência a um valor, é um termo apreciativo, normativo, mas a troca de processos gramaticais corretos acarretou uma colusão dos sentidos respectivos de anomalia e de anormal. Anormal tornou-se um conceito descritivo, e anomalia tornou-se um conceito normativo (CANGUILHEM, 2009, p. 50-51).

A exemplo disso, cita-se o fato do gordo, há pouco mais de 5 séculos, precisamente na Idade Média, tenha sido percebido/qualificado como um sujeito opulente, empoderado e desejado, enquanto em pleno século XXI, este tem sido demasiadamente associado à doença, ao desleixo, e até mesmo, ao insucesso pessoal e profissional, isto é, o corpo gordo visto como fora da normalização social.

A história do gordo está ligada a essas reviravoltas. O desenvolvimento das sociedades ocidentais promove o afinamento do corpo, a vigilância mais cerrada da silhueta, a rejeição do peso de maneira mais alarmada. O que transforma o registro da gordura, “denegrindo-a” [sic], aumentando o seu descrédito e privilegiando insensivelmente a leveza. A amplitude de volume afasta-se cada vez mais do refinamento, enquanto a beleza se aproxima mais e mais do que é magro, esguio (VIGARELLO, 2012, p. 10-11).

Poulain (2013) também realiza uma análise sociológica sobre o surgimento da “obesidade” e de como a patologização do corpo gordo foi construída socialmente e instrumentalizada no âmbito do *modus operandi* da medicina hegemônica⁶⁰. As consequências dessa maneira de entender o corpo gordo acabaram por reforçar a sua estigmatização:

⁶⁰ “[...] em contrapartida à corrente hegemônica, as reformas progressivas de saúde, a medicina social e a Saúde Coletiva iniciada nos países latino-americanos tornam-se precursoras fundamentais da determinação social, as quais reúnem as compreensões metodológicas contra-hegemônicas” (SOUSA, 2022, p. 30). Esta autora ainda menciona que a determinação social se “[...] torna uma categoria indispensável para compreender o processo saúde-doença de maneira multidimensional e diante da complexidade que as constituem. Ao entender seu caráter integral, torna-se possível avançar não só na saúde, mas nos direitos de vida” (SOUSA, 2022, p. 30). Sendo assim, “[...] a determinação social de saúde pressupõe a realidade histórica e social em meio a todas as suas dimensões e contradições, apreendendo o processo dinâmico de saúde-doença” (SOUSA, 2022, p. 30). Consiste, portanto, em compreender o modo de vida dos sujeitos frente aos condicionantes políticos, econômicos e sociais, considerando a integralidade do sujeito, demarcada assim, pelas dimensões: geral, particular e individual.

O papel dos cientistas, dos especialistas, do aparelho de legitimação do mundo científico – por meio das revistas, dos congressos, das conferências de consenso – é essencial nesse momento. O que está em jogo é que está ligado à necessidade de tornar o problema visível e digno de crédito. As mudanças de vocabulário e as modificações de estatuto epistemológico para noções como “fator de risco”, “doença”, “doença mortal”, “epidemia” podem facilitar a visibilidade da questão da obesidade (POULAIN, 2013, p. 149).

Tal realidade, tem sido fortemente marcada pela influência da mídia acerca da veiculação dos modelos de corpos a serem conquistados, geralmente configurados como magros/esguios/*fitness*, sendo, inclusive, denotado como o oposto do gordo e associado ao ímpeto de mudança, e busca da saúde e de uma melhor qualidade de vida.

Entretanto, o sujeito que está com sobrepeso ou obesidade não deve ser culpabilizado, pois isto ocorre por diversos fatores, interconectados de maneira complexa, dentre os quais, Kline *et al.* (2017) destacam em nível mais macro e distal, como por exemplo, os fatores contextuais seguidos por fatores sociais e econômicos (nível de desenvolvimento humano do país, crime, trânsito, renda individual, sexo, níveis de escolaridade etc.), seguidos por variáveis psicossociais (suporte social, depressão, ansiedade e autopercepção corporal); variáveis comportamentais (alimentação, prática de atividade física, dentre outros) e variáveis biológicas (como obesidade e genética). Para os autores supracitados, caracterizam-se como fatores que são importantes para entender de forma independente e em conjunto, pois há interações possíveis nesses níveis de influência.

O fato é que uma vez construída as relações de poder a partir dos signos e de representação corporal – dentro de um determinado grupo ou cultura – eles fixam uma categorização social sob a qual se dá o jogo da (in)exclusão. Estas relações de poder estão, em todas as partes: nos signos de cor de pele, corpulência, de higiene, nos modos de vestir e usar adereços, etc. O corpo pode ser assim também compreendido como um signo de demarcação e distribuição de poder (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBÀ, 2012, p. 103).

Além disso, das 16 matérias analisadas, apenas 3 (três) não constam a palavra “médico(a)”, tendo em vista que nas outras 13 (treze) matérias a palavra “médico” surge 34 (trinta e quatro) vezes, isto demonstra a hegemonia do saber biomédico presente nas discursividades midiáticas, inclusive, centrada na figura do(a) médico(a) e/ou em instituições e associações que representam esta categoria profissional. A partir do saber biomédico é disseminada a ideia de que o ser gordo(a) é ser doente, predestinado ao sofrimento. Como por exemplo, citamos a matéria veiculada no portal G1, no dia 8 de setembro de 2022, intitulada

“Quase 70% dos paranaenses têm sobrepeso ou obesidade, indica levantamento⁶¹”, a qual aponta para preocupação de especialistas, pois, segundo a matéria, trata-se de um alerta para toda a população.

Ainda nessa matéria, a mídia se utiliza de saberes médicos os quais se tornam patologizantes, estigmatizantes e culpabilizantes. Inclusive esse processo de culpabilizar a vítima pode ser evidenciado nos excertos da fala da médica endocrinologista Luiza Dalfovo Esteves Santos: “[...] qualquer atividade física é melhor do que não fazer. Então uma dica é que faça atividade física e cuidar da alimentação, com a qualidade e com o volume⁶²”. Ou seja, a discursividade midiática se utiliza da fala de uma profissional da saúde, neste caso uma médica, como uma normatividade biomédica, reduzindo a questão do fenômeno da obesidade à dimensão comportamental.

Para Canguilhem (2009):

[...] a clínica coloca o médico em contato com indivíduos completos e concretos, e não com seus órgãos e funções. A patologia, quer seja anatômica ou fisiológica, analisa para melhor conhecer, mas ela só pode saber que é uma patologia – isto é, estudo do mecanismo da doença – porque recebe da clínica essa noção de doença, cuja origem deve ser buscada na experiência que os homens têm de suas relações de conjunto com o meio (CANGUILHEM, 2009, p. 54-55).

Nesse contexto, recorreu-se aos escritos de Neves, Porcaro e Curvo (2017), os quais afirmam: “[...] a clínica é atravessada por uma perspectiva científica, de cunho positivista, que propõe métodos neutros e resultados universais, desconsiderando as singularidades imanentes em cada caso” (NEVES; PORCARO; CURVO, 2017, p. 626).

Percebe-se, assim, uma “[...] expectativa social em torno das corporalidades dos sujeitos, a qual é continuamente marcada em diferentes escopos da sociedade, sendo regulado pelo domínio da saúde, mídia e estética” (ARAÚJO, 2017, p. 33), inclusive, ao nos guiarmos pelos “trilhos” contextuais e históricos de Georges Vigarello (2012), em “As metamorfoses do gordo: história da obesidade no ocidente”, iremos perceber nitidamente a ascensão e queda do corpo gordo desde a época medieval até o século XX.

Pensando neste percurso histórico, e mais especificamente, na Idade Média, o corpo gordo era considerado pela sociedade como símbolo de saúde e beleza (VIGARELLO, 2012). Este autor, também refere que à época as anatomias maciças eram apreciadas como “sinônimo” de empoderamento e ascendência: “[...] podia-se ainda atribuir sentimentos nobres, como a

⁶¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/09/08/quase-70percent-dos-paranaenses-tem-sobrepeso-ou-obesidade-indica-levantamento.ghml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁶² Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/09/08/quase-70percent-dos-paranaenses-tem-sobrepeso-ou-obesidade-indica-levantamento.ghml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

coragem e a valentia, às pessoas ‘muito gordas’ sem que suas características físicas interferissem desfavoravelmente nos julgamentos do caráter” (SANT’ANNA, 2016, p. 22).

O imaginário social de negação do corpo gordo foi se consolidando a partir do século XVIII, devido aos avanços da medicina, da química e da fisiologia. Através desses estudos que associam a gordura corpórea às doenças, levaram o gordo às margens da sociedade, transformando-o, no século XX, em aberração social, visto como um **corpo doente** (VIGARELLO, 2012), e em pleno século XXI, continua sendo percebido como “anormal” e doente, algo a ser evitado, combatido e vencido.

No entanto, a partir da argumentação de Canguilhem (2009), compreende-se que a doença é um processo normal na vida humana:

A natureza (*physis*), tanto no homem como fora dele, é harmonia e equilíbrio. A perturbação desse equilíbrio, dessa harmonia, é a doença. Nesse caso, a doença não está em alguma parte do homem. Está em todo o homem e é toda dele. [...] A doença não é somente desequilíbrio ou desarmonia; ela é também, e talvez sobretudo, o esforço que a natureza exerce no homem para obter um novo equilíbrio. A doença é uma reação generalizada com intenção de cura. O organismo desenvolve uma doença para se curar (CANGUILHEM, 2009, p. 12).

Ou seja, a doença não é, senão outra coisa, que o normal, que todos os corpos lidam naturalmente como um processo inerente à condição humana. Percebe-se que os saberes biomédicos se tornam muito presentes nas discursividades midiáticas, uma vez que, “[...] a obesidade é retratada no cenário midiático e político como “epidemia mundial”, sendo compreendida hegemonicamente como um problema de saúde pública a ser enfrentado e controlado em todos os continentes” (MARIANO, 2019). Ainda segundo esta autora: “[...] dados e estimativas alarmantes são divulgadas todos os anos relacionando a obesidade como doença e fator de risco importante para outras doenças, bem como para a diminuição da expectativa de vida” (MARIANO, 2019, p. 4).

Ademais, Steffen e Queiroz (2022, p. 240) acrescentam que “[...] a oficialização da obesidade como doença e sua aferição numérica através do IMC⁶³ legitimou a vigilância sobre os corpos gordos e sua patologização física e social”. Para Sant’ana (2016) a partir da utilização

⁶³ O IMC ou índice de *Quetelet* foi criado em 1832 pelo estatístico, astrônomo, matemático, sociólogo e belga Adolphe Quetelet, com seus estudos sobre dinâmica corporal, apresentou a relação peso/altura² (POULAIN, 2013), ou seja, é obtido a partir da relação entre peso corporal (kg) e estatura (m)², que identifica o peso considerado “normal” quando o resultado do cálculo do IMC está entre 18,5 e 24,9 (OMS, 1998). Para Poulain (2013) este se caracteriza como um “[...] instrumento de “norma médica” e seu sistema classificatório de “norma social” (POULAIN, 2013, p. 182). Autores relacionados ao ativismo gordo advogam que há variações frente aos tamanhos e formatos corporais, e que os corpos gordos são versões do corpo e, sendo assim, devem ser reconhecidos, valorizados e respeitados (KIRKLAND, 2008; VALLGÅRDA *et al.*, 2017), para além de um parâmetro classificatório, normativo e estigmatizante.

do IMC, houve o estabelecimento de uma marcação numérica como critério para classificar os sujeitos como “doentes” ou “saudáveis” (quadro 9).

Quadro 9 – Classificação do Índice de Massa Corporal

Baixo Peso	< 18,5
Normal	18,5 – 24,9
Excesso de Peso	25,0 – 29,9
Obesidade I	30,0 – 34,9
Obesidade II	35,0 – 39,9
Obesidade III	> 40,0

Fonte: OMS (1995)

Segundo Poulain (2013), o uso do IMC tende à generalização da interpretação de diferentes corpos (sexo, idade ou etnia), induz a erros relacionados à variável da massa óssea, da massa muscular e dos líquidos no peso corporal, ou seja, o IMC não avalia a verdadeira composição corporal, no que diz respeito às proporções de massa gorda e massa magra. Rezende *et al.* (2010) corroboram com o exposto por Poulain (2013) e afirmam que a principal crítica ao IMC está voltada para o fato deste ser incapaz de aferir a distribuição e localização do tecido adiposo.

No entanto, em matéria veiculada no portal UOL, no dia 27 de setembro de 2022, Especialistas da ABESO e da SBEM propõem mudar a classificação para tratamento da obesidade. Sugere-se usar o termo “obesidade reduzida ou controlada” para que os profissionais da medicina e seus pacientes se baseiem na perda percentual do peso, de 10% a 15%, porém o endocrinologista Márcio Mancini, chefe do Grupo de Obesidade do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e um dos responsáveis pela sugestão, afirma que o uso do IMC é importante para pesquisas de prevalência de obesidade, estudos populacionais e até mesmo para identificação dos casos que precisam de tratamento⁶⁴.

Para tanto, pessoas consideradas “*fitness*”, mas que têm muita massa muscular (e pouca gordura corpórea) podem ter um índice mais elevado, porém isso não reflete necessariamente no seu estado de saúde. Trata-se, portanto, apenas de um parâmetro classificatório/normativo (indicador de saúde para área biomédica), o qual não

⁶⁴ No entanto, ainda segundo Mancini, o alcance do “IMC ideal” nem sempre é possível e nem sempre é necessário apenas com o tratamento clínico: uma perda modesta de peso (em torno de 5%) traz benefícios à saúde, independente do IMC final do paciente. Por isso, pela proposta apresentada no início de setembro, no 35º Congresso Brasileiro de Endocrinologia e Metabologia, os especialistas sugerem a adoção dos termos obesidade controlada (perda de mais de 10% do peso) ou reduzida (entre 5% a 10% do peso). Os especialistas dizem que essa perda percentual seria melhor e mais factível como meta do tratamento, uma vez que uma diminuição maior é mais difícil de alcançar. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/09/27/obesidade-proposta-de-classificacao-e-baseada-na-perda-percentual-de-peso.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 jun. 2023.

identifica/considera um conglomerado de outros fatores que podem estar relacionados com o processo saúde-doença.

Inclusive, “[...] a medida do indivíduo é o próprio indivíduo, e não se poderiam tomar como referência valores retirados de estudos populacionais para aplicá-los ao plano individual de forma linear, sem considerar as características específicas do indivíduo” (PICH, 2013, p. 856), ainda assim, o que se observa é a utilização do IMC como critério para diagnosticar pessoas com corpos gordos/volumosos como “obesas/doentes⁶⁵”.

O estudo desenvolvido por Paim (2022) investigou entre as mulheres participantes, o critério de diagnóstico utilizado por profissionais de saúde tendo em vista as experiências relatadas por estas. A resposta era aberta, dependia do viés de memória e podiam relatar mais de uma experiência diagnóstica. Dentre os critérios mencionados, destacam-se: o IMC (mencionado 306 vezes), o “olhômetro” (mencionado 126 vezes), depois o peso (43), o percentual de gordura (34), bioimpedância (15), alterações em exames (12), circunferência abdominal (5), por possuir outras doenças (4) e não lembra (5). Assim, resgatou-se a experiência relatada por uma das mulheres participantes:

Pelo IMC o médico disse que eu era uma obesa mórbida e ia morrer se não fizesse a bariátrica (participante). Feito pelo cálculo de IMC ou o médico olhando para mim e falando "é bom passar dias sem comer, é bom que emagrece" (fui internada no mesmo dia e fiquei uma semana no hospital, meu rim quase parou e quase rompi o ano no hospital, mas é bom que emagrece) (participante). Quando o IMC foi usado, era só para jogar na minha cara que sou obesa mórbida grau III (participante) (PAIM, 2022, p. 89).

⁶⁵ Pich (2013) a partir de seus estudos, passa a suspeitar de que “[...] a força do IMC se revele muito mais na necessidade do Estado (e atualmente do mercado também, isto é, do binômio Estado-mercado) de manter a captura e a tutela da vida da população calcada na lógica da normalidade que implica a culpabilização dos corpos não normais, desviantes, a culpabilização da vítima” (PICH, 2013, p. 862). Ainda segundo este autor, a obra de Quetelet (o IMC) é particularmente relevante no campo da biopolítica, pois opera como um processo de gerenciamento da vida das pessoas simplesmente com base em dados estatísticos.

A partir do relato acima exposto, percebe-se que o IMC tem sido utilizado para um suposto diagnóstico da obesidade/doença e de maneira opressora e patologizante. Um outro recorte a ser realizado dos excertos da fala de **Fábio** é quando este se refere a um outro obstáculo em sua vida, desta vez, a descoberta de um nódulo no pescoço, e tão logo precisou realizar uma intervenção cirúrgica, e sendo assim, precisou de repouso – ficando impossibilitado de retornar à rotina de exercício físico, por exemplo.

Fábio: “meses depois, um novo baque fez com que eu me desviasse das minhas metas de saúde e ganhasse peso novamente: a descoberta de um nódulo no pescoço. Por cerca de três meses, tive que me afastar dos exercícios para realizar a cirurgia e me recuperar. Com essa pausa, voltei a engordar” (CORTEZ, 2022).

Este, por sua vez, afirma que tal situação fez com que voltasse a engordar. Percebe-se, contudo, que a referida discursividade se apresenta de maneira tendenciosa à patologização do corpo gordo, além, é claro, de associar o processo de engordar somente ao aspecto comportamental, como por exemplo, a associação da inatividade física com o aumento do peso corporal, aqui estaria intimamente relacionado à perspectiva do gasto energético positivo, isto é, diferentemente do equilíbrio energético negativo, quando o gasto excede o consumo energético, seria o seu oposto, isto é, quando o consumo é superior ao dispêndio energético. E que, por vezes, tem sido utilizado para se referir à obesidade, isto é, enquanto um balanço energético positivo (causa da obesidade mais popularizada e disseminada).

Neste sentido, Carvalho e Martins (2006, p. 2004) corroboram afirmando que: “[...] a utilização desta definição de obesidade tem uma orientação determinista que traria, em si, uma solução: ingerir menos ou gastar mais energia. Entretanto, o aumento progressivo da Prevalência de obesidade na população impõe uma reflexão além dessa orientação”. Estes autores ainda complementam que:

A objetividade e o pragmatismo da modernidade trouxeram algumas possibilidades de se modelar corpos com cirurgias, implantes, anabolizantes, etc., em formas e estilos diversos; no entanto, distanciam-nos de nossa capacidade criativa, humana, singular, na medida em que submetem a mobilidade da vida a formas estáticas como a de uma estampa de revista (CARVALHO; MARTINS, 2006, p. 2004)

Nesta esteira de discussão, Alves e Carvalho (2010) chamam atenção frente à essa ideia que se tem da atividade física como a causa, e a saúde o efeito dessa causa, pois isto passa a ser, para o sujeito gordo, impulsionador do estigma social, o qual resulta em um ciclo de violência simbólica. Sendo assim, essa violência esconde-se nos traços destas aproximações entre atividade física e saúde, “[...] pode até não impressionar tal como afeta a visão repugnante

de uma agressão física explícita, mas deixa marcas que se inscrevem silenciosas em todas as dimensões de nossa existência” (ALVES; CARVALHO, 2010, p. 230).

Além disso, percebe-se um notório pavor/medo em relação à gordura tanto no discurso proferido por **Fábio**, quanto em tantos outros que também são veiculados no portal UOL, por exemplo. Isto, inclusive, corrobora para promoção da gordofobia, pois: “[...] a visão que se tem de qualquer pessoa gorda, não importando sua subjetividade, história, cultura e hábitos, já é um pré-diagnóstico, um enquadramento do corpo gordo como um corpo doente” (JIMENEZ *et al.*, 2023, p. 29).

Além disso, Jimenez *et al.* (2023), nos chama atenção para seguinte afirmação, inclusive, exercendo o seu lugar de fala⁶⁶:

Colocar/entender/tratar as pessoas gordas como doentes é gordofobia, pois limita as experiências que podem ser vividas nos encontros ao efetuar a captura dos olhares e dos agires para o regime de verdade binário da doença, em detrimento da multiplicidade do existir de cada corpo gordo, e que vem acompanhado de culpabilização e de julgamentos negativos sobre o engajamento daquela pessoa com o autocuidado. Essa perspectiva reforça o preconceito/estigma, afirmando estereótipos que acabam estabelecendo situações degradantes e constrangedoras, marginalizando a pessoa gorda e excluindo-a socialmente. Esses comportamentos acontecem na família e em espaços públicos e privados, como escola, trabalho, mídias sociais, hospitais e consultórios, balada, transporte, praias, academias, piscinas etc. (JIMENEZ *et al.*, 2023, p. 30).

Tendo em vista as discussões até aqui tecidas, e levando-se em conta os conteúdos midiáticos analisados, torna-se passível de constatação o esforço por parte da mídia em retratar o corpo gordo como patógeno, para isso se utiliza de dados estatísticos da área biomédica com intuito de demonstrar os males advindos do excesso de peso, este excesso sendo mensurado a partir do uso sistematizado do IMC, enquanto instrumento que atende a perspectiva da normalização médica com vistas ao diagnóstico da obesidade, esta, por sua vez, aparentemente ocasionadora de todas as possíveis problemáticas vivenciadas por pessoas gordas. Este processo de patologização do corpo gordo caracteriza-se como uma prática gordofóbica estrutural e institucionalizada, organizadamente elaborada e amplamente disseminada pela mídia.

4.1.2 – Emagrecer é a palavra de ordem

As reportagens relacionadas a esta categoria temática evidenciam que emagrecer seria a atividade-fim de quem possui corpo gordo, ou seja, tudo que é feito é pensado em ter um

⁶⁶ Maria Luísa Jimenez, é Filósofa, Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT, pesquisadora, ativista gorda e feminista. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/01/11/maria-luisa-jimenez-jimenez-gorda-saudavel-e-bem-acompanhada.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 maio 2023.

corpo que seja mais magro, como sendo sinônimo de saúde, desconsiderando as condições de como esses corpos gordos se encontram e como quem possui tal padrão corporal avalia sua condição.

Torna-se ainda observável que os conteúdos midiáticos veiculam outras formas de se aderir ao emagrecimento, ou seja, a partir de procedimentos medicamentosos, como por exemplo, a matéria veiculada no dia 3 de janeiro de 2023, intitulada “Semaglutida: o que se sabe sobre injeção para tratar obesidade aprovada pela ANVISA⁶⁷”.

O Semaglutida trata-se de um medicamento injetável, já aprovado nos Estados Unidos da América para tratar obesidade em adultos, e que tem sido vislumbrado como a nova promessa para jovens perderem peso (o medicamento atua sequestrando os níveis de apetite do corpo e imitando um hormônio – chamado GLP1 – que é liberado após uma refeição farta, este hormônio é responsável por sinalizar a sensação de saciedade ao cérebro). Conforme veiculado na/pela matéria especialistas frisam que o remédio deve ser aliado a medidas como uma alimentação saudável e atividades físicas, condições presentes nos estudos⁶⁸ que demonstraram bons resultados para perda de peso por meio do remédio.

Ainda dando ênfase ao discurso proferido, **Fábio** continua com a informação de que aos seus 15 anos de idade já pesava 121 kg, sendo assim, desde cedo já vivenciara o *bullying* na escola⁶⁹ devido a sua configuração corporal. Tal relato, converge com o resultado de um estudo da OMS veiculado pelo portal G1, no dia 27 de setembro de 2022, com título

Fábio: “com 15 anos, eu já pesava 121 kg. Sofria bullying frequentemente na escola e pedi para meus pais me levarem a um médico, para mudar hábitos e emagrecer” (CORTEZ, 2022).

“Obesidade: entenda o que é e como você pode ajudar quem sofre dessa doença crônica”, o

⁶⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2023/01/03/semaglutida-o-que-se-sabe-sobre-injecao-para-tratar-obesidade-aprovada-pela-anvisa.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁶⁸ A semaglutida já foi aprovada pela Anvisa em 2018 para outra função: o tratamento de diabetes tipo 2, por meio do medicamento Ozempic. O aval da Anvisa foi baseado em resultados do programa de ensaios clínicos *Semaglutide Treatment Effect in People with Obesity* (O efeito do tratamento com semaglutida em pessoas com obesidade, em tradução literal), que acompanhou aproximadamente 4.500 adultos com excesso de peso ou obesidade. Esse estudo revelou que pacientes que usaram Wegovy conseguiram uma perda de peso corporal média de 17% em 68 semanas (aproximadamente 1 ano e meio) contra 2,4% do grupo placebo (substância sem nenhum efeito no corpo). No entanto, os estudos usaram o medicamento como um coadjuvante porque a perda de peso também incluiu aumento de atividades físicas e alimentação adequada. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2023/01/03/semaglutida-o-que-se-sabe-sobre-injecao-para-tratar-obesidade-aprovada-pela-anvisa.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁶⁹ “A educação dos corpos – não o seu adestramento e controle – merece maior atenção nos processos escolares. É uma das lacunas mais lamentáveis em nossa pedagogia. Recolocar o corpo na centralidade que ele tem na construção de nossa identidade e da totalidade da nossa cultura exige criatividade profissional de todos” (ARROYO, 2000, p. 72).

qual demonstra que os grupos que mais sofrem com preconceito contra a obesidade, são: crianças em idade escolar - 63% têm mais chances de sofrer *bullying* -, pessoas que sofrem descrédito dentro do ambiente de trabalho - 53% dos participantes da pesquisa relataram casos assim, – e pacientes – 69% dos adultos respondentes passaram por algum tipo de constrangimento ao procurar ajuda médica⁷⁰. Ou seja, tendo em vista esses achados, percebe-se que o *bullying* na escola ocupa a segunda posição entre os grupos que são vítimas do preconceito contra a obesidade, evidenciando que as possibilidades de agressões e violências aos corpos que se sobressaem em seus volumes têm indicado maior propensão às crianças e jovens de sofrerem *bullying* em contexto escolar.

Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012) tiveram como objetivo central analisar como se manifesta o processo de *bullying* na vida dos alunos considerados gordos por seus agressores dentro do contexto da EF escolar. Trata-se de um estudo oriundo de uma pesquisa monográfica do curso de EF da UFS que analisou o objeto sob o viés de um estudo de caso de uma Escola Pública Municipal de Aracaju, capital de Sergipe. Os resultados apontam que: “[...] 66% dos alunos ‘gordinhos’ que foram entrevistados sofrem *bullying* escolar e não sabiam explicar com veemência a justificativa das agressões, mas, tinham certeza de que os *bullies* se divertiam vendo o sofrimento que causavam⁷¹” (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012, p. 289). Ainda tendo em vista os achados, os autores destacam que: “[...] metade desse total vive em constantes situações de humilhação, evitando contato com os agressores na escola e no caminho de volta para casa, além de viver tentando não chamar a atenção das demais pessoas em lugares públicos” (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012, p. 289).

Calbo (2009) pontua que o *bullying* refere-se “[...] à exposição repetida a ações propositais que ferem ou prejudicam o indivíduo, caracterizando-se, principalmente, pela disparidade de poder entre os pares, de modo que uma pessoa é dominada por outra” (CALBO, 2009, p. 74), pois, infelizmente, o diferente é visto como algo “anormal” e “desigual”, é aquela/aquele que não segue “aquilo” que é considerado como padrão e norma a ser atingida.

⁷⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/especial-publicitario/novo-nordisk-best/noticia/2022/09/27/obesidade-entenda-o-que-e-e-como-voce-pode-ajudar-quem-sofre-dessa-doenca-cronica.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁷¹ Os autores também indagaram a respeito de “[...] quais eram os apelidos que os alunos já tiveram ou têm, a maioria dos resultados fazia alusão a sua condição corporal: ‘baleia’, ‘baleia assassina’, ‘baleia rosa’, ‘baiacu’ (peixe que se ‘infla’ com ar), ‘barril’, ‘fofinho(a)’, ‘Free Willy (filme de uma baleia)’, ‘gordura três’, ‘mamute’, ‘Nhonho (personagem ‘gordinho’ da série de TV Chaves)’, ‘Rasputcha (personagem obesa do filme ‘Norbit: uma comédia de peso’)’ e ‘tribufu’ ” (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBA, 2012, p. 282). De acordo com estes autores: “[...] os demais apelidos estavam relacionados a outros tipos de preconceitos: ‘Patrick’ (estrela-do-mar cor de rosa do desenho “Bob esponja” ou personagem homossexual do programa “Zorra Total” da Rede Globo de televisão), “veado”, “satanás” e “bebe moto” (um tipo de monstro, de acordo com o entrevistado)” (Idem, 2012, p. 282).

É muito comum percebermos no ambiente escolar, no contexto das aulas de Educação Física, crianças sendo discriminadas por sua condição corporal: o gordinho, o estrábico, o deficiente, o magricela, os menos aptos fisicamente frente uma habilidade motora ou performance esportiva, bem como outros mais. Todavia, esse abuso não se restringe ao ambiente escolar, os alunos estão encontrando outras formas de atuação. Então, o uso das tecnologias de comunicação por pessoas de faixas etárias cada vez mais baixas permite o surgimento do *cyberbullying*⁷², abrindo um maior leque de possíveis consequências negativas ao desenvolvimento dos alunos (MATOS; ZOBOLI; MEZZAROBÀ, 2012, p. 275-276).

Neste sentido, Souza e Gonçalves (2021) mencionam que a instituição escolar, como sendo uma esfera social, tem a tendência de refletir (reflexo) a realidade sociocultural a sua volta, o que faz dela um lugar que promove a expansão do preconceito, discriminação e estigmatização. Steffen e Queiroz (2022), reforçam afirmando que:

O ambiente escolar é um lugar onde as manifestações preconceituosas e discriminatórias contra o corpo gordo são comuns e preocupantes, por poderem causar danos à saúde física e mental dos estudantes. Esse microcosmo social em que a escola se converte acaba por espelhar, em seu interior, as condutas sociais e os estigmas vivenciados na sociedade que a envolve (STEFFEN; QUEIROZ, 2022, p. 230).

Daí a relevância da instituição escolar desenvolver projetos que passem a valorizar as diferenças corporais, as quais fazem parte da realidade social ao nosso entorno, e que possam deixar evidente que os paradigmas acerca dos corpos, são invenções e que, portanto, podem e devem ser “reinventados” (PINHEIRO, 2018).

Além disso, a partir da afirmação do **Fábio** de que solicitou aos seus pais para o “levarem a um médico, para mudar hábitos e emagrecer”, torna-se cabível de análise crítico-reflexiva, mas também a partir de uma perspectiva problematizadora, que o processo de exclusão das pessoas gordas está engendrado até mesmo na percepção⁷³ destas, de que seu próprio corpo não merece ser vivido, estando sempre em busca de alternativas de fugir dele na contínua possibilidade, ou obrigação de emagrecer a qualquer preço, afinal, ser gordo é um problema considerado cabível de reversão, já que não corresponde **à normalidade** (PIÑEYRO, 2016).

Para Canguilhem (2009), concernente ao conceito de normalidade, há a existência de uma clara fronteira de distinção do normal e do patológico, porque significa, antes de tudo, afirmar que a distinção entre eles não está no domínio do fato, mas no campo de problemas de valor.

⁷² É o *bullying* praticado através das tecnologias da informação e comunicação (Telefones, *internet*, *blogs*, fotografias, vídeos, entre outros).

⁷³ Paim e Kovalesskib (2020, p. 4), corroboram afirmando que: “[...] a gordofobia está impregnada na nossa concepção de corpo, projetando limitações, culpa e exclusão das pessoas gordas (condenadas ao exílio)”.

Não é absurdo considerar o estado patológico como normal, na medida em que exprime uma relação com a normatividade da vida. Seria absurdo, porém, considerar esse normal idêntico ao normal fisiológico, pois trata-se de normas diferentes. Não é a ausência de normalidade que constitui o anormal. Não existe absolutamente vida sem normas de vida, e o estado mórbido é sempre uma certa maneira de viver (CANGUILHEM, 2009, p. 92).

Tais percepções permitem compreender o fenômeno da obesidade para além de disfunções físico-químicas, conforme destacado pela área biomédica, ou seja, relaciona-se à capacidade de se adaptar às normas previamente apresentadas pelo meio. Assim, descrever a pessoa gorda como doente devido a sua configuração corporal, ou referente às disfunções orgânicas, descaracteriza sua essência humana (SOUSA, 2022).

Além disso, outra matéria veiculada pelo portal G1, no dia 04 de março de 2022, apresenta dados do Atlas da Obesidade no Mundo, os quais apontam que o Brasil pode ter um terço de crianças e adolescentes com obesidade até 2035. Ainda de acordo com Paulo Miranda, presidente da SBEM: “[...] os números vêm aumentando ano a ano, década a década”⁷⁴.

Sendo assim, segundo Miranda, torna-se necessário estabelecer medidas no sentido de prevenção, facilitando o acesso das famílias à alimentação saudável. Ainda nesta matéria, é disponibilizado o relato de uma dona de casa que afirma o seguinte: “[...] a gente tem que estar sempre presente mostrando que não é apenas desleixo. É uma doença. Obesidade é uma doença e **precisa ser tratada**”⁷⁵.

O relato utilizado pelo portal UOL é tendencioso à gordofobia, pois além de colocar a culpa no sujeito pela sua configuração corpórea volumosa, ou seja, aparentemente desleixado e sem disciplina, passa a patologizar o corpo gordo, pois este, encontra-se distante do protótipo a ser seguido, o corpo cujo resulta do processo de emagrecimento.

Inclusive, esta afirmação dialoga com uma outra matéria veiculada no portal G1, no dia 24 de agosto de 2022, também faz referência ao emagrecimento como “sinônimo de saúde”, pois a matéria logo no primeiro parágrafo disponibiliza a informação de que: “[...] perder peso, mesmo que seja só um pouquinho, já traz benefícios à saúde. Estudos mostram que com apenas 3% a menos de peso pode haver redução nos níveis de glicose. Se perder 5%, a pessoa consegue notar o aumento do colesterol bom, o HDL, e sentir menos dor nas articulações”⁷⁶.

⁷⁴Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/03/04/no-dia-mundial-contra-a-obesidade-especialistas-conscientizam-populacao-sobre-perigos-do-excesso-de-peso.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁷⁵Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/03/04/no-dia-mundial-contra-a-obesidade-especialistas-conscientizam-populacao-sobre-perigos-do-excesso-de-peso.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁷⁶Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/podcast/noticia/2022/08/24/bem-estar-157-obesidade-controlada-as-novas-metas-para-perder-peso.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

A matéria ainda afirma que se a perda for acima de 10%, aumenta as chances de diminuir a gordura no fígado e as doenças cardiovasculares. Aqui, percebe-se que estes valores “fechados”, de 5, 10%, relacionam-se também referente à primeira categoria, da discursividade biomédica como normatividade, é como se os corpos fossem iguais e os números ajudam nesse processo de normatividade.

Ou seja, percebe-se que o discurso midiático inclina para ideia de que ser magro é ser saudável, o que dialoga com a afirmação do **Fábio** de que o fato de perder peso estaria relacionado a uma questão de saúde. Para tanto, recorrendo novamente ao contexto histórico da humanidade, nem sempre a magreza estivera atrelada ao sinônimo de saúde, no século XIX, por exemplo, era um sinal de fraqueza, pois remetia à pobreza em uma época que a fome ameaçava os brasileiros, e a desnutrição era considerada um grande problema de saúde pública no país (SANT’ANNA, 2016).

Conforme Poulain (2013, p. 125), já houve uma “[...] vasta literatura de regimes para engordar, como existe, atualmente, uma vasta literatura de regimes para emagrecer”. À exemplo disso, destaca-se a antiga campanha publicitária (figura 4) dos comprimidos *Vikelp*: “*Vikelp transforma as magras de nascença em criaturas fortes e cheias de vida*”. Esta campanha é de 1940, e expressa os padrões estéticos após a Segunda Guerra Mundial, um momento de escassez de alimentos, exemplificando como a beleza é sempre inatingível para a maioria da população (ALTHEIA, 2019).

Figura 4 – Anúncio publicitário sobre o complexo da magreza⁷⁷

⁷⁷ Na figura 4, consta o seguinte texto o qual não está legível para leitura: “Cuidado com essa magreza. Dia a dia essas palavras ferem a sua sensibilidade, tornando sua vida um fardo insuportável. Você deixa de ir a praias, usa roupas fechadas... Adquire o complexo da magreza. *Vikelp* trouxe novo alento aos magros de nascença”. Tendo em vista a propaganda dos remédios *Vikelp*, Heine (2014, p. 11), alerta para o fato da “[...] formação ideológica que relaciona saúde com ganho de peso, e coloca a magreza como algo tão negativo que pode até gerar um complexo, afetando a vida das pessoas, sendo apontada inclusive, como um “fardo” insuportável”. Ainda para este autor: “[...] ao mesmo tempo, o remédio *Vikelp*, é colocado como o líquido milagroso, que não só restituirá a saúde de quem o utilizar, como também será capaz de curar o complexo de magreza. Assim, a posição ideológica do produtor do discurso aí estampado fica plausível: beleza física traz felicidade e a magreza, era sinônimo de feiura” (Idem, 2014, p. 11).



Fonte: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2015/03/livre-se-da-magreza.html>

Não obstante, nos dias atuais o corpo magro tem sido visto como a tônica do “ideal” de corpo, por sua vez, a gordura passa a ser considerada um símbolo de falência moral e o indivíduo gordo, além de apresentar um peso e formas que não têm uma aceitação social em sua plenitude, passa a ser visualizado como um sujeito menos desejável e desqualificado (PEREIRA, 2019). Isto pode ser melhor explicitado na figura 5, pois, segundo Heine (2014, p. 10), “[...] a partir da década de 90, é visível nas propagandas, o atravessamento do discurso científico com as ideias de vida e alimentação saudável. Desse modo, o sobrepeso passa a ser condenado. Por representar riscos à saúde”.

Figura 5 – Propaganda sobre o medicamento Sanavita⁷⁸

⁷⁸ Acima do bolo aparece o seguinte enunciado: “O mundo nunca vai ser assim, emagreça com Sanavita”. E, logo abaixo, próximo do remédio Sanavita, consta o seguinte chamamento ao leitor: “Sanavita, o ingrediente de sua reeducação alimentar e de seu emagrecimento saudável”.



Fonte: Heine (2014, p. 10)

A partir da análise do enunciado e da imagem (figura 5) em questão, percebe-se que o anúncio remete à ideia de que, para ser atraente e arranjar um "esposo" é necessário se adequar aos padrões estéticos de beleza que, na década de 1990, correspondem a ter um corpo magro (HEINE, 2014), e nos dias atuais até mesmo *fitness*. Percebe-se, portanto, que o produto midiático (figura 5) objetivou disseminar a ideia de que o público feminino, para ser sensual e atrativo aos olhos dos homens, não podem ser mulheres gordas, ocorre que há um processo de tentativa de produção de certa homogeneidade dos corpos justamente para atender à lógica corporativista e de mercado, uma vez que a tônica está no lucro (advinda dos mais diversos produtos e processos de intervenção biomédicos e corporais) e não nas pessoas, no respeito aos seus diferentes corpos e suas subjetividades.

No entanto, faz-se necessário destacar que a discursividade estabelecida no estudo ora apresentado não pretende inclinar para discussão de estética, do belo e aceitável, mas, sim, de questões estruturais e que limitam a subsistência das pessoas com corpos gordos, caracterizando-se assim, como uma prática gordofóbica, porquanto sem quaisquer distinções de gênero, embora as mulheres sejam as mais afetadas, justamente tendo em vista a nossa sociedade heteronormativa, patriarcal e misógina.

Além disso, infere-se que **Fábio** entende o **conceito de saúde** conforme está, inclusive, no imaginário social das pessoas, ou seja, em seu sentido meramente biológico – modelo hegemônico, médico-centrado. Oliveira *et al.* (2012, p. 100) nos chamam atenção para o fato

de que “[...] os discursos produzidos sobre saúde, sejam em periódicos científicos ou na mídia, podem estar carecendo de cientificidade, bem como notadamente de rigor conceitual”.

Sendo assim, embora não exista, um único e exclusivo, conceito de saúde⁷⁹ cientificamente fundamentado, Canguilhem (2009) assinala que as diferenças entre saúde e doença, normal e patológico são variações qualitativas, e não quantitativas como é percebida pela área da biomedicina. Ainda conforme este autor: “[...] o que caracteriza a saúde é a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas” (CANGUILHEM, 2009, p. 148). O autor alerta que, embora não se confundam, nem se valorizem igualmente doença e saúde como iguais, o modo cultural de compreendê-las diverge profundamente.

Barros (2015) nos auxilia frente à compreensão do conceito de saúde enquanto normatividade, à luz da concepção de Georges Canguilhem:

O conceito de saúde como normatividade valoriza a subjetividade do paciente. Ou seja, para o conceito de saúde como normatividade quem irá determinar se o sujeito é saudável ou não é sua subjetividade. Diversas mulheres no mundo anualmente enfrentam o câncer de mama. Porém as que superam mais facilmente a situação são as que se sentem capazes de obter a cura através dos tratamentos e que não abalam a sua autoestima por causa da doença. Já outras, mesmo diante de um câncer de mama brando, se entregam à doença e acabam perdendo suas vidas (BARROS, 2015, p. 26).

Nesse contexto, também se torna oportuno recuperar o conceito ampliado de saúde, que não se refere apenas à ausência de doenças, tal como o modelo biomédico, em que: “[...] a doença era o foco do tratamento e não a pessoa doente” (BARROS, 2015, p. 15), nem tampouco se limita ao conceito idealista preconizado pela OMS, como um completo bem estar físico, mental e social, e que não incorpora a subjetividade, como faz Canguilhem (2009), mas, sim, a uma série de determinantes e condicionantes relacionados à alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, atividade física, transporte, lazer e acesso aos bens e serviços essenciais, entre outros (BRASIL, 1990; BARROS, 2015).

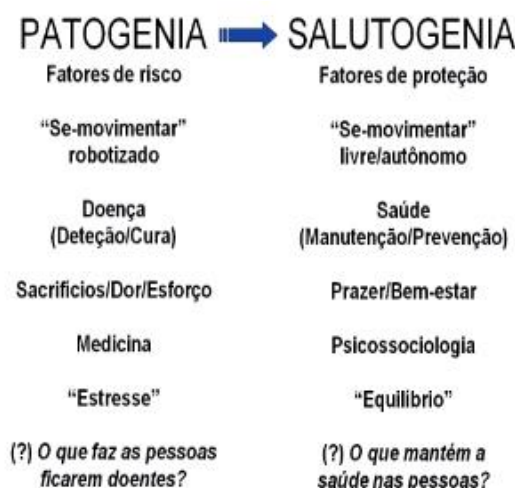
Nesta discussão, faz-se necessário e de grande pertinência recorrer também aos escritos de Aaron Antonovsky⁸⁰ o qual cunhou o seguinte termo “[...] salutogênese (*salus* do

⁷⁹ No Brasil, a saúde é direito previsto na Constituição Federal de 1988. O art. 196 estabelece que: “[...] a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”. Sendo assim, o texto constitucional além de afirmar o direito do cidadão, predispõe que o Estado tem o dever de gerenciar políticas que visem, inclusive, a garantia desse direito. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 abr. 2023.

⁸⁰ Foi um imigrante israelense, de nacionalidade americana, sociólogo e médico, desenvolveu o conceito de “salutogênese”, em 1979, que se trata inicialmente da abordagem básica dos fatores que mantêm as pessoas saudáveis ao invés de evitar uma patologia ou focar nos fatores de risco.

latim = invencibilidade, bem-estar, alegria; *gênese* do grego = origem) para enfatizar a sua distinção de patogênese que tem dominado a área médica, o modelo atual de doença e, também, o modelo de fator de risco” (OLIVEIRA, 2004, p. 243). Desta forma, a figura 6, elucida as características dos modelos patogênico e salutogênico:

Figura 6 – Compreensão quanto ao modelo patogênico e modelo salutogênico



Fonte: Mezzaroba (2012, p. 242)

Percebe-se, na figura 6, que a salutogenia preocupa-se com os fatores de proteção à saúde/vida, diferentemente da patogenia, voltada para os fatores considerados de risco, em que se relacionam com o *modus operandi* do modelo hegemônico, médico-centrado. Antonovsky problematizou o tema saúde-doença, dando ênfase às questões que servem como ponto de partida para o desenvolvimento do seu trabalho teórico, como por exemplo: “[...] porque algumas pessoas, a partir de influências muito prejudiciais, permanecem saudáveis? Como elas conseguem se recuperar das doenças? O que há de especial nas pessoas que não adoecem, apesar das tensões e pressões mais extremas? (OLIVEIRA, 2004, p. 243).

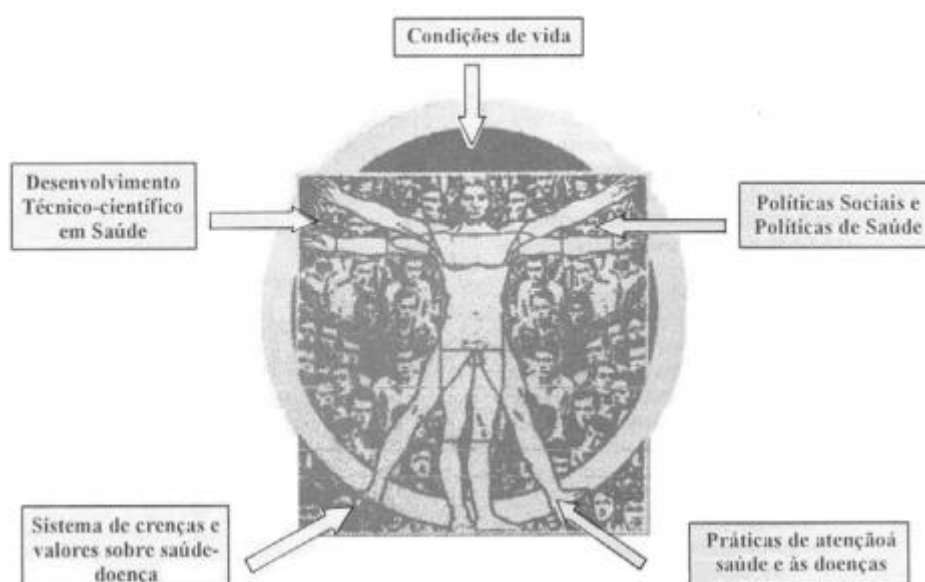
Desta forma, tendo em vista a figura 6, Oliveira (2004) refere que o primeiro termo (patogenia), concebe “[...] a visão de um modelo centrado no binômio saúde-doença-dicotômico” e o segundo como sendo, “[...] a visão de um modelo holístico, centrado no sujeito e na sua relação com o mundo⁸¹” (OLIVEIRA, 2004, p. 247).

⁸¹ Ferreira, Kirk e Drigo (2022) buscaram identificar e analisar as práticas desenvolvidas por profissionais de Educação Física (PEF) no trabalho com as Práticas Corporais/Atividade Física (PCAF) para adultos e idosos em programas públicos de promoção da saúde, para além da prevenção de doenças. Baseada na teoria da salutogênese, participaram do estudo 4 PEF, 3 coordenadoras de centros de saúde e 34 adultos e idosos. Os dados foram produzidos através de entrevistas e observação não participante. A análise indutiva dos dados identificou 4 práticas representativas do trabalho dos(as) PEF, que são: “um olhar para as pessoas”, “relações de cuidado”, “desenvolvimento de recursos de saúde” e “valorização do protagonismo comunitário”. Os autores ainda sugerem que os modos de trabalho dos(as) PEF superaram o modelo tradicional biomédico e assumiram um caráter

Scliar (2007) pontua que ao se discutir sobre o conceito de saúde, deve-se levar em consideração que este “[...] reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas” (SCLIAIR, 2007, p. 30).

Essa complexidade referente ao conceito de saúde, também foi objeto de estudo de Minayo (2006), em sua obra “saúde como responsabilidade cidadã”, justamente tendo em vista que diversos fatores podem determinar o processo saúde-doença de um sujeito, ou de um conjunto populacional, a autora utiliza a obra plástica (imagem de um “homem”) de Leonardo Da Vinci, com a premissa de simbolizar um homem hígido e saudável (figura 7).

Figura 7 – Complexidade do conceito de saúde simbolizado na obra de Leonardo Da Vinci



Fonte: Minayo (2006, p. 95)

Os indicadores de condições e qualidade de vida são considerados o parâmetro primário para dimensionar a saúde numa população (MINAYO, 2006), entre os quais, cita-se: “[...] níveis de renda, salários, emprego, trabalho, de segurança e proteção social” (MINAYO, 2006, p. 95). De maneira convencional, a autora diz que este parâmetro equivale à: “[...] cabeça

salutogênico, ou seja, “[...] os(as) PEF desenvolveram novas possibilidades com as PCAF em alinhamento com uma perspectiva salutogênica, ou seja, centradas no desenvolvimento de capacidades para a produção de saúde e bem-estar” (FERREIRA, KIRK; DRIGO, 2022, p. 14). Estes, finalizam afirmando que: “[...] as experiências constituídas com as PCAF apoiaram os(as) participantes no enfrentamento de adversidades, contribuindo para que percebessem a vida como compreensível, gerenciável e significativa, e por sua vez influenciando positivamente a saúde” (ANTONOVSKY, 1979 *apud* FERREIRA, KIRK; DRIGO, 2022, p. 14).

e a coluna vertebral do homem de Da Vinci” (MINAYO, 2006, p. 95), isto é, a parte central passa a ser entendida como aquela que comporta aspectos essenciais para subsistência da pessoa humana, e assim, determinante para o processo saúde-doença.

Referente ao braço esquerdo, ou seja, lado direito da figura 7, encontram-se as políticas sociais relacionadas principalmente aos direitos à saúde (universal e equânime), em outras palavras, “[...] referem-se às interferências do estado e da sociedade civil para promover a superação das condições diversas” (MINAYO, 2006, p. 95). Assim, dentre os elementos de proteção social, cita-se, por exemplo, o direito à moradia, ao saneamento e à infraestrutura básica, à seguridade social e à educação. Além disso, a autora comenta: “[...] de forma muito especial citam-se as políticas do setor saúde, em seu sentido estrito. Ou seja, esse braço também segura as ações preventivas, assistenciais e compensatórias, oferecidas pelo Sistema de Saúde” (MINAYO, 2006, p. 96).

Especificamente referente às compensatórias, a autora destaca as pessoas que, devido a processos de exclusão, de incapacidade física ou mental, até mesmo por questões de idade, ou por quaisquer outras questões/razões, não constroem seus meios para sua própria subsistência.

Ainda em relação à figura 7, mais precisamente, o braço direito da obra de Da Vinci, Minayo (2006) faz referência ao membro que “transporta” tanto o sentido quanto às ações “[...] do desenvolvimento científico e tecnológico responsáveis pelas descobertas que permitem melhor qualidade de vida, garantindo uma sociedade saudável. E também as teorias, métodos e técnicas capazes de ajudar a superar as condições de agravamento à saúde, prevenir e curar” (MINAYO, 2006, p. 96).

Já referente aos membros inferiores, da obra plástica de Da Vinci, Minayo (2006) ainda compartilha a seguinte análise crítico-reflexiva:

Na perna esquerda (lado direito da figura) repousam as ações, as técnicas e os conhecimentos organizados dentro da prática médica e das outras profissões da área da saúde, capazes de garantir os procedimentos de tratamento, assistência, alívio e cura dos doentes. Por fim, a perna esquerda do homem de Da Vinci se apoia no chão do conjunto de valores sociais e culturais e da própria opinião pública, sustentando-se no sistema de crenças sobre saúde-doença e sobre as ações públicas e privadas realizadas nessa direção. As duas pernas têm uma dinâmica coordenada, pois as medidas de saúde pública mudam através dos tempos, pela compreensão social das causas e do controle das enfermidades (MINAYO, 2006, p. 96).

Percebe-se, assim, que o processo saúde-doença, envolve um conjunto de fatores inter-relacionados, ou seja, há uma relação dialética entre a sabedoria da experiência e o conhecimento científico (MINAYO, 2006). Outra questão a ser tensionada, refere-se ao fato de que “[...] o estudo sobre os corpos gordos na área da saúde no Brasil focam majoritariamente

em dados estatísticos e em aspectos que auxiliam a identificação de patologias no corpo gordo” (RANGEL, 2018, p. 82), tal realidade tem corroborado fortemente para o processo de patologização destes corpos, inclusive, impondo-se culpabilidade e estigmatização.

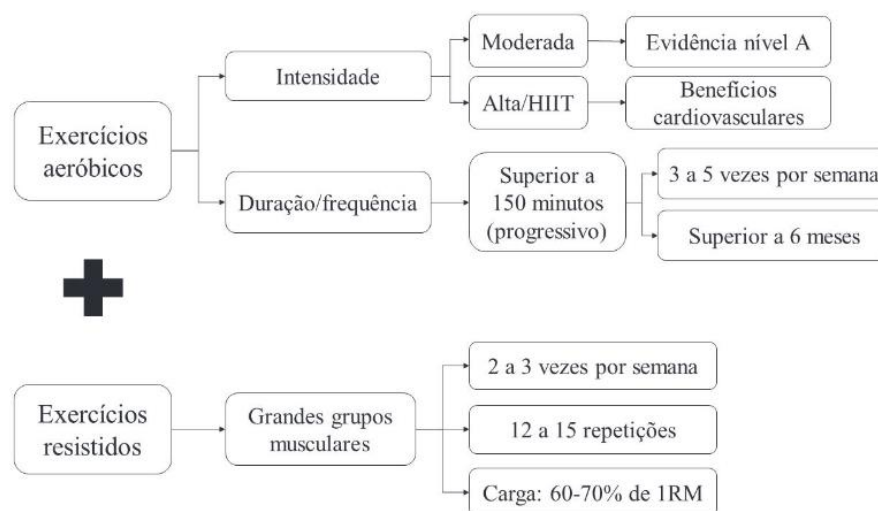
Steffen e Queiroz (2022, p. 230) afirmam que “[...] a estigmatização do corpo gordo como doente impõe necessariamente a sugestão de cura de um mal – patológico e social – que deve ser suprimido da sociedade”, isto é, a sociedade estabelece formas de categorizar os sujeitos em seus atributos comuns e naturalizantes por meio de paradigmas negativos. Quando esses paradigmas não são alcançados de alguma forma, atributos que são significativamente depreciativos são postulados a esses sujeitos por grupos sociais que os discriminam (GOFFMAN, 1988).

Além disso, torna-se oportuno ressaltar que o intuito não é renegar os efeitos considerados positivos por meio da prática de exercício físico que, no caso em questão, refere-se ao exercício resistido, conforme citado por **Fábio**. De fato, diversos estudos na área biomédica evidenciam os benefícios acerca de uma rotina regular de exercícios físicos aeróbicos, resistidos e até mesmo de flexibilidade.

Como por exemplo, pode ser citada a pesquisa de Jesus *et al.* (2018), os quais objetivaram realizar uma revisão de literatura sobre o exercício físico em adultos e idosos com obesidade, descrevendo os principais programas de exercício, a forma adequada de prescrição e os benefícios da sua prática regular, visto que a literatura científica sugere que sejam realizados exercícios aeróbicos de moderada a alta intensidade por, no mínimo, 150 minutos por semana, e quando possível acrescentar o treinamento resistido, 2 a 3 vezes por semana, com carga de 60-70% de uma repetição máxima.

A partir dos achados estes autores sugerem que seja realizada uma prescrição individualizada de exercício físico para pacientes com obesidade representando, assim, uma estratégia eficaz para a redução do peso, tratamento e controle dos fatores de risco cardiovasculares, além de promover benefícios na sintomatologia e em outras complicações (JESUS *et al.*, 2018).

Os referidos autores, ainda afirmam que o exercício físico realizado de maneira regular “[...] é complementar ao tratamento do quadro clínico dos pacientes obesos, sendo o exercício aeróbico mais indicado para a perda de peso e com maiores benefícios, podendo ser acrescentado o exercício resistido para otimizar os resultados” (JESUS *et al.*, 2018, p. 275), inclusive, estes em seu estudo, sistematizaram protocolos (figura 8) de exercícios (aeróbicos e resistidos) para pessoas (adultos e idosos) com obesidade:

Figura 8 – Protocolos de exercícios físicos para adultos e idosos com obesidade

Fonte: Jesus *et al.* (2018, p. 272)

Com vistas à figura 8, e levando-se em consideração às informações até aqui apresentadas, pontua-se que a crítica (construtiva) está no fato de não levar em consideração outros fatores que podem estar associados à obesidade, e não somente ao aspecto biológico e comportamental, isto é, surgem diversas críticas culpabilizantes de que o sujeito está gordo simplesmente por falta de ímpeto de mudanças, inclusive de uma vida sedentária para uma fisicamente ativa, e é claro, mudanças na alimentação.

Entretanto, torna-se relevante de ser aqui referenciado, o estudo desenvolvido no Reino Unido, por Fildes *et al.* (2015), em que houve acompanhamento de pacientes por 9 anos, objetivando assim, examinar a probabilidade de uma pessoa gorda atingir e manter o peso considerado “normal”. Os resultados demonstram que a probabilidade é muito baixa, pois a probabilidade de pacientes com obesidade atingir o peso “normal” foi de apenas 1 em 124 para mulheres, e 1 em 210 homens, aumentando para 1 em 1.290 para homens, e 1 em 677 para mulheres com obesidade severa (índice de massa corporal = 40,0–44,9 kg/m²).

Ainda conforme os resultados, a chance anual de perder 5% do peso foi de 1 em 12 para homens e 1 em 10 para mulheres, porém 53% recuperaram o peso em dois anos e 78% recuperaram o peso em cinco anos. Os autores concluem que os tratamentos atuais de controle de peso, concentrado na dieta e exercício físico não são eficazes em nível populacional.

Não obstante, Kuk *et al.* (2018) acompanharam 54.089 indivíduos em cinco estudos de *coorte*, que, por sua vez, constataram que 1 em cada 20 indivíduos com obesidade não apresentava outras anormalidades metabólicas. Estes concluíram que pessoas com obesidade considerada metabolicamente saudável não possuem taxa de mortalidade mais elevada, ao

contrário das doenças crônicas não transmissíveis, tais como: dislipidemia, hipertensão e/ou diabetes, que, isoladas, estão mais comumente associadas com o alto risco de mortalidade.

Para estes autores, a obesidade, sozinha, não aumenta o risco de morte. Diferentemente da Abeso (2016), a qual afirma que a obesidade representa uma: “[...] tendência a encurtar a vida, abrindo caminho para perigosas enfermidades” (ABESO, 2016, p. 22). Para tanto, Paim e Kovalesski (2020), alertam que nas diretrizes da Abeso “[...] há um discurso que reforça a saúde inerente aos corpos magros, que reproduz estereótipos relacionados ao corpo gordo e que relaciona diretamente quilos perdidos com melhor nível de saúde” (PAIM; KOVALESSKI, 2020, p. 10), ou seja, o estigma⁸² baseado no peso corpóreo, sendo que a tônica monolítica está na perda de peso.

No mais, há também o fato de que a pessoa estigmatizada considera “normal” o juízo de valor que lhe acontece, pois internaliza a desvalorização, gerando assim, um processo de autodepreciação, o que se relaciona ainda mais com a autocobrança, às vezes, até como maneira de se punir, ou seja, resulta na autoculpabilização (POULAIN, 2013).

A percepção das pessoas gordas com relação a elas próprias, pode ser exemplificada por esta fala: “antes eu era uma pessoa de saúde, né! Agora sou totalmente diferente, um lixo”. Elas apontam dificuldades financeiras para seguir as recomendações feitas pelos profissionais da saúde, elas sabem o que tem que fazer, mas não possuem condições para fazer. E obstáculos para realizar atividade física como atividades domésticas, cuidados com a família, queixas de dores e/ou limitações físicas. Admitem realizar tratamentos sem orientação profissional, como dietas da própria cabeça e tomar remédios para emagrecer (PAIM, 2022, p. 70).

Contudo, torna-se oportuno destacar a pesquisa realizada por Ulian *et al.* (2022), na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), a qual objetivou examinar se a perda de peso após intervenções baseadas em *Healt at Every Size*⁸³ (HAESR) está associada a mudanças nos fatores de risco cardiometabólicos e na qualidade de vida de mulheres com obesidade. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma análise exploratória

⁸² “[...] acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida” (GOFFMAN, 1988, p. 15).

⁸³ Significa “saúde em todos os tamanhos”, formulada nos Estados Unidos e promovida por uma organização sem fins lucrativos, que é detentora da marca registrada, a abordagem prioriza a saúde e o bem-estar físico e psicológico, independentemente do peso, isto é, incentivando pessoas com diferentes tamanhos e configurações corporais a se envolverem em comportamentos mais saudáveis, sem foco principal no emagrecimento. Conforme Ulian *et al.* (2022, p. 2): “[...] seus princípios incluem a promoção de uma prática de atividade física prazerosa e sustentável e uma alimentação flexível e individualizada baseada na fome, na saciedade, nas necessidades nutricionais e no prazer”.

auxiliar, caracterizado como um estudo randomizado controlado de 7 meses, de método misto. Foram acompanhadas 55 mulheres⁸⁴ (idade: $33,0 \pm 7,2$; IMC: 30 – 39,9 kg/m²).

Sendo assim, peso corpóreo, fatores de risco cardiovascular, risco cardiometabólico agrupado e qualidade de vida foram avaliados antes (Pré) e depois (Pós) intervenções baseadas em HAESR. Os resultados demonstram que a perda de peso foi associada a melhorias na circunferência da cintura ($\beta = 0,83$, $p < 0,001$), glicemia de jejum ($\beta = 0,45$, $p = 0,036$), total colesterol ($\beta = 1,48$, $p = 0,024$), LDL ($\beta = 1,33$, $p = 0,012$), cardiometabólico agrupado risco ($\beta = 0,18$, $p = 0,006$) e qualidade de vida ($\beta = -1,05$, $p = 0,007$).

Todos os participantes, exceto um que reduziu o peso corporal ($n = 11$), melhoraram o risco cardiometabólico agrupado e a qualidade de vida. De relevância, 34% e 73%, dos participantes que mantiveram ou ganharam peso melhoraram o risco cardiometabólico agrupado e a qualidade de vida, respectivamente, embora a magnitude das melhorias tenha sido menor do que entre aqueles que perderam peso.

Os achados sugerem que intervenções de modificação do estilo de vida e de peso neutro podem melhorar o bem-estar e os resultados relacionados à saúde, mesmo na ausência de perda de peso, isto é, a perda de peso não é determinante para obter melhoras na capacidade física, na proteção cardiovascular e na qualidade de vida. Ulian *et al.* (2022), ainda pontuam que:

O resultado que mostra que a perda de peso se correlaciona com melhorias na saúde geral após uma intervenção no estilo de vida não é novo. No entanto, nosso achado mais surpreendente foi que alguns participantes que mantiveram o peso ou mesmo ganharam peso também melhoraram a circunferência da cintura, o risco metabólico agrupado e a qualidade de vida. [...] de fato, os efeitos benéficos foram mais pronunciados naqueles que reduziram o peso corporal; no entanto, os participantes

⁸⁴ Para participar da pesquisa, não poderiam ter diabetes *mellitus*, doença coronária ou renal, nem usar remédios para emagrecimento, diuréticos ou supressores de apetite. Também não poderiam fazer acompanhamento nutricional fora da intervenção proposta. Além disso, gestantes e nutrizes também não puderam participar. Sendo assim, essas mulheres foram divididas em dois grupos, intervenção e controle. Os pesquisadores propuseram ao grupo intervenção uma abordagem de cuidados semelhante à HAES, porém com um programa de atividades mais intenso. As mulheres deste grupo passaram por aconselhamento nutricional e atividades físicas variadas – desde dança até lutas. Elas participaram, ainda, de uma série de cinco oficinas filosóficas conduzidas por um professor com formação em filosofia e Educação Física, que levou temas como o desejo e a moralização da saúde para debater com as participantes. Ainda de acordo com Ulian *et al.* (2022), não houve prescrição de dieta e a intervenção não contou com nenhum tipo de restrição calórica. Por sua vez, os autores estimularam as voluntárias a comer com base nos sinais de fome, planejar a alimentação e se engajarem em experiências culinárias. Já o grupo controle participou de um ciclo de palestras educativas baseadas nos princípios do HAESR. Em matéria divulgada no portal digital do Jornal da USP, Mariana Dimitrov Ulian (autora principal do estudo, nutricionista e doutora em Ciências pela USP), teceu o seguinte comentário a respeito da pesquisa: “a gente achou que não seria ético prescrever uma dieta a esse grupo, já que todo o nosso referencial teórico abordava os efeitos negativos das dietas. Então, a gente optou por fazer um grupo controle que também seguiria os princípios da abordagem HAESR, mas seguindo os modelos das intervenções que a gente vê por aí, que são basicamente encontros em grupo com uma frequência definida, seja mensal ou bimensal”, explica Mariana. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/mulheres-obesas-obtiveram-melhoras-na-saude-sem-dieta-e-sem-perder-peso/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

que mantiveram ou mesmo ganharam peso também experimentaram algum benefício em relação à saúde cardiovascular e à qualidade de vida (ULIAN *et al.*, 2022, p. 4-5).

Tais evidências são relevantes, inclusive, tendo em vista a perspectiva positivista embasada no *modus operandi* da área biomédica e que também concerne muitas pesquisas na área da EF. Além, é claro, de corroborar com as pesquisas desenvolvidas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, que têm advogado acerca de um olhar mais crítico-analítico com vistas a levar em consideração as individualidades e subjetividades dos corpos/pessoas/humanos a partir, inclusive, de uma perspectiva holística e não reduzido ao processo de emagrecimento enquanto à tônica monolítica com vistas à suposta garantia de saúde.

Sendo assim, percebe-se que tanto o preconceito como a discriminação contra o sujeito gordo são predominantes na sociedade contemporânea, a qual “[...] enaltece um corpo ‘sadio’, atlético e magro. O gordo é visto como lerdo, sem força de vontade, pouco inteligente, propenso a doenças, incapaz e exemplo de anomalia” (STEFFEN; QUEIROZ, 2022, p. 230). Nesse sentido, Canguilhem (2009), pontua que:

[...] quando se fala em anomalia não se pensa nas simples variedades que são apenas desvios estatísticos, mas nas deformidades nocivas ou mesmo incompatíveis com a vida, ao nos referirmos à forma viva ou ao comportamento do ser vivo, não como a um fato estatístico, mas como a um tipo normativo de vida (CANGUILHEM, 2009, p. 53)

Paim e Kovalski (2020) reforçam que toda a insistência que visa esse processo de emagrecimento e o estigma que culpabiliza o indivíduo acabam se tornando fatores de risco, como apontado em alguns estudos (PUHL; HEUER, 2010; PUHL; ANDREYEVA; BROWNELL, 2008), sendo assim, os resultados negativos são, por exemplo: o aumento da probabilidade de se engajar em comportamentos alimentares prejudiciais à saúde; menor participação em atividades físicas, devido ao preconceito sofrido nesses espaços; a propensão a praticar medidas de controle de peso insalubres; e maior vulnerabilidade para depressão, ansiedade, baixa autoestima, isolamento social e insatisfação corporal⁸⁵.

À vista das informações até aqui apresentadas, discutidas e problematizadas em torno desta segunda categoria temática, torna-se cabível de compreensão que a discursividade midiática presente nas matérias, sobre a associação entre perda de peso e saúde, não tem sustentação epistemológica quando relacionado à perspectiva de visualizar o sujeito de maneira

⁸⁵ Esta insatisfação com o próprio corpo, dialoga com o que Le Breton (2003) chamou de “sensação de incompletude do corpo”, ou seja, “[...] não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia que dele se faz” (LE BRETON, 2003, *apud* LÜDORF, 2009, p. 100).

holística, levando em consideração as subjetividades e os determinantes sociais⁸⁶ da saúde, isto é, existe uma multifatorialidade de questões que podem levar o sujeito a ser “sadio” ou “doente”, independente da ausência ou não de peso e de sua forma corporal ser ou não ser volumosa.

4.1.3 – Mídia e sua pedagogia corporal

Observando os discursos uníssonos das duas principais plataformas digitais brasileiras de informação, observa-se que os discursos textuais apresentam a questão/tema, estimulam práticas, expõem saberes (principalmente biomédicos e comportamentais), procuram motivar quem acessa esse tipo de conteúdo a atingir a atividade-fim (emagrecer, deixar a condição de corpo gordo), e também se pautam na pedagogia do medo, ou seja, amedrontando, com certos discursos, quem possui ou se dirige a ter uma maior corpulência.

Como por exemplo, pode ser citada a matéria veiculada no portal UOL, no dia 15 de março de 2023, intitulada “Sem açúcar, fritura e refri: Joice Hasselmann⁸⁷ mudou hábitos e perdeu 22 kg”, a matéria dar ênfase ao emagrecimento adquirido pela ex-deputada, percebe-se que o produto midiático busca apresentar os resultados advindos da sua mudança corpórea, ou seja, do corpo gordo para o magro e *fitness*.

Isto é ainda mais evidenciado na continuidade da matéria, a exemplo disso, a seguinte enunciação: “[...] a jornalista e ex-deputada federal Joice Hasselmann faz sucesso nas redes sociais com o seu novo estilo de vida. No perfil do *Instagram* "Bem-Estar com Joice", ela compartilha a rotina de treinos e de alimentação saudável” (MOURA, 2023), aqui é a mídia passando a ideia de que, para se conquistar um corpo “ideal”, ou seja, que corresponda a esse momento do culto ao corpo “perfeito”, é preciso que o sujeito tenha ímpeto de mudança, isto é,

⁸⁶ No Brasil, a Comissão Nacional sobre Determinantes da Saúde, define como sendo características socioeconômicas, culturais e ambientais de uma sociedade, que influenciam as condições de vida e trabalho, nas redes sociais e comunitárias e nos estilos de vida individuais. De acordo com Dalmolin *et al.* (2011): “[...] na VIII Conferência Nacional de Saúde, grandes avanços favoreceram a base conceitual de saúde, graças à participação ativa da sociedade, a qual impulsionou o Movimento da Reforma Sanitária, que possibilitou a reformulação do sistema de saúde brasileiro, bem como o entendimento de saúde enquanto produto de múltiplos determinantes” (DALMOLIN *et al.*, 2011, p. 392). Este autor, ainda menciona que devido ao advento da Reforma Sanitária Brasileira, “[...] a saúde passou a ser vista de forma ampla e complexa, centrando as diretrizes de universalidade, integralidade e equidade, diferente do modelo de saúde anterior, que evidenciava um sistema fragmentado, assistencialista, voltado para a lógica curativista, sem a participação da população e restrito aos profissionais da saúde” (DALMOLIN *et al.*, 2011, p. 392).

⁸⁷ A ex-deputada federal pelo Estado de São Paulo, eleita em 2018 pelo Partido Social Liberal (PSL), à época alinhada ao discurso bolsonarista, e hoje filiada ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), já foi vítima da gordofobia e da violência política de gênero. O deputado Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, e filiado ao Partido Liberal (PL) pelo Estado de São Paulo, já associou Joice Hasselmann à imagem do desenho animado *Peppa Pig* nas redes sociais. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/28/joyce-hasselmann.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 06 jun. 2023.

seja fisicamente ativo e tenha uma alimentação regrada e equilibrada, só assim, será possível emagrecer e obter saúde, bem-estar e melhora na qualidade de vida.

Além disso, o produto midiático se esforça para sinalizar que a “chave” para tal conquista, ou seja, emagrecer é se exercitar e melhorar os hábitos alimentares. De acordo com a matéria: “[...] à medida que a alimentação mudava, outra transformação ganhava força: o retorno aos exercícios físicos”. Esse papel ficou a cargo de Cristina, irmã de Joice, que é fisiculturista e especialista em transformação corporal”. Além disso, Joice prossegue: “[...] ela me ajudou a montar treinos e voltar a treinar, a me estimular para isso e hoje eu tenho um profissional que me acompanha nessa rotina” (MOURA, 2023).

O mesmo é observado a partir dos relatos de **Fábio** veiculados no portal UOL, a respeito do seu entendimento sobre o emagrecimento, visto que o produto midiático (tanto textual quanto imagético) objetiva passar a informação de que o sujeito conseguiu “vencer a obesidade” a partir da mudança de

***Fábio:** “entendi que perder peso era uma questão de saúde. Segui a dieta que foi passada, comecei a fazer musculação na academia do bairro e eliminei 42 kg em 4 meses” (CORTEZ, 2022).*

comportamento, incluindo rotina de exercício físico e alimentação regrada, pois quando o entrevistado foi consultado por uma médica endocrinologista, tivera sido descoberto pela profissional da saúde, que o sistema hormonal estava desregulado supostamente por causa do excesso de peso, e **Fábio** afirma, a partir disso, que para ter saúde seria necessário a perda de peso.

Tal afirmativa, dialoga com o produto midiático disponibilizado no portal G1, mais precisamente no dia 31 de dezembro de 2022, em que colocou em destaque o seguinte título “Em 2023 eu vou emagrecer: veja dicas para perder peso e levar uma vida mais saudável”, a matéria em questão foi discorrida tendo em vista a opinião de especialistas, dentre estes, a reportagem destaca o médico endocrinologista Carlos Eduardo Barra Couri, o qual afirma o seguinte: “[...] é essencial entender que a preocupação com a saúde precisa vir antes da preocupação com a balança” (MENGELLE, 2022).

Ainda conforme a referida matéria, para médicos duas palavras são importantes de serem enaltecidas nesse processo, equilíbrio e disciplina. E o produto midiático faz sua pedagogia corporal⁸⁸ da seguinte maneira: “[...] considerada a campeã entre as resoluções de

⁸⁸ Ribeiro, Silva e Kruse (2009) destacam a mídia como sendo um dos grupos que tem a capacidade de investir no discurso do aperfeiçoamento do corpo, justamente por ser percebida “[...] como um veículo de discursos considerados verdadeiros” (RIBEIRO; SILVA; KRUSE, 2009, p. 72). Estes autores ainda afirmam que: “[...] as diversas modalidades enunciativas da mídia parecem afirmá-la não só como veiculadora, mas como produtoras de saberes e formas de comunicar e produzir sujeitos, assumindo assim uma função reconhecida como pedagógica”

ano novo, a promessa de perder peso e levar um estilo de vida mais saudável é, além de uma questão estética, uma questão de saúde” (MENGELLE, 2022). Percebe-se, assim, que a mídia, exercendo o seu poder de influência, leva milhares de pessoas a uma concepção equivocada e problemática acerca do corpo gordo, pois este tipo de discursividade corrobora para manutenção de pensamentos e práticas gordofóbicas nos mais diversos contextos da sociedade.

Inclusive, essa pedagogia corporal exercida pela mídia, relaciona-se à pedagogia do medo, ao disseminar conteúdos que, de certa forma, causa pavor nas pessoas, como por exemplo, a matéria veiculada no portal G1, no dia 2 de fevereiro de 2023, com título “Por que o sobrepeso na meia-idade afeta seu futuro”, a reportagem coloca em destaque os resultados de um estudo⁸⁹ desenvolvido por cientistas noruegueses em que evidenciam a obesidade como fator significativo para o surgimento da Doença de Alzheimer, sendo o afinamento cortical um desses riscos. É da maior importância combater o sobrepeso e a obesidade de pacientes na meia-idade, para diminuir as chances de demência.

Além deste tipo de discursividade ser patologizante, também generaliza todos os corpos gordos, como se para não ter esta doença, a tônica inclina para ideia da perda de peso associada à promoção da saúde. É como se o fato do sujeito ser magro garantisse a ele “proteção”. Para tanto, infere-se que tal maneira de pensar, está intimamente relacionada ao fato, de desde cedo, as pessoas serem ensinadas e estimuladas acerca de um “ideal” de corpo em que sua configuração corresponda às normas estabelecidas na/pela sociedade contemporânea e midiaticizada.

Também é compreendido como sendo relevante, de aqui ser mencionado, os dados divulgados pelo Ministério da Saúde, por meio dos resultados da pesquisa realizada pela “Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico” (VIGITEL⁹⁰), os quais demonstram que o sobrepeso e a obesidade vêm crescendo cada vez mais e em ritmo alarmante (BRASIL, 2018). Além disso, a prevalência de excesso de peso no

(Idem, 2009, p. 72). Para os autores, a pedagogia midiática opera nos “trilhos” que irão direcionar à produção de sentidos e sujeitos sociais, particularmente dada pela forma como são estruturados os textos midiáticos.

⁸⁹ O estudo acompanhou 4.500 pessoas, acima dos 45 anos, entre 1994 e 2016. Anualmente eram registrados seu peso, altura e circunferência da cintura, para estimar a gordura abdominal. Os resultados demonstram que quem apresentava um quadro de obesidade tinha 2.5 vezes mais chances de estar frágil ou pré-frágil duas décadas depois. Ainda de acordo com a matéria, no caso de sobrepeso, o risco era duas vezes maior. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2023/02/02/por-que-o-sobrepeso-na-meia-idade-afeta-seu-futuro.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2023.

⁹⁰ O VIGITEL compõe as ações de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, com a finalidade de conhecer a situação de saúde da população e monitorar a frequência e a distribuição sociodemográfica de fatores de risco e proteção para Doenças Crônicas Não Transmissíveis no Brasil. Descrevendo assim, enquanto produto, a evolução de alguns indicadores, como por exemplo: tabagismo; excesso de peso e obesidade; consumo alimentar; atividade física; consumo de bebidas alcoólicas; condução de veículo motorizado após consumo de qualquer quantidade de bebidas alcoólicas; prevenção de câncer; etc.

Brasil aumentou de 42,6% em 2006 para 55,4% em 2019, já a obesidade⁹¹ cresceu de 11,8% em 2006 para 20,3% em 2019 (BRASIL, 2019).

Amparo-Santos, França e Reis (2020), a partir de seus estudos, passam a questionar o porquê determinados grupos sociais são mais susceptíveis à ocorrência de obesidade quando comparado a outros: “[...] por que são as mulheres, as pessoas negras, as pessoas com menor poder aquisitivo as mais afetadas pela obesidade?” (AMPARO-SANTOS; FRANÇA; REIS (2020, p. 29). Frente a tal questionamento/inquietação, Campos *et al.* (2020) pontuam ser importante pensar que são as residências chefiadas por mulheres de baixa escolaridade, principalmente as negras, que estão mais suscetíveis a sofrer insegurança alimentar (CAMPOS *et al.*, 2020).

Portanto, é preciso localizar e personalizar os grupos sociais afetados pela obesidade, não atribuindo, isoladamente, aos aspectos individuais e comportamentais, as explicações para ocorrência do sobrepeso e da obesidade, mas situando-os em contextos socioculturais produzidos historicamente (AMPARO-SANTOS, FRANÇA, REIS, 2020, p. 30).

Diante desta realidade, Silva e Mezzaroba (2022) alertam para o fato de que, embora a obesidade tenha sido, demasiadamente, apresentados como um problema de saúde pública e como uma questão de grande relevância social, “[...] não deve ser visualizada a partir do viés da patologização e, muito menos, da culpabilização⁹² dos sujeitos, ou seja, tal problemática, deveria levar em consideração as individualidades de cada sujeito, as questões socioeconômicas, ambientais e culturais” (SILVA; MEZZAROBA, 2022, p.103), e não somente levar em consideração os aspectos relacionados aos saberes da medicina hegemônica, visto que a obesidade é de ordem multifatorial.

A ideia aqui não inclina para o horizonte do desconsiderar os ganhos trazidos por esta, mas, sim, destacar seus limites. Limites ainda mais importantes quando consideramos que essa ênfase pragmática, em seu tecnicismo, é condição para uma prática enquanto dispositivo social de normalização (CANGUILHEM, 2009). Além disso, torna-se importante recorrer aos estudos de Gonçalves e Azevedo (2007), os quais compartilham o seguinte:

⁹¹ Dados do Atlas da Obesidade no Mundo, apontam que o Brasil pode ter um terço de crianças e adolescentes com obesidade até 2035. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/03/04/no-dia-mundial-contra-a-obesidade-especialistas-conscientizam-populacao-sobre-perigos-do-excesso-de-peso.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.

⁹² “[...] ao atribuir o peso da culpa ou da responsabilidade ao próprio indivíduo, ocorre aquilo que a saúde coletiva denomina de culpabilização da vítima, ou seja, exposto aos vários agravos que o indivíduo sofre no seu dia a dia, seja pelas suas condições de trabalho, de alimentação, de transporte, de relações pessoais, e com o “bombardeio de informações” que recebe quanto a comportamentos preventivos que deve seguir para “ter saúde”, seria “culpa” dele mesmo não seguir o que médicos e profissionais da saúde – incluídos aí os professores de EF e os *personal trainer* – “dizem” ou “recomendam” para ser seguido” (MEZZAROBA, 2012, p. 238).

Enquanto objeto de estudo de vários campos disciplinares, como a Biologia, a Medicina, a Fisioterapia e a Educação Física, o corpo assumiu uma conotação de organismo vivo. Entendido como célula autônoma ou por várias células que funcionam de modo integrado, sugeriu-se com isso a harmonia entre órgãos no desempenho de suas funções. Essa é uma definição advinda do funcionalismo de Durkheim, que vê o corpo de forma biológica, tendo como consequência o seu aprisionamento na organicidade, sendo, portanto, apenas um fator individualizador, segundo a função social assumida por seu “dono”. O corpo constituiria nessa perspectiva um “fato social” que pode ser concebido como uma “coisa” viva ou, simplesmente, uma “coisa” (GOLÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 204)

Desta forma, é importante ser reforçado que embora a obesidade seja considerada um fator de risco para outras doenças, defende-se que: “[...] a condição corporal de obesidade não deve ser um fator de discriminação das pessoas, invadindo a vida privada e social desses atores sociais, aditando ao repertório de doenças outros problemas (psicossociais) igualmente relevantes ou graves como as comorbidades físicas o são” (ARAÚJO, 2017, p. 29). Esta concepção mecanicista que permeia o olhar sobre a obesidade abastece um movimento de super responsabilização do indivíduo em relação ao seu corpo, pela qual se pode interpretar a obesidade como uma questão de disciplina individual, desconsiderando os fatores sociais, econômicos e culturais que a determinam (POULAIN, 2013).

Dando continuidade à análise de conteúdo, ainda acerca das inferências e interpretações (BARDIN, 2011), torna-se cabível de ser posto em destaque à afirmação do **Fábio** acerca da manutenção do seu peso corporal por anos, mesmo com a correria da vida cotidiana. Infere-se, a partir dos excertos de sua fala, que ele tem uma rotina corriqueira referente, principalmente, às demandas laborais e das tarefas acadêmicas, mas, que, mesmo diante das demandas advindas da vida cotidiana, encontra tempo para destinar às atividades de musculação, o que aparentemente promoveu autoestima a ponto de conseguir um “alguém” para compromisso de namoro.

***Fábio:** “mantive o novo peso por seis anos, mesmo com a correria entre trabalho e faculdade, rotina que me permitia treinar apenas três vezes na semana. Ganhei autoestima e comecei a namorar” (CORTEZ, 2022).*

Primeiro, importa trazer para este debate os determinantes⁹³ sociais da saúde (Figura 6), justamente tendo em vista a sua íntima relação acerca do processo saúde-doença, e levando-se em conta a discursividade proferida por **Fábio** a respeito de sua correria com demandas de trabalho, faculdade etc.

⁹³ “Os determinantes sociais da saúde e doença ganharam força a partir do pós-guerra mundial e da visão socialista na saúde com influência da ex-União Soviética e das ideias de Karl Marx. Como exemplo, a VIII Conferência de Alma-Ata, realizada em 1978, na ex-União Soviética, sendo que as atividades desenvolvidas foram inspiradas no lema “Saúde para todos no ano de 2000” (BARROS, 2015, p. 28).

Figura 9 – Determinantes sociais pelo modelo de Dahlgren e Whitehead



Fonte: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/especial-coronavirus/o-uso-espurio-do-conceito-de-determinantes-sociais-da-saude-artigo/47516/>

Observa-se, a partir da figura 9, que os mencionados determinantes englobam os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais, os quais influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. Isto posto, compreende-se que o processo saúde-doença depende de um conjunto de fatores entrelaçados entre si, e não somente a partir da dimensão biológica e de fatores comportamentais, isto, inclusive, dialoga com a afirmação subsequente de **Fábio**, quando o mesmo afirma que um conjunto de situações problemáticas, como por exemplo, ter perdido entes queridos, interferiram de tal maneira em sua vida que voltou a pesar 160 kg. Ou seja, o fato deste praticar atividade física e regular a alimentação, não foram suficientes para evitar que outras problemáticas da vida cotidiana o levassem a processos de adoecimento mental.

Fábio: Em 2003, muitas coisas aconteceram na minha vida em um curto intervalo de tempo e impactaram o meu estado emocional: meu irmão se casou, perdi entes queridos e tive problemas familiares. Tudo aquilo me fez entrar em depressão e descuidar da alimentação. O ponteiro da balança novamente subiu e, dessa vez, foi parar nos 160 kg (CORTEZ, 2022).

Frente ao exposto, e tendo em vista as discussões até aqui apreendidas, percebe-se que mente e corpo não devem ser vistos a partir de uma visão dicotômica e fragmentada de ser humano, inclusive, tendo em vista os significados historicamente atribuídos à saúde e ao processo de adoecimento. Neste sentido, Barros (2015), chama atenção para fato de que “[...] após a década de cinquenta surge o modelo biopsicossocial/espiritual. Esse modelo tem uma concepção filosófica com base em Aristóteles (384 – 322 a.C.), que afirmou que mente e corpo são entidades interligadas e que interagem

entre si” (BARROS, 2015, p. 17). Ainda conforme esta autora: “[...] são inúmeras as variáveis na contemporaneidade que contribuem para o processo de adoecimento, entre essas variáveis destacamos: as variáveis biológicas, psicológicas, sociais e espirituais”.

Segundo, tem o fato de que ao associar o ganho de autoestima à prática regular de atividade física, postula a ideia de que quem está com sobrepeso precisa apenas sair do sedentarismo, ou seja, ter ímpeto de mudança em prol de uma suposta melhora da qualidade de vida. Avalia-se, no entanto, que este tipo de discursividade pode acarretar na promoção de pensamentos e práticas estereotipadas e gordofóbicas, impondo-se de certa maneira, culpabilidade.

O discurso é claro: as pessoas não se cuidam! A ideologia da saúde associa equivocadamente a ação de se cuidar com "ser magro" ou "praticar atividade física". Quem não se cuida ou não se vigia faz parte do novo grupo de desviantes, os "descuidados obesos". Qualquer outro sentido para a palavra cuidado é silenciado (OLIVEIRA *et al.*, 2012, p. 105).

Além disso, os excertos da fala de **Fábio**, a respeito do seu depoimento frente à mudança do estilo de vida, de sedentário para fisicamente ativo, condizem com a afirmação de Caetano (2018), que nos chama atenção ao pontuar que, na maioria das redes sociais virtuais, surgiram (e surgem) comunidades denominadas *fitness*, nas quais as pessoas passaram a exibir seus corpos que foram modificados a partir de dietas hipocalóricas combinadas com uma frequência sistematizada de atividade física, e passam a enaltecer o processo de emagrecimento, condenando assim, os que se afastam deste “ideal” de corpo.

Para Pereira (2019, p. 27), infelizmente, “[...] o preconceito baseado no peso é pouco comentado e problematizado socialmente”. Neste sentido, Souza e Gonçalves (2021), comentam que: “[...] há a percepção de que os indivíduos que não pertencem ao arquétipo estabelecido socialmente são ridicularizados, desprezados e criticados devido sua estrutura corporal” (SOUZA; GONÇALVES, 2021, p. 2).

Ainda conforme estes autores, tendo em vista o processo de padronização dos corpos, “[...] existe uma obsessão excessiva em evitar o corpo gordo a qualquer custo, uma vez que este se encontra estereotipado como doente e feio, simbolizando socialmente, a falta de autocontrole, o que gera uma rigorosa supervisão do corpo” (SOUZA; GONÇALVES, 2021, p. 2).

Fábio: “fiquei obeso por dois anos. Quando estava prestes a me tornar tio, decidi que deveria cuidar da saúde para conseguir brincar com minha sobrinha e poder acompanhar seu crescimento. Voltei a fazer musculação, adotei uma alimentação saudável e eliminei quase 80 kg” (CORTEZ, 2022).

Outro excerto da fala do **Fábio**, refere-se a este entender que o fato de estar com corpo gordo (“obeso”, nas palavras dele), poderia não o permitir vivenciar o crescimento da sobrinha e até mesmo brincar com ela, daí **Fábio** retornou a rotina de se exercitar, sendo que o mesmo destaca a modalidade de exercício resistido (musculação), aliado ao que este denominou de “alimentação saudável”, que embora não detalhe como seria esta alimentação saudável, infere-se que seja relacionada a uma reeducação alimentar, já que no início de sua fala comenta sobre o fato da “alimentação desregrada, com muito doce e refrigerante” (sic), isto segundo o citado para cuidar da saúde.

Percebe-se que o discurso inclina para ideia de que saúde aqui está sendo compreendida em seu sentido biológico, conforme modelo hegemônico, médico-centrado, sem considerar outras variáveis que podem estar intimamente relacionada ao processo saúde-doença, conforme já foi aqui problematizado, mas que se torna importante de ser ressaltado, sendo assim, recorreu-se a seguinte afirmação de Lopes (2005, p. 1.595): “[...] saúde é o conjunto de condições integrais e coletivas de existência, influenciado pelo contexto político, socioeconômico, cultural e ambiental”. Ainda conforme a matéria veiculada, **Fábio**, em abril de 2014, pesando 110 kg, participou de uma maratona, contendo 21 km, porém, este alerta para o fato de que no décimo km, sentiu-se com bastante fadiga (declínio na capacidade de gerar força), mas, mesmo assim, persistiu e conseguiu cruzar a linha de chegada. Infere-se que a matéria aqui, teve como intuito demonstrar que, mesmo com excesso de peso, o entrevistado apresentou-se como aquele capaz de superar os obstáculos, isto é, demonstrou ímpeto para melhorar o desempenho a fim de satisfazer padrões interiores de excelência.

Fábio: “em abril de 2014, com 110 kg, resolvi fazer uma meia maratona (prova com 21 km) e 'quebrei' no décimo quilômetro. Ainda assim, decidi continuar. Fui o último competidor a cruzar a linha de chegada. Ainda assim, a depressão persistia e logo voltei a pesar 134 kg. Com vergonha de ter ganhado peso, mudei de academia. Mas, apesar da obesidade, continuei participando de várias corridas: em 2014, completei 38 provas e, em 2015, outras 54” (CORTEZ, 2022).

Para tanto, este tipo de discursividade tende a desconsiderar outras variáveis que podem estar relacionadas ao fato do indivíduo não se exercitar (sistematicamente), para além do seu desejo e vontade, como por exemplo, determinadas pessoas gordas, pobres e periféricas, as quais não têm condições de pagar uma academia e/ou em sua comunidade não há programas do governo para incentivar a realização de práticas corporais.

E, até mesmo, por exemplo, mulheres gordas que trabalham como empregadas domésticas (em sua maioria mulheres negras) cerca de 40 horas semanais e que, após um

intenso dia de trabalho – atividades domésticas – dependem ainda do transporte público para retornarem às suas casas, diga-se de passagem a demora e as péssimas condições destes transportes públicos, além, é claro, o medo proveniente do alto índice de violência. Ao chegarem em suas casas, muitas destas mulheres, a partir da rotina semanal, não conseguem (embora muitas desejem) dedicar tempo para realização de exercícios físicos, por exemplo.

Frente à realidade acima mencionada, recorreu-se aos estudos do sociólogo francês Luc Boltanski (1989), tendo em vista sua obra “As Classes Sociais e o Corpo”. Boltanski apresenta o corpo como uma construção social, por isso busca analisar a noção de corpo tendo em vista às classes sociais. Sendo assim, este sociólogo apresenta uma importante discussão sobre as práticas de se maquiar (embelezamento) e de ir ao médico (busca pela “saúde”), passando assim, a mostrar como o cuidado com o corpo é visto como positivo, mas, mais do que isso, é desejado pelas classes “superiores”.

Se os comportamentos em matéria de cuidados corporais e de cuidados de beleza são muito mais diretamente determinados pelas variáveis econômicas do que os comportamentos sanitários, o fato é que as atitudes relativas a saúde são verbalizadas e racionalizadas mais ou menos nos mesmos termos: assim, por exemplo, as mulheres das classes populares traçam um retrato quase idêntico e igualmente reprovado das mulheres que “cuidam da beleza” ou “vão ao cabeleireiro ou à esteticista” e das mulheres que “cuidam da saúde” ou “passam a vida no médico”; as primeiras são “mulheres que tem tempo e dinheiro para isso”, que “não trabalham”, “as mulheres da sociedade”, “as mulheres que tem meios e querem manter a linha”; as outras são “mulheres que não tem grande coisa pra fazer”, que “vivem tendo dores em alguma parte”, que têm “tempo para escutar a si próprias” (BOLTANSKI, 2004 *apud* COSTA, 2022, p. 162).

Percebe-se, assim, que o autor teve como intento provocar uma contraposição com vistas aos gostos e aspectos que são quistos pelas classes populares, mostrando assim, como as mulheres da classe trabalhadora embora apresentem desejo em se “cuidarem” acabam não tendo êxito justamente pela falta de tempo e dinheiro para tal. Mendes (2020, p. 387) a partir de uma cartografia⁹⁴ discorre enquanto um de seus temas, em sua tese de doutorado, a questão do corpo gordo, negro e periférico. A autora buscou problematizar a referida temática com uma coletiva de mulheres pretas e gordas da Zona Sul de São Paulo.

Conforme Mendes (2020) estas mulheres produzem importantes desterritorializações com seus corpos. Elas buscam problematizar os não-lugares para os corpos negros em diferentes espaços e com suas produções reafirmam a necessidade de produzir diversas ocupações com

⁹⁴ “[...] refere-se a uma perspectiva teórico-metodológica em diferentes áreas de atuação (artes, educação, saúde, entre outras), mas também na da pesquisa científica, especialmente na da metodologia qualitativa de investigação – coleta e produção de dados, análise, sistematização e compartilhamento de resultados” (FERRACINI *et al.*, 2014, p. 227). Ainda conforme estes autores: “[...] a ideia da cartografia como uma prática do conhecer foi expressivamente trabalhada pelo filósofo francês Gilles Deleuze” (FERRACINI *et al.*, 2014, p. 227).

seus corpos e de trazer para o cenário diferentes atravessamentos, tensionamentos e modos de enfrentá-los, pois “[...] vivemos numa sociedade que marginaliza alguns/muitos e o corpo negro e gordo está dentro deste contingente” (MENDES, 2020, p. 387).

Ainda segundo esta autora: “[...] quando falamos da violência que é sofrer racismo diariamente fica ainda mais pesado quando está inserido em outras “categorias desviantes” dos padrões normativos, no meu caso, a obesidade” (MENDES, 2020, p. 387). Ela utiliza o termo “categorias desviantes”, pelo fato de que vivemos de maneira progressiva as “loucuras” frente à padronização de corpos (estes tidos como “perfeitos”), mentes, cores, gostos e tamanhos.

Isto posto, nota-se que o corpo gordo, negro e periférico, acaba sendo ainda mais afetado, justamente por “desviar” da “norma”, isto é, da normalização social frente ao tamanho/volume corpóreo, mas, mais do que isso, interseccionado a outros marcadores identitários, como por exemplo, a cor da pele negra e o racismo estrutural e institucional fortemente presente na vida em sociedade, e a questão intimamente relacionada à classe social, que já coloca o sujeito em vigilância, sendo subjugado por seus “desvios”, sem mesmo ser levado em consideração suas histórias, trajetórias e subjetividades.

Estes são fatos sociais relevantes para que sejam devidamente problematizados com vistas a dar visibilidade e legitimidade a esses corpos/pessoas, pois como comentado por Mendes (2020):

Nós aprendemos a odiar nosso corpo. Quase todas nós, de uma maneira ou de outra. Esse ciclo de ódio não individual nem recente: é coletivo e resultado de um longo processo histórico e cultural de desconexão e desvalorização do corpo – especialmente o corpo das mulheres especialmente o corpo das mulheres negras e indígenas (MENDES, 2020, p. 387).

Além disso, outro excerto da fala de **Fábio** cabível de problematização, diz respeito à reverberação deste sobre seu processo de sofrimento psíquico (a depressão), voltando assim a pesar 134 km, fazendo-se necessário, aqui, a seguinte indagação: mesmo com a prática de exercício físico e, aparentemente, uma alimentação regrada, este se apresentava em sofrimento psicológico? E o discurso em que associa o exercício físico à saúde e “bem-estar”? Neste caso, mente e corpo não são unidades da “mesma moeda”?

Frente ao exposto, recorreu-se aos escritos de Mezzaroba (2012, p. 235), segundo o qual: “[...] defender o discurso de que exercício é saúde em determinado contexto sociocultural pode ser um grande equívoco por parte de professores de EF”. O autor ainda alerta que: “[...] este discurso que liga a causa (fazer atividade física) a um efeito (gerar saúde), o conhecido discurso da causalidade, é algo reducionista e problemático” (MEZZAROBA, 2012, p. 235).

Inclusive, um outro julgamento pré-concebido que se torna importante de ser aqui problematizado, diz respeito ao fato das pessoas gordas serem percebidas como aquelas que não praticam atividade física, já que existe a associação entre a prática de atividade física e a perda de peso, logo, surge a ideia de promoção à saúde, isto é, o fato do sujeito simplesmente praticar atividade física, e tão logo reduzir o perfil lipídico – visivelmente perceptível a partir de sua configuração corporal (por exemplo o corpo magro), sendo assim, tem-se à ideia de que este tem/está com “saúde”.

Isto não foi diferente quanto à prática de atividade física tendo em vista a pandemia ocasionada pela COVID-19, já que houve uma grande polêmica no ápice da pandemia e que tem relação com a EF: “[...] a discussão sobre a reabertura ou não das academias de ginástica em plena pandemia” (LOCH; RECH; COSTA, 2020, p. 3513).

Da mesma forma que posturas e ações adotadas na pandemia nos mostraram a necessidade de reafirmar a defesa radical da vida, podemos olhar de forma crítica para posturas e ações de entidades e profissionais da Educação Física para compreender como concebem seu papel no trato da saúde da população. O exemplo mais ilustrativo e dramático dessa questão foi quando o sistema CREF/CONFED defendeu um retorno prematuro das academias no primeiro semestre de 2020 sob o argumento de que as academias devem ser consideradas serviços essenciais por contribuírem com a saúde das pessoas. Aqui há um detalhe importante: O que é essencial? A academia ou as pessoas praticarem atividade física? A argumentação para ambas as nuances gira em torno da importância da atividade física para manutenção da saúde em geral, mas também como um elemento de proteção contra a COVID-19. Apesar de a comunicação do Sistema CREF/CONFED nos meses de maio e junho de 2020 apontar a atividade física como essencial, quando lemos o Decreto 10.344 de 11 de maio de 2020 (que altera o Decreto 10282/2020), vemos figurar entre os serviços públicos e atividades essenciais, “as academias de esporte de todas as modalidades” (WACHS, 2022, p. 5).

Torna-se, portanto, perceptível que a tônica em relação à reabertura⁹⁵ das academias não esteve necessariamente voltada para saúde integral das pessoas, mas para uma perspectiva corporativista e mercadológica. Sendo que era frequente a narrativa simplista e equivocada referente à atividade física e uma melhora na saúde, consequentemente o risco de contágio pelo coronavírus era diminuído. Esta narrativa foi defendida e propagada de maneira equivocada e maldosa pelo então presidente da República Federativa do Brasil – Jair Messias Bolsonaro⁹⁶,

⁹⁵ De acordo com Wachs (2022) “[...] essa movimentação por uma reabertura precoce das academias provocou reações da comunidade científica da EF brasileira. Em um movimento inédito, quatro importantes associações científicas da área se reuniram para emitir carta (datada de 08 de junho de 2020) contra a reabertura das academias naquele momento, sendo elas Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Sociedade Brasileira de Biomecânica e Sociedade Brasileira de Atividade Física e Saúde” (WACHS, 2022, p. 6).

⁹⁶ Este também chegou a afirmar, no dia 21 de outubro de 2021, que “obesos” e “desesperados” morreram mais de COVID-19 ao longo da pandemia (sic). Trata-se de um discurso gordofóbico, porque patologiza e culpabiliza o sujeito por sua condição/situação. O ex-presidente realizou esta declaração após tecer críticas às medidas de combate/controlar da COVID-19. Na mesma transmissão, Bolsonaro leu uma suposta notícia que dizia que pessoas

que, segundo este: “quem tem um bom preparo (físico) está bem de saúde, não tem que se preocupar”⁹⁷.

O ex-mandatário, por sua vez, sempre fizera referência ao seu suposto histórico de atleta como forma de “exemplo”. Este tipo de narrativa, inclusive, contribui para promover ações gordofóbicas, já que o gordo, além de ser visto em uma condição que o patologiza, uma vez que a obesidade foi considerada, na pandemia, um dos fatores de risco referente ao vírus da COVID-19. Também há o imaginário que se o sujeito está gordo é porque consome muito alimento e não é fisicamente ativo, ou seja, é sedentário, e por isso está gordo/doente.

Fábio, também compartilha que devido a ter vergonha frente ao ganho de peso (de 110 kg para 134 kg) fez com que ele mudasse de academia. Neste sentido, resgatou-se a seguinte afirmação de Paim (2022), com embasamento nos resultados de seu estudo: “[...] a gordofobia sofrida e o medo de sofrer gordofobia - como por exemplo ser ridicularizada, não caber nos aparelhos da academia, não ter acesso a roupas próprias para praticar exercícios - se configura um fator relevante no afastamento das pessoas gordas da prática de atividades físicas” (PAIM, 2022, p. 105).

Esta autora ainda afirma que a relação da atividade física frente às pessoas com corpos gordos, condiciona-se também à falta de equipamentos acessíveis nos espaços específicos para realização de atividade física, bem como o receio de ir à academia, ou até mesmo de se exercitar ao ar livre. Desta forma, logo abaixo seguem os relatos de uma das mulheres participantes de sua pesquisa, acerca de suas concepções diante às experiências:

Exercícios físicos sempre foram difíceis para mim por causa do preconceito dos profissionais da educação física e a vergonha de estar na academia ou fazendo exercícios na rua (participante). Na academia recebia olhares tortos e até mesmo argumentos de que se eu não emagrecesse não conseguiria fazer determinados exercícios. Até que me frustrei e não gosto mais de academia (participante). Exercício físico: nunca eficiente e experiências extremamente constrangedoras e ruins nos ambientes de Academia (participante). Foi cansativa e desafiadora, tenho vergonha de

no Reino Unido vacinadas [contra a covid-19] estavam desenvolvendo AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida). Todavia, a própria Organização Mundial da Saúde negou a relação da vacina com a transmissão do vírus da AIDS e reforçou a necessidade dos portadores da doença se vacinarem contra a covid-19. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-volta-a-falar-que-obesos-e-desesperados-morrem-mais-de-covid/>. Acesso em: 24 abr. 2023. Ou seja, evidencia-se o proposital descaso com os mais vulneráveis por parte do então Governo Bolsonaro, configurando-se uma necropolítica brasileira. O conceito de necropolítica foi formulado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2016, 2017). Para este autor, trata-se de realizar a leitura do contemporâneo a partir de elementos que evidenciam subjugar “[...] a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2016, p. 146), ou seja, uma “política da morte”, em que os mecanismos de biopoder operam para “deixar morrer” (Idem, p. 128), evidenciadas principalmente pelo anti-humanismo, pelo desprezo geral pela democracia e intensificação do capitalismo neoliberal. No neoliberalismo, é preciso acabar com as políticas de bem-estar social, conter os gastos do Estado com proteção social, privatizar esses setores, desregular o mercado, flexibilizar o trabalho, e assim favorecer a globalização da economia, abrindo-a para o mercado internacional (GENTILI; SADER, 2008).

⁹⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/bolsonaro-diz-que-quem-tem-bom-preparo-nao-precisa-se-preocupar-com-coronavirus.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ir para academia e mostrar meu corpo, não considero um ambiente saudável para mim (participante). Alguns aparelhos de academia, por exemplo, não são feitos para pessoas gordas aparentemente (participante). E os exercícios dependendo de qual eu até gostava, adoro natação. Mas academia não rola, me sinto observada o tempo todo. A gente sabe que academia não é lugar de gente gorda (participante) (PAIM, 2022, p. 105).

Sendo assim, percebe-se que grande parte da cobrança e opressão surge do próprio profissional de EF, isto provavelmente ocorre devido sua formação não estar pautada no sujeito em sua totalidade, e sim no *modus operandi* das Ciências Médicas, que historicamente pautou o próprio campo de formação e atuação dos professores e profissionais de EF.

Este profissional não deve se pautar estritamente na execução da técnica pela técnica, pois este é “[...] um educador, na medida em que desempenha um papel formativo e contribui, em sua prática pedagógica, para a formação de valores socioculturais, subjetivos e políticos” (LÜDORF, 2009, p. 100).

Porém, na maioria dos contextos, o que se observa é de fato, uma atuação que visualiza, entende e compreende o sujeito de maneira fragmentada, há um significativo dualismo entre corpo e saúde, porém é oportuno destacar que pesquisadores da área da EF (CARVALHO, 1995; NÓBREGA, 2001; PALMA, 2001; MENDES, 2007, dentre outros e outras), buscam superar compreensões⁹⁸ difusas perante ao dualismo corpo/saúde, bem como, as informações e entendimentos sobre saúde e os estereótipos padronizados frente à estética e modelos de corpos a serem almejados (BEZERRA, 2012). Este autor, também pontua que: “[...] as reflexões oferecidas por esses estudos trazem novos olhares para atuação dos profissionais desta área” (BEZERRA, 2012, p. 16-17).

Porém, Bezerra (2012) aponta que ainda há muito a ser desenvolvido para que, desta forma, os profissionais de EF possam consolidar um campo de conhecimento em prol do reconhecimento dos sujeitos, dando ênfase, antes de tudo, às experiências vividas no mundo (BEZARRA, 2012). Visto que, na prática, diversas pessoas são vítimas dos atributos estereotipados e violentos causados sobre seus corpos, e neste caso, o corpo gordo é o principal “alvo”, pois vai de encontro à norma, isto é, ao seu “oposto”, o corpo magro/*fitness*.

Inclusive, Valias (2021) apresenta vários relatos que confirmam a importância da atenção integral à saúde, e não somente uma ênfase dada à dimensão física/estética (como

⁹⁸ De acordo com Bezerra (2012) concernente às compreensões de corpo e saúde, torna-se, assim, “[...] necessário pensá-las como fenômenos situados que emergem de diferentes espaços e tempos e que são constantemente reconstruídas e ressignificadas de acordo com as características do contexto social em que se desenvolvem” (BEZERRA, 2012, p. 17). Este autor, alerta para interferência de diversas instituições frente à construção de novos sentidos e significados para o corpo e a saúde, dentre as quais, destaca-se a mídia.

historicamente e socialmente tem ocorrido). Isto posto, a autora alerta que: “[...] a gordofobia é tão cruel e violenta em academias, parques públicos, e na infância nas aulas de educação física com profissionais não acolhedores” (VALIAS, 2021, p. 5).

E continua: “[...] imagina uma pessoa gorda que começa a fazer atividade física, porém não perde peso, com o tempo ela vai desmotivar, o que é colocado na cabeça dela é que se não emagrecer ela está fazendo errado, essa cobrança do mundo e do profissional de educação física é cruel!” (VALIAS, 2021, p. 25). Percebe-se, assim, que devido às fortes influências do campo biomédico, a EF se molda aos parâmetros de causa e efeito, conduzindo a saúde a padrões socialmente construídos, em que, consequentemente, induzem à culpabilização daqueles que não se “encaixam” nela, “[...] contudo, esta questão é muito mais complexa que assumir estilo de vida saudável, ou puramente consiste em mudanças de hábitos. A saúde não é alcançada exclusivamente pelas escolhas dos sujeitos, uma vez que ela é determinada social e culturalmente” (SOUSA, 2022, p. 38).

Porém, isto ocorre porque associa-se que ser magro é gozar de boa saúde (POULAIN, 2013), ou seja, é realizada uma associação direta entre magreza e cuidado com o corpo e o cumprimento de comportamentos saudáveis.

Mezzaroba, Zoboli e Correia (2018), tiveram como objetivo analisar a produção do conhecimento da temática “corpo” ligada a pesquisas de “comunicação” e “mídia” em periódicos da EF brasileira no período de 2000-2015, justamente com a finalidade de visualizarem os modos como este campo de saber vem estudando as afecções midiáticas que giram em torno da temática do corpo. Metodologicamente, caracterizou-se como um estudo qualitativo de revisão bibliográfica de cunho panorâmico-monográfico, tendo como amostra textos completos *online* de 12 periódicos da EF brasileira classificados como A1, A2, B1, B2, B3 e B4 pelo *WebQualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Tendo em vista as análises realizadas, os autores pontuam que a cultura midiática procede por uma via estética, ou seja, “[...] por um regime de afecções que gere o desejo dos sujeitos para determinados fins, como a busca por um padrão corporal, por exemplo” (MEZZAROBA; ZOBOLI; CORREIA, 2018, p. 271).

Segundo estes autores, faz-se necessário:

Considerar que as produções da EF nos dão pistas de que a relação do corpo com a cultura midiática se passa necessariamente por regimes de afecções (via consumo de imagens e discursos) que geram o desejo a ponto de, por exemplo, ter a intenção de criar determinadas formas de feminilidade; a circulação e sustentação de padrões corporais ligados à necessidade de consumo de certos produtos; ou então a valorização da magreza e juventude em detrimento da obesidade. E isso não está separado das

subjetividades criadas a partir destes regimes de afecções, já que são estas subjetividades que vão sustentar e legitimar tais modos de ser afetado. Isso nos indica que a cultura midiática não age necessariamente pelas vias de uma razão técnica/instrumental, mas antes de tudo por circuito de afectos, investindo no desejo, isto é, por uma via estética (MEZZAROBÀ; ZOBOLI; CORREIA, 2018, p. 271).

Ainda conforme **Fábio**, embora sentindo muitas dores na região do joelho, ele chegou a participar de 61 provas (5 km e 10 km), até que certo dia resolveu participar da corrida São Silvestre (15 km), conseguindo assim, concluir o trajeto. Infere-se, contudo, que neste caso, há uma notória ausência de entendimento acerca do que é ter saúde, bem-estar e qualidade de vida, pois como pontuado por **Fábio** este sentia dores no joelho durante a realização dos trajetos,

Fábio: “[...] em 2016, ainda que sentisse muitas dores nos joelhos, participei de um total de 61 provas, sendo a maioria de curta distância (5 km e 10 km). Resolvi então fazer a São Silvestre, que tem um percurso de 15 km. Estava com receio de não conseguir e gritei na largada: ‘Deus, será que vou conseguir?’. E uma voz feminina respondeu de volta: ‘Só depende de você!’” (CORTEZ, 2022).

neste sentido, indaga-se: o fato do sujeito sentir intensas dores nas corridas pode ser caracterizado como aquilo que promoverá saúde, e tão logo melhora da qualidade de vida? Como uma pessoa com tais dores pode ser considerada com saúde apenas pelo fato de estar se exercitando?

Infere-se que isto esteja mais relacionado ao discurso positivista que, inclusive, permeia à formação em EF, isto é, a sua relação causa e efeito – exercício físico e saúde – como sendo a tônica desta área de conhecimento, ensino, pesquisa e intervenção. Isto posto, cabe destacar a seguinte afirmação proferida por Lüdorf (2009):

[...] o processo de formação do professor de educação física é uma das instâncias mais propícias para a discussão e assimilação dos diferentes significados envolvidos na construção do corpo, especialmente por, a princípio, constituir um dos pilares para a formação de planos de pensamento, análise e tomada de posição profissional (LÜDORF, 2009, p. 100).

Sendo assim, é de suma importância discutir, debater e problematizar as práticas destes professores atuantes nos mais diversos contextos sociais, como por exemplo, na escola. **Fábio**, também passa a afirmar que vivia constantemente zangado com ele e com todos ao seu entorno, infere-se que este teve como intento se referir ao fato de ser sedentário e gordo, o que, obviamente, corrobora para a promoção de saberes gordofóbicos, já que associa o sujeito gordo a um ser que sempre está mal-humorado, infeliz e com baixa autoestima, impondo-se, assim, a estigmatização.

O entrevistado ainda menciona que foi justamente com o advento da pandemia COVID-19, que ele percebeu que precisaria cuidar da “saúde”, sendo assim, passou a fazer uma dieta regrada, além da rotina de exercícios físicos na sala de musculação, o que se torna muito característico das discursividades midiáticas para fazerem alusão a um estilo de vida considerado “saudável”, bem como, o próprio campo do saber específico da EF.

Fábio: “percebi que vivia zangado comigo e com todos à minha volta. Além disso, toda essa trajetória me fez mudar de postura e de mentalidade. A pandemia veio para reforçar que eu deveria cuidar mais de mim. Consegui manter uma dieta equilibrada, além dos treinos diários de musculação quando as academias reabriram. Também participei de algumas corridas de rua. Há dois anos, eu me mantenho com cerca de 79 kg. Estou vivendo mais em equilíbrio tanto na parte física quanto mental e me sinto feliz. Confesso que foi bem difícil no início, mas hoje correr virou uma paixão” (CORTEZ, 2022).

Wachs (2022) buscou explorar o enlace entre EF⁹⁹ e Saúde Coletiva¹⁰⁰ através de duas lições importantes e amplas que a pandemia de COVID-19 nos mostrou, e para o qual podemos traçar paralelo às especificidades da EF:

A primeira é a necessidade de reafirmação da saúde como direito das pessoas e do dever do Estado em promover políticas e ações necessárias para garantir esse direito. Para a Educação Física se assumir como profissão da saúde de forma ética e condizente, a saúde e a vida precisam ser prioridade e não apenas um discurso para agregar valor a um produto. A segunda lição é a importância de olhar para as desigualdades sociais na organização de políticas sociais e da prática cotidiana. Uma Educação Física atenta a essa lição atua em prol da equidade, organiza estratégias diferenciadas e rompe com a generalização prescritiva que invisibiliza sujeitos, coletivos, suas necessidades e suas culturas (WACHS, 2022, p. 9).

⁹⁹ Aqui, faz-se necessário recorrer aos escritos de Gonçalves e Azevedo (2007) os quais trazem a seguinte compreensão referente à EF, visto que esta: “[...] constitui não apenas uma prática pedagógica onde professor e aluno se relacionam num espaço dinâmico; mas uma área de conhecimento presente na grade curricular da escola, onde o corpo, como seu objeto de intervenção, é o principal referencial a ser considerado no trabalho do professor e na ação do aluno. Desse modo, a Educação Física deveria servir para formar, criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro” (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 202).

¹⁰⁰ A Saúde Coletiva propõe-se à superação do biologicismo predominante e da dependência do modelo biomédico hegemônico, médico-centrado (PAIM; ALMEIDA FILHO, 1998). Além disso, compreende as necessidades e problemas de saúde, para além de evitar doença e prolongar a vida, busca explicá-los e enfrentá-los para melhorar a qualidade de vida da coletividade (SOUZA, 2014; OSMO; SCHRAIBER, 2015).

Além disso, **Fábio**, entende a relação da perda de peso com uma melhora na qualidade de vida, ao ponto que diz ter tido um equilíbrio tanto ao que se refere à saúde mental quanto à física. Aparentemente esse tipo de discurso tende a considerar o conceito de saúde conforme a OMS preconiza: completo bem estar físico, mental e social. Além, é claro, de inclinar para uma ideia de que conseguiu “vencer a obesidade”. Este tipo de veiculação midiática tende fortemente à generalização dos corpos, não reconhece, assim, os determinantes sociais que podem estar relacionados ao sobrepeso e à obesidade.

A apresentação física de si passa a valer socialmente como se fosse a apresentação moral: pessoas de traços fisionômicos finos, brancas e bem vestidas são vistas como de “boa índole”, angelicais e a elas não seria atribuído nenhum tipo de preconceito ou crime, pois a composição de sua aparência aproxima-se do ideal produzido ideologicamente, e as de traços contrários a esse modelo, estabelecido socialmente, seriam vistas como de “má índole” (GOLÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 2007).

No caso do corpo gordo, percebe-se que este é subjugado devido à sua configuração corpórea volumosa, pois não condiz com o padrão de corpo considerado “ideal”, e sendo assim, há um notório esforço em controlar os corpos que não atingem o protótipo de corpo idealizado na cultura contemporânea, inclusive, tal controle está intimamente ligado: “[...] à insensível precisão do julgamento sobre as curvas corporais e sua inflexão” (VIGARELLO, 2012, p. 14).

Frente a esse contexto, a chamada indústria cultural¹⁰¹, desempenha forte poder de influência sob o corpo humano com uma exposição de exemplares¹⁰² de corpos magros/*fitness*, idealizando estereótipos invejáveis (DETREZ, 2002 *apud* GONÇALVES, 2010).

Detrez (2002 *apud* GONÇALVES, 2010), cita a obra cinematográfica *Shrek*,¹⁰³ para mostrar que há possibilidades de fuga desse contexto, pois ao expor um personagem

¹⁰¹ “A Indústria Cultural utiliza diversas maneiras para difundir padrões de corpos, com o discurso da felicidade, na busca de um corpo construído conforme a nova ordem estética” (CAETANO; PIRES; COSTA, 2009, p. 4). Ainda de acordo com tais autores, “[...] sendo a mídia utilizada como propagadora da sociedade do consumo e dos produtos ditos como os melhores pela Indústria Cultural, são produzidas práticas sociais criadas pelo enraizamento e circulação de ideias que inferem na formação de crenças, estereótipos e idealizações sobre a construção de corpos perfeitos” (CAETANO; PIRES; COSTA, 2009, p. 5). Também se torna oportuno destacar que “[...] a mídia-educação nasce e se desenvolve paralelamente à formação da indústria cultural ao longo das primeiras décadas do século XX, mais como sensibilidade educativa no confronto com as mensagens das mídias do que como movimento consciente” (FANTIN, 2011, p. 31), pois, segundo esta autora, “[...] as mídias eram vistas como um ‘mal’ que a educação deveria combater, pois sendo veículos de uma anticultura, as mídias eram objeto de diversas reações por parte dos professores” (FANTIN, 2011, p. 31).

¹⁰² Lüdorf (2009) cita algumas consequências advindas desse discurso, cujo volta-se à idolatria da imagem e à exibição do corpo, tais como: “[...] preocupação constante com a aparência corporal; realização de procedimentos estéticos e cirurgias plásticas; distúrbios alimentares e dietas inusitadas; interesse cada vez maior pela prática de atividades físicas; utilização de substâncias farmacológicas para emagrecimento ou fortalecimento, etc.” (LÜDORF, 2009, p. 110).

¹⁰³ *Shrek* é uma franquia de filmes de animação computadorizada direcionados principalmente ao público infantojuvenil. Foi criada em 2001 pela *DreamWorks Animation* com o longa-metragem animado *Shrek*, vagamente baseado no livro infantil *Shrek!* de William Steig, publicado em 1990. *Shrek* (nome oriundo da palavra

protagonista de aparência considerada feia (pois foge aos padrões normativos de “belo” e “aceitável”), faz com que o telespectador passe a refletir que não é preciso transmutações a fim de agradar os olhos alheios, e o que importa é o caráter moral, estar bem consigo mesmo e não ser uma figura linda visualmente. Este exemplo é considerado uma notória exceção diante de um conjunto de obras cinematográficas comerciais, que ditam os paradigmas intimamente relacionados à beleza corporal, e que, de algum modo, é associado à saúde.

Outra realidade passível de problematização, diz respeito às ambiguidades referentes ao corpo gordo, sendo assim, e com base nos escritos de Fischler (1995), em sua obra “Obeso benigno, obeso maligno”, podemos compreender que:

O primeiro é o de um homem roliço, extrovertido, dotado para as relações sociais, bancando voluntariamente o brincalhão, contando histórias no fim dos banquetes, sofrendo provavelmente por sua corpulência em seu foro íntimo, mas nada deixando transparecer. O segundo é bem diferente. É um doente ou um depressivo, um egoísta desenfreado ou um irresponsável sem controle sobre si mesmo. O primeiro é um gordo simpático. O segundo, um obeso que só suscita a reprovação, quando não a aversão (FISCHLER, 1995, p. 71).

Um claro exemplo que dialoga com a citação acima quanto ao “obeso” simpático, é o de apresentador de televisão, José Eugênio Soares, mais conhecido como “Jô Soares” o qual foi dramaturgo e humorista. É notadamente conhecido por ter apresentado o “Programa do Jô” entre 2000 e 2016 na Globo, bem como o “Jô Soares Onze e Meia” entre os anos de 1988 e 1999 no SBT. Já o “obeso” maligno seria aquele visto como pária social (NOVAES; VILHENA 2003; POULAIN, 2013), isto é, aquele que está à margem da sociedade; excluído do convívio social, pois, neste caso, não “serve” nem para fazer as pessoas rirem.

Isto posto, observa-se que o corpo gordo passa a ser estigmatizado e marginalizado; há uma pressão social para que seus corpos sejam modificados e para isso a perda de peso é a tônica dos discursos proferidos na/pela sociedade. Isto posto, Gonçalves e Azevedo (2007) compartilham a seguinte reflexão:

Moldamos o nosso corpo com grande auxílio da tecnologia de modo a padronizá-lo, com maior incisão. Percebemos que o avanço tecnológico vai desde simples reparos, utilizando-se de maquiagens até tratamentos cirúrgicos, não acessíveis a todas as classes sociais, pois não seria a qualquer mortal insatisfeito que essas tecnologias estariam disponíveis para fazer um *upgrade* (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 209)

germânica *Schreck*, que significa “medo” ou “terror”) é como chama o protagonista da série: um ogro verde, grande e que vive sozinho, até que certo dia conhece a princesa Fiona a qual o mesmo mantém relacionamento e acaba formando uma família. Tanto *Shrek* como Fiona se apresentam em personagens em que suas configurações corpóreas são volumosas, isto é, perceptivelmente corpos gordos.

Ainda conforme estes autores, “[...] o corpo não é mais apenas, nas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, mas uma construção, uma instância de conexão, um objeto transitório e manipulável suscetível a muitos emparelhamentos” (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 208), isto, torna-se perceptível quando voltamos nossos olhares para às situações de exclusão em que pessoas gordas vivenciam cotidianamente, e as diversas maneiras de emparelhamento, de cerceamento destes corpos/pessoas.

Frente às análises de conteúdo realizadas (BARDIN, 2011), e as discussões apreendidas com embasamento na literatura científica, ao que concerne o objeto desta pesquisa, “corpo gordo, mídias e o fenômeno da gordofobia”, evidencia-se que a mídia se utiliza até mesmo de histórias de determinadas pessoas (públicas ou não) com vistas a promover uma pedagogia dos corpos, isto é, passa a ditar um modelo de corpo a ser almejável, seguido e concretizado. Para tal, veicula que para se ter saúde e ser feliz é necessário praticar atividade física de maneira regular, ter alimentação balanceada e, em determinados casos, faz-se necessária a intervenção cirúrgica ou o uso de medicamentos para perda de peso, e com isso, obter suas “vantagens”.

Ou seja, é notória a existência de uma potente e, de certa maneira, sofisticada rede de discursividades e produção e veiculação de imagens nos mais diversos meios de comunicação, que buscam exercer alguma influência na vida das pessoas, como por exemplo, “sugerir” o que deve ser consumido, como deve ser consumido, a roupa a ser vestida, cores e formas de cabelos, tipos de exercícios físicos, alimentação a ser ingerida, e até mesmo, o “ideal” de corpo, neste caso, na sociedade vigente e midiaticizada o corpo gordo é profundamente renegado, patologizado, ridicularizado e culpabilizado por todas suas (e supostas) problemáticas. Ou seja, os produtos midiáticos analisados postulam a ideia de que ser gordo é o contrário de felicidade, beleza, desejo e saúde, e o ser magro é ser possuidor destas: o maior e mais temível inimigo a ser combatido e evitado é a gordura, a barriga volumosa, o corpo gordo.

Essa didatização corporal com vistas a busca de um corpo “ideal” é operacionalizada através de variados discursos que são elaborados de maneira a produzir “verdades”, como por exemplo, o discurso hegemônico, médico-centrado, o qual aponta de maneira positivista e universalizante o corpo gordo como sendo doente, veiculado em muitas discursividades midiáticas como propenso à morte.

Além disso, torna-se passível de identificação que para construir tais discursos, entrevista profissionais da área da saúde, em sua maioria médicos, mas, há profissionais como, por exemplo, de Educação Física, nutricionistas, e psicólogos. Também entrevista pessoas que

já foram gordas e passaram pelo processo de emagrecimento, enaltecendo assim, o corpo magro e *fitness*.

Esse processo de pedagogizar os corpos é ancorado em pesquisas científicas geralmente coordenadas por instituições de renome da área da Ciências Médicas, mas que não levam em consideração um conjunto de fatores que se relacionam à obesidade, pois, embora muitas destas instituições (OMS e ABESO, por exemplo) reconheçam que a obesidade é uma doença crônica e, sobretudo, multifatorial, não consideram (ao menos de maneira consistente) as questões individuais, culturais, econômicas, ambientais e políticas por trás do sujeito ser gordo. Ademais, percebe-se que a mídia produz um “ideal” de corpo que não irá sofrer patologização, isto é, o corpo magro/esguio e *fitness* o qual tem sido aclamado, pois, este último, visto a partir dos “olhares” da sociedade contemporânea – é aferido como saudável.

4.2 Operacionalização da Gramática do *Design Visual*

Após a seleção da matéria, **“Ele chegou a 160 kg, mas superou obesidade e completou mais de 400 corridas”** com vistas a compor o *corpus* de análise, iniciou-se o processo de análise em busca de compreender como o corpo gordo é veiculado imagetivamente na mídia digital UOL, na seção saúde. Sendo assim, a imagem (figura 10) acompanhada da mencionada manchete foi a selecionada. Isto posto, como o foco desta análise é a linguagem visual, serão discutidos os elementos que compõem a referida imagem, em diálogo com os pressupostos da Gramática do *Design Visual*, proposta por Kress e Van Leeuwen (1996).

Figura 10 – Fábio com 160 kg e 79 Kg



Fonte: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm>

Com vistas à figura 10, torna-se relevante retomar que, conforme os pressupostos da GDV, a composição visual é organizada de maneira a produzir significado e, com isso, estabelecer diálogo com o contexto comunicativo em que está inserida, apresentando assim, regras estruturantes da linguagem visual. Não diferentemente do que ocorre com a gramática do texto verbal, dividindo-se em três partes significativas, denominadas de metafunções (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996). Isto posto, cada uma das metafunções se dedica a elementos próprios da linguagem imagética, escolhidos mediante objetivos previamente definidos.

Ao analisar a figura 10, do ponto de vista representacional, percebe-se à representação que a imagem de **Fábio** exerce na publicação, enquanto uma comparação entre um corpo que outrora foi gordo, e que no tempo presente encontra-se configurado corporalmente como *magro/fitness*.

Sendo assim, destaca-se que a metafunção representacional, é determinada pela escolha das cores, do lugar onde se encontra, de outras pessoas ou objetos que também fazem parte da imagem (como, por exemplo, o espaço ao ar livre e as próprias vestimentas as quais denotam uma perspectiva do “mundo *fitness*” utilizadas em ambas as imagens do entrevistado), e da narratividade que é produzida, ou seja, das ações que são desempenhadas em uma relação espaço-temporal.

Assim, compreende-se que em ambas as imagens (à esquerda com corpo gordo e à direita magro) o sujeito entrevistado é o centro da mensagem, pois além de ocupar a posição central, o foco está em sua pessoa, enquanto o que está ao fundo demonstra apenas um espaço apropriado supostamente à realização de atividades físicas.

De maneira geral, torna-se passível de inferência que a imagem busca demonstrar a mudança corporal, isto é, de um corpo gordo para um *magro/fitness*, inclusive, apresentado assim, forte relação com os discursos proferidos por uma ampla maioria de profissionais da EF, ou seja, a tríade atividade física, emagrecimento e saúde.

A Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua re-significação, intermediados por um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e, assim, combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos e conferir novas formas de interação entre o homem e seu corpo (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 216).

Além disso, de maneira geral, o ser gordo/a na atual sociedade significa estar negativamente marcado devido à configuração do corpo volumoso não corresponder aos padrões estéticos e de beleza que são, veementemente, percebidos como aceitáveis e enquanto modelo a ser seguido, isto é, o ser magro/a e *fitness*.

Essa realidade, ao ser articulada com a figura 10, à luz da GDV, auxilia frente à compreensão de que embora a matéria sobre **Fábio** não esteja diretamente relacionada à questão de beleza, mas sim a uma questão de “saúde” (segundo veiculado pela matéria analisada), o contexto social influencia o entendimento de que corpos magros, além de serem visualizados como o modelo a ser seguido, isto é, por estarem supostamente relacionados à saúde, também é denotado enquanto fato social, que corpos magros são sinônimos de beleza, e para atingir tais metas, torna-se fundamentalmente importante que sejam sujeitos fisicamente ativos, validando assim, a sua representação social, isto é, a primeira característica da tríade da GDV.

A OMS (2020) considera que a prática regular de atividade física é essencial para prevenir e controlar diversas doenças, e recomenda o mínimo de 150 a 300 minutos de atividade aeróbica de moderada a vigorosa, por semana, para adultos em geral. Basicamente, resume a prática na obrigatoriedade de exercícios aeróbicos semanais para a obtenção de saúde, considerando ser esta a mudança de hábito que tornará os sujeitos mais saudáveis e ativos.

Para tanto, Piggins (2020) traz a seguinte reflexão, justamente pensando no conceito de atividade física para além da perspectiva biomédica:

A ideia de que toda atividade física produz benefícios saudáveis está aberta à crítica, uma vez que atividades como *overtraining*, esforço repetitivo e combate físico podem contar como atividade física, mas não necessariamente produzem benefícios para a saúde de todos. Qualquer definição deve, portanto, evitar afirmações absolutas sobre os benefícios da atividade física na promoção da saúde (PIGGIN, 2020, p. 2).

Isto posto, enquanto crítica, percebe-se que a afirmação de que atividade física é saúde, torna-se distante das realidades sociais, econômicas, ambientais e políticas, dentre as quais, são preponderantes acerca do processo saúde-doença. Desta forma, recorreu-se aos escritos de Carvalho (2006) a qual nos compartilha a seguinte reflexão:

A Educação Física esteve historicamente voltada para a área da saúde, de modo geral. Entretanto, para uma saúde que se fixa em dados estatísticos, que reduz o fenômeno a uma relação casual determinada biologicamente, que desconsidera a história da sociedade, e que tende a responsabilizar, única e exclusivamente, o indivíduo por sua condição de vida (CARVALHO, 2006, p. 19).

Aliado a essa perspectiva histórica da EF, também “[...] há efetivamente uma influência muito grande da mídia e da indústria do emagrecimento sobre os indivíduos, criando padrões oficiais e midiáticos de beleza e, conseqüentemente, criando a estigmatização daqueles

que não se encaixam em tais padrões” (SILVA, 2017, p. 65), como por exemplo, os corpos gordos, já que, ao que diz respeito a esses corpos, percebe-se que a ênfase é dada somente ao aspecto biológico e comportamental.

Todavia, destaca-se um ponto significativo ressaltado por Souza e Gonçalves (2021, p. 17): “[...] o corpo humano, para além da biologia, engloba questões históricas, políticas e culturais. Então, os sentidos e significados referentes ao corpo dependem do período histórico, dos interesses sociais, da cultura e do lugar onde o indivíduo habita”.

Quanto à metafunção interativa, tem-se a relação entre a escolha organizacional dos elementos e o objetivo de provocar interação com seu interlocutor, demandando reações. Em linhas gerais, refere-se à forma como se dá a comunicação da imagem com o leitor.

Nesse sentido, quando o olhar do participante representado, neste caso o de **Fábio**, conecta-se diretamente com quem o observa, há um convite, aproximando ambos por meio das emoções que a própria imagem significa, como as sensações de alegria e entusiasmo presentes em ambas imagens, aparentemente devido à realização da prática de atividade física, muito embora a ênfase seja concedida à imagem que denota o emagrecimento, isto é, a que caracteriza o sujeito como aquele que corresponde à normalidade, o contrário disso, é visto como anormal.

Canguilhem (2009) nos apresenta em seus estudos sobre o normal e o patológico, elementos para entendermos mais a respeito das origens etimológicas dos termos “normalidade” e “anormalidade”, que parte do seu lugar de formação que é a medicina. Vejamos as definições de normalidade segundo este mesmo autor:

O Dictionnaire de médecine de Littré e Robin define o normal do seguinte modo: normal (normalis, de norma, regra), que é conforme à regra, regular. O Vocabulaire technique et critique de la philosophie de Lalande é mais explícito: é normal, etimologicamente — já que norma significa esquadro —, aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva em um justo meio-termo; daí derivam dois sentidos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável (CANGUILHEM, 2009, p. 48).

A citação acima dialoga com as argumentações até aqui tecidas sobre a “epidemia do culto ao corpo”, considerando assim, os corpos magros como uma “norma” a ser seguida e o corpo gordo como “anormal”, justamente por não estar de acordo com os padrões estéticos vigentes, pois “[...] quando o indivíduo não alcança e ameaça o tipo ideal de corpo, sua atitude é entendida como negligência e é produzida uma forte exclusão social em relação aos corpos gordos, que são discriminados, rejeitados e culpabilizados” (PAIM; KOVALESKIB, 2020, p. 5), em acréscimo: ridicularizados, estigmatizados, patologizados e expurgados.

Ainda acerca da operacionalização da GDV, e tendo em vista a figura 10, encontra-se os seguintes elementos: o **Contato**, em que o participante representado em ambas configurações corpóreas (gordo e magro) aparenta estar dirigindo o olhar para quem registrou a fotografia, dirigindo-se de maneira direta com quem o observa, e, no caso da matéria veiculada pelo o UOL, o participante representado, dirigir-se aos leitores do *site*.

Quanto à **Distância social**, a figura 10, sugere uma menor distância social entre os participantes representados e o participante interativo, sendo que na imagem à esquerda (corpo gordo) o personagem está encostado em uma rocha e com o semblante aparentemente cansado, isto talvez possa ser evidenciado até mesmo pelo fato de estar com uma garrafa de água em sua mão esquerda. Infere-se que a imagem queira passar a informação de um corpo gordo ainda se habituando a uma rotina de exercício físico.

Diferentemente da imagem à direita (corpo magro/*fitness*) em que **Fábio**, quase que de corpo inteiro, é apresentado sob os efeitos do processo de emagrecimento, inclusive, com músculos tanto nos membros inferiores como no superiores visivelmente definidos. Além da faixa de nº 5658, a qual ajuda a compreender o contexto em que o sujeito se encontrava, neste caso, em uma prova de corrida, aparentemente uma maratona.

Demonstrando assim, uma “metamorfose” em sua configuração corpórea (de um corpo gordo para um magro). Infere-se, portanto, que o intuito da imagem é demonstrar o resultado frente à perda de peso, e desta forma, associar esta perda à melhora da chamada “qualidade de vida”, e tão logo à promoção da saúde. Para tanto, este tipo de veiculação midiática tem corroborado para disseminação de saberes universalizantes acerca do “ideal” de corpo, desconsiderando as individualidades e subjetividades, por exemplo. Neste sentido, Sanchez (2021) afirma que:

[...] o corpo gordo é negado, pois admitir sua existência favorece a tolerância de uma diversidade física que não é atrativa ao olhar heteropatriarcal, que não contribui significativamente para o sistema econômico, pois se baseia na noção do organismo doente que precisa ser atendido e, portanto, não tem capacidade suficiente para atender às demandas produtivas atuais (SÁNCHEZ, 2021, p. 6).

Inclusive, isto ocorre sob a égide de uma suposta preocupação com saúde do sujeito gordo, o que pode ser um grande equívoco e problema, já que para pensarmos em saúde não devemos nos pautar apenas na dimensão biológica e comportamental, mas buscar entender as multifatoriedades que circundam o sujeito.

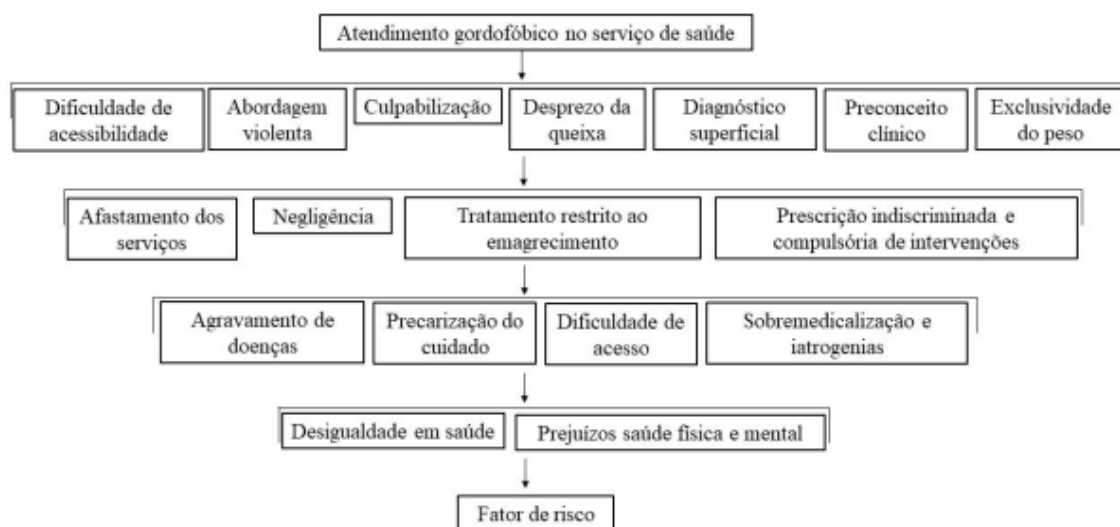
Desta forma, percebe-se que a gordofobia caracteriza-se como um fato social, estando presente em todos os setores da sociedade, inclusive, na saúde pública (local em que são

norteados pelos princípios do SUS, ou seja, traz uma perspectiva de uma saúde que visualiza o sujeito em sua integralidade, de maneira holística, além das ações, serviços e programas terem ancoragem na Política Nacional de Humanização¹⁰⁴).

Paim (2022) após analisar os resultados de seu estudo¹⁰⁵, percebeu como a gordofobia se dá nos serviços de saúde e suas possíveis consequências. Sendo assim, com vistas a facilitar a compreensão e divulgação desses resultados, a autora optou por sistematizar e elaborar um fluxograma¹⁰⁶.

Para tanto, ela não estruturou um fluxograma (figura 11) pretendendo universalizar as vivências relatadas, “[...] mas exemplificar o desenrolar da gordofobia nos serviços de saúde de forma geral” (PAIM, 2022, p. 208), ou seja, tendo em vista os relatos das mulheres participantes de sua pesquisa. Para a autora, o fluxograma: “[...] também permite identificar os problemas existentes e este é o primeiro passo para repensar a abordagem dos serviços de saúde em relação às pessoas gordas” (PAIM, 2022, p. 208).

Figura 11 – Fluxograma do atendimento gordofóbico nos serviços de saúde e suas possíveis consequências



Fonte: Paim (2022, p. 208)

¹⁰⁴ Também conhecida como HumanizaSUS, foi criada em 2003, preconiza sobre a conduta do profissional de saúde, nas relações interpessoais e sobre o ambiente de saúde que deve proporcionar um acolhimento ao usuário-sujeito (BARROS, 2015).

¹⁰⁵ “Este estudo caracterizou a gordofobia nos serviços de saúde de forma geral, identificou como a atual abordagem focada no peso expõe as pessoas gordas à sobremedicalização e alertou à necessidade de prevenir a gordofobia. O estudo foi abrangente e teve um grande número de participantes, mas quase a sua totalidade foram mulheres cis e brancas, o que representa uma das limitações do estudo” (PAIM, 2022, p. 217). Para esta autora, “[...] são necessárias mais pesquisas sobre como a gordofobia afeta o acesso aos serviços e a saúde das pessoas gordas envolvendo uma maior diversidade de pessoas e investigando as singularidades nos diferentes serviços de saúde, permitindo assim avaliar os impactos de acordo com as diferentes realidades sociais” (PAIM, 2022, p. 217).

¹⁰⁶ “O fluxograma é uma técnica de representação gráfica que permite descrever determinado fluxo, como por exemplo, o caminho percorrido pelas pessoas quando procuram algum serviço de saúde” (PAIM, 2022, p. 208).

Embora o estudo tenha tido como foco a área da saúde, esses resultados também são relevantes para problematizar as práticas gordofóbicas em relação a outros espaços, como por exemplo, o escolar, o ambiente de trabalho etc. Paim (2022) também ressalta que:

Existe uma associação direta entre o corpo magro e a saúde, assim como entre o corpo gordo e a doença. O que configura uma valorização dos corpos magros, e de maneira oposta uma desvalorização dos corpos gordos. Aqueles que não alcançam ou ameaçam esse tipo ideal de corpo sofrem forte exclusão social, os quais são discriminados e rejeitados pela sociedade (PAIM, 2022, p. 15).

Já a **Perspectiva**, outro elemento importante para compreensão imagética, é objetiva, sob um ângulo horizontal, criando uma conexão, em que o ator é apresentado em ambas as imagens de perfil, ou seja, voltado para frente, gerando assim, uma maior aproximação com o leitor. Infere-se, assim, que a figura 10, busca conectar-se com seu leitor, provocando uma interlocução, ou melhor dizendo, um diálogo entre ambos, e, diante do contexto em que está inserido, provocar sentimentos positivos naqueles que o observa.

Em relação à metafunção composicional, destacam-se dois elementos que constituem a imagem: o primeiro deles é o **Valor da informação**, o qual se refere à posição da imagem. Uma vez que a escolha de onde a imagem está localizada produz sentidos específicos.

Sendo assim, pelo fato da figura 8, se encontrar ao centro, ela corresponde ao núcleo da informação, ou seja, ao mais importante. Ainda de acordo com Kress e van Leeuwen (1996), o que aparece ao seu em torno serve de suporte para complementar a informação. Observa-se, portanto, que o sujeito se revela como peça fundamental na imagem, principalmente relacionado ao corpo magro, como aquele “sadio” e o corpo gordo como aquele que necessita de intervenção¹⁰⁷, já que é visto como patológico/anormal.

É importante destacar que Canguilhem (2009) busca romper com as distorções destes conceitos propostas pela tese médico-biológica, principalmente o de anormalidade, buscando também desassociar relações intrínsecas entre anormal e patológico. Ele destaca que estudos do normal e do patológico na medicina, ao investigar as doenças, buscavam respostas e as causas para reestabelecer o estado normal do corpo, a partir desse momento começa-se a pensar sobre o normal e o patológico. Com isso, nos traz a premissa de que “[...] dominar a doença é conhecer suas relações com o estado normal que o homem vivo deseja restaurar, já que ama a vida. Daí a necessidade teórica, mas com prazo técnico diferido, de fundar uma patologia científica ligando-a à fisiologia” (CANGUILHEM, 2009, p. 13).

¹⁰⁷ Poulain (2013, p. 13) compartilha a seguinte afirmação tendo em vista os corpos gordos: “[...] o peso do olhar social que recai sobre eles é a causa de sofrimento e os leva a buscar práticas de ‘controle de peso’ que se revelam, na maioria das vezes, contraproducentes”.

Percebe-se, assim, que as imagens veiculadas na mídia digital investigada, dialoga com a própria manchete¹⁰⁸. Isso reforça ainda mais que as imagens que acompanham um texto verbal não se encontram apenas como ilustração, mas, sim, como um complemento informacional, podendo, em determinados casos, ter maior impacto quando comparado às palavras (SANTOS, 2015). Percebe-se, contudo, que a matéria veiculada faz um alarde acerca da gordura, e, neste caso, o corpo gordo passa a ser fortemente evitado, pois, trata-se de algo “desviante” da “normalidade”, e o corpo magro, esguio e/ou *fitness* passa a ser valorizado e almejável.

Ocorre que esta realidade social contemporânea, corrobora, ou melhor dizendo, reafirma o que já havia sido afirmado por Fischler (1995, p. 69), isto é: “[...] há um século nos países ocidentais desenvolvidos, os gordos eram amados; hoje, nos mesmos países, amam-se os magros e odeiam os gordos. Existe um pavor social em engordar” (FISCHLER, 1995, p. 69), resultando assim, em um aparelhamento desse corpo “desviante”.

Já referente à análise da metafunção composicional, isto é, responsável pela organização e combinação entre as demais metafunções, demarca que as escolhas e o modo de estruturação também estão relacionados à sua intencionalidade. E, não menos importante, o elemento **Enquadramento**, o qual se refere à posição do participante representado, neste caso, Fábio, em ambas imagens (figura 10).

Assim, quanto menor a distância de enquadramento, mais próxima a relação social imaginária com o leitor. Essa questão está ligada ao enquadramento da câmera. Identifica-se, portanto, uma posição de médio distanciamento referente à imagem da esquerda já que apresenta o sujeito, do joelho para cima, justamente tendo em vista a ênfase dada à parte do tórax, área que demonstra um acúmulo de gordura localizada.

E a imagem da direita se apresenta de maneira relativamente distante de quem registrou a fotografia, apresentando o sujeito do tornozelo para cima, infere-se que o intuito foi demarcar as mudanças advindas da perda de gordura, demonstrando-se um corpo “esbelto” e “saudável”. A imagem evidencia o sujeito com uma roupa que também ajuda a expor seus músculos, enquanto a primeira, a roupa escondia partes do seu corpo.

Frente ao exposto, Arruda (2021) comenta o seguinte:

A ideia de que o peso – e somente ele – indica a condição de saúde de alguém, de que a magreza é uma meta a ser atingida a qualquer custo e de que o emagrecimento está

¹⁰⁸ “Ele chegou a 160 kg, mas superou obesidade e completou mais de 400 corridas”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm>. Acesso em: 15 abr. 2023.

relacionado exclusivamente a um mérito individual é amplamente disseminada pelos meios de comunicação, associando magreza à saúde e gordura à doença sem um aprofundamento em questões outras de saúde (ARRUDA, 2021, p. 43).

A citação acima dialoga com a análise aqui realizada, pois percebe-se que a matéria veiculada, objetiva demonstrar os resultados “positivos” do emagrecimento, bem como, enaltecer que a obesidade trata-se de uma doença, generalizando assim, todos os corpos gordos, isto é, o fato de estar gordo, aos olhos da sociedade lipofóbica (SUDO; LUZ, 2007) e gordofóbica (JIMENEZ, 2020; PAIM, 2022), significa doença ou suscetível, até mesmo, ao óbito.

Outro importante elemento da GDV, é a **Saliência**, evidenciada por cores, contraste, nitidez, imagens em primeiro e segundo plano, dentre outros componentes. Ao fundo da figura 10, por exemplo, o foco está no sujeito fotografado, e o que está atrás (rocha, árvores, solo e parte do céu) é apenas para ilustrar o ambiente em que a atividade física ocorria, mas que a tônica está na comparação entre os corpos (gordo e magro), deixando o sujeito em destaque. Embora nessa figura hajam duas imagens do sujeito entrevistado, a que aparece o sujeito com corpo magro/*fitnees* contribui para o reconhecimento e valorização do processo de emagrecimento, inclusive, demonstrando o sujeito no auge do entusiasmo.

Assim, a posição da imagem à direita, ganha o foco principal enquanto um momento de “superação”, isto é, o significado conforme exposto na matéria, é a de que **Fábio** “venceu a obesidade”. Já a imagem da esquerda, denota o momento em que o sujeito teve ímpeto para ir em busca da “mudança”, do processo de emagrecimento. A articulação com a saliência de sua imagem e todos os elementos até aqui pontuados, corrobora o entendimento de que o discurso midiático objetiva passar uma informação positiva, inclusive, de que a atividade física é fator “chave” com vistas à promoção da saúde e, conseqüentemente, melhora da qualidade de vida.

Para Paim (2022, p. 63), “[...] a sociedade gordofóbica acha que é possível identificar os hábitos e a situação de saúde apenas de ver o corpo gordo, e acredita que a pessoa gorda deve estar sempre buscando formas de fugir dele”. Além disso, segundo ela, essa sociedade “[...] considera a pessoa gorda doente, incapaz de tomar decisões sobre sua própria vida, acredita que precisa ser reeducada e merece ser discriminada como forma de incentivo para emagrecer” (PAIM, 2022, p. 63), esta realidade tem condicionado as pessoas gordas ao seu “exílio perpétuo”.

Por conseguinte, infere-se que o sentimento de felicidade exarado na figura 10, principalmente com vistas à imagem da direita, tem a intenção de realçar a satisfação para com o resultado, além, é claro, de passar, de certa maneira, a induzir o leitor a reconhecer a alegria

de ter perdido peso, inclusive, a partir de uma perspectiva motivacional, percebidas nas “entrelinhas” do texto visual (embora o entrevistado relate que tenha passado por reviravoltas¹⁰⁹, ou seja, ora ganhava peso, ora “perdia”).

Esta afirmação pode ser corroborada tendo em vista outras imagens disponibilizadas na matéria, como por exemplo, a figura 12, a qual demonstra nitidamente o sujeito contente com sua participação e premiação na corrida de São Silvestre, enaltecendo a conquista do sujeito, porém com enfoque na perda de peso, isto é, na redução do acúmulo de gordura.

Neste sentido, Sudo e Luz (2007) alertam para o fato de que: “[...] um cerco à gordura é declarado e estratégias de ‘luta’ são formuladas, recaindo, em última análise, sobre o ser gordo” (SUDO; LUZ, 2007, p. 1033), e assim, ocorre todo um processo de controle dos corpos, principalmente os “desviantes”, resultando em um significativo pressionamento para re(configuração) corpórea, do gordo para o magro, e até mesmo, esguio/*fitness*.

Figura 12 – Fábio após ter participado da corrida de São Silvestre



Fonte: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm>

Sendo assim, percebe-se que o produto midiático analisado, tem como tônica levar os leitores à compreensão de que ser gordo significa estar propenso a processos de adoecimentos, e o corpo magro à saúde, ou seja, ocorre um processo de estigmatização do corpo gordo. Para Jimenez (2020, p. 147), “[...] essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por

¹⁰⁹ De acordo com Paim (2022, p. 55) “[...] a Abordagem Normativa de Peso não é eficaz para a maioria das pessoas, pois não é sustentável a longo prazo e comumente está associada à flutuação do peso, e ainda pode fomentar o estigma relacionado ao peso na saúde”.

meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral”. Esta autora utiliza alguns exemplos para se referir aos estudos que têm como premissa estudar a obesidade, e os estudos que visam o corpo gordo (quadro 10).

Quadro 10 – Caracterização dos estudos

Estudos da Obesidade	Estudos do Corpo Gordo
Patologizam os corpos	Criticam os estudos da obesidade
Utilizam o IMC como classificador de saúde-doença	Premissa de que todo corpo pode ficar doente
Invisibiliza pessoas gordas	Corpos gordos/volumosos são o eixo central
Medicalização dos corpos	Questões políticas, culturais, sociais e afetivas
Criminalizam corpos gordos	Gordofobia é um estigma estrutural, institucional e cultural

Fonte: elaborado pelo autor com base em Jimenez (2020)

Com vistas ao exposto no quadro 10, é notável que os estudos que visam estudar o fenômeno da obesidade tendem a levar em consideração apenas a patogênese, ou seja, pautado nos fatores de risco e no aspecto e espectro biologicista, importando assim, apenas a questão anátomofisiológica¹¹⁰ e patológica – perspectiva do modelo biomédico – ainda fortemente vigente. Diferentemente dos estudos sobre os corpos gordos, os quais têm como tônica o sujeito propriamente dito, ou seja, o ser humano em sua totalidade com o corpo que possui, e levando-se em conta os determinantes sociais da saúde.

Para tanto, o produto midiático visa também (principalmente) destacar o corpo magro e *fitness*, apresentando-o como aquele que, de certa forma, irá garantir que o sujeito tenha saúde e uma melhor qualidade de vida, sendo uma pessoa sempre feliz, desejável e opulento. Percebe-se, portanto, que a mídia elabora e dissemina um “ideal” de corpo, este, por sua vez, ligado ao emagrecimento. Arruda e Miklos (2020, p. 124) afirmam que: “[...] é na mídia que os estereótipos das pessoas gordas são explorados ao extremo, reforçando e dando margem para novas formas de incidência desse preconceito”.

Na contemporaneidade, a mídia ocupa um dos lugares centrais na produção das discursividades, atuando tanto como meio de produção e circulação de textos e imagens, como fonte de discursos que fundamentam e orientam as relações sociais, podendo ser considerada como mais um poder que age sobre os corpos; afinal, ela é responsável pela visibilidade pública dos nossos corpos, ou seja, é através dela que os corpos estão cada vez mais visíveis (SOUZA, 2019, p. 83).

¹¹⁰ Isto é, de maneira estrutural e funcional.

Há, portanto, uma notória elaboração e disseminação de conteúdos os quais apresentam, como eixo central, enaltecer o emagrecimento, inclusive isto é observável no próprio portal do UOL, pois mesmo a matéria veiculada não tendo como ênfase esta temática, frequentemente são “disparados” anúncios os quais visam induzir/estimular os leitores a adquirirem seus planos com dicas de emagrecimento (figura 13).

Figura 13 – Anúncio publicizado no portal UOL



Fonte: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm>

Ou seja, a cultura midiática tem se configurado como uma referência que estrutura aspectos sociais, tecnológicos e discursivos, impactando de forma dinâmica na sociedade (FAUSTO NETO, 2008). Para Arruda (2021), tendo em vista os conteúdos midiáticos elaborados e propagados, percebe-se que “[...] há um processo de apagamento do corpo gordo em uma esfera não apenas simbólica, mas também concreta” (ARRUDA, 2021, p. 91).

Tal problemática tem agravamento quando a mídia influencia e, sobremaneira, manipula as pessoas em relação a aspectos de consumo e mercadológicos, inclusive tendo em vista que seus meios de comunicação e informação, de maneira frequente, exibem propagandas e programas, em que os corpos tidos como “perfeitos” são a tônica da midiatização (OLIVEIRA *et al.*, 2012).

Sendo assim, de acordo com Ribeiro e Mezzaroba (2019):

Presenciamos, no atual estado da sociedade contemporânea, apelos e exacerbações do culto ao corpo. Nunca se produziu um mercado tão propício para a venda do corpo a partir da beleza estética (da mercadoria), e o Brasil, um país com tantas desigualdades sociais, principalmente nas questões de saneamento, moradia, saúde, transporte e bens culturais, entre outras, disputa lado a lado com os Estados Unidos da América o *ranking* de cirurgias plásticas (RIBEIRO; MEZZAROBÀ, 2019, p. 173).

A mídia difunde, assim, maneiras de comportamento, propõe estilos de vida, maneira de falar, pensar, e, até mesmo sofrer, sendo os meios de comunicação uma das principais ditadoras de parâmetros estéticos e comportamentais (SOUZA; MATTOS, 2015). Estes autores ainda alertam que, a partir do momento que esses indivíduos não alcançam os padrões estéticos preconizados, passam a “lutar” em busca de alcançá-los, e as consequências, na maioria das vezes, trazem significativos danos à saúde¹¹¹.

Além disso, programas, propagandas comerciais e revistas com conteúdo de saúde e bem-estar, de maneira frequente, mostram dicas de beleza, dietas e atividades físicas, com intento de influenciar/induzir as pessoas “irem buscar” o tão almejado corpo, e esse fato social é um dos motivos da prática de exercícios físicos ter como principal finalidade a estética corporal, satisfazendo o padrão de beleza preconizado nos dias atuais – o corpo magro/esguio/*fitness*.

Para tanto, aqui se faz necessário discorrer alguns detalhes a respeito do conceito de atividade física, visto que, seguindo a perspectiva biomédica, a atividade física é caracterizada como qualquer atividade produzida pela musculatura esquelética em que resulta em um gasto energético superior ao consumo¹¹² (CASPERSEN; POWELL; CHRISTENSON, 1985). Para Piggin (2020) “[...] o foco nos ‘músculos esqueléticos’ e no ‘gasto de energia’ enquadra a atividade física como um ato mecanicista específico” (PIGGIN, 2020, p. 2), sendo assim, puramente restrita a aspectos quantitativos e biofisiológicos.

¹¹¹ Aqui, faz-se necessário elucidar que a presente pesquisa busca tratar e se referir ao pólo emissor midiático, ou seja, não estamos tratando do pólo receptor, em outras palavras, como essas produções midiáticas e suas veiculações chegam e impactam realmente nos sujeitos.

¹¹² Segundo Piggin (2020) “[...] o artigo de Caspersen *et al.* (1985) foi citado 9.490 vezes no *Google Scholar* (no momento da redação), uma indicação de sua popularidade” (PIGGIN, 2020, p. 2). Este autor ainda refere que “[...] essa definição informa muitas políticas de saúde em todo o mundo (Departamento de Saúde do Governo Australiano, 2011; Organização Mundial da Saúde, 2018; *Chief Medical Officers* do Reino Unido, 2019), bem como livros acadêmicos (BIDDLE; MUTRIE, 2001; HARDMAN; STENSEL, 2003), e revistas (HOWLEY, 2001; HASELER *et al.*, 2019)” (PIGGIN, 2020, p. 2). No entanto, Piggin (2020) faz o seguinte alerta: “[...] a definição proposta por Caspersen é fortemente carregada de valores biomédicos, com exclusão de muito mais” (PIGGIN, 2020, p. 2). E continua: “[...] embora a definição de atividade física de Caspersen possa ser apropriada para certos estudos epidemiológicos, ela não faz justiça à atividade física fora desse domínio específico” (PIGGIN, 2020, p. 2). Sendo assim, “[...] há uma necessidade específica de uma ruptura de definição para ressignificar a atividade física para incluir a variedade de aspectos inerentes que têm sido tradicionalmente subjugados em favor de aspectos anatômicos e fisiológicos desintegrados” (PIGGIN, 2020, p. 6).

De acordo com Piggin (2020, p. 1), “[...] há uma aparente inadequação nas definições dominantes existentes de atividade física para explicar sua complexidade”. Segundo este mesmo autor, porém, nota-se uma corrente progressista em relação ao seu conceito originário (enquanto gasto energético).

Sendo assim, Piggin (2020) encaminha um novo debate a respeito de uma emergente definição de atividade física, pois o debate sobre sua conceitualização, ressalta a importância da atualização e ressignificação das definições colocadas no contexto educacional, principalmente no campo da EF, considerando-se o trabalho pedagógico da EF.

O referido autor ressalta que a definição de atividade física em seu contexto histórico, vem sendo constituído por pequenas variações desde 1985, posta por Caspersen, Powell e Christenson. Em busca de rupturas, principalmente pelas construções das ciências humanas e sociais também em relação aos aspectos que definem um objeto ou suas práticas, o autor destaca a natureza complexa da atividade física que, conseqüentemente, necessita de uma definição holística e de maior abrangência, considerando seu aspecto multidimensional.

Uma dessas definições é a desenvolvida por Castellani Filho e Carvalho (2006, p. 217) os quais trazem o conceito de práticas corporais, e que, na perspectiva conceitual abaixo citada, vai permitir a inclusão dos corpos gordos.

[...] manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam os significados que as pessoas lhes atribuem, devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural e operar segundo a lógica do acolhimento, aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo seus desejos e necessidades (CASTELLANI FILHO; CARVALHO, 2006, p. 217).

Piggin (2020) reforça que uma nova definição de atividade física deve contemplar, além dos aspectos fisiológicos, às dimensões cognitivas/psicológicas, sociais, culturais e políticas (isto é, para além de uma percepção de um corpo máquina conforme o *modus operandi* da biomedicina).

Para Martin (2006, p. 58) “[...] quando a ciência trata a pessoa como máquina e pressupõe que o corpo pode ser consertado por meio de manipulações mecânicas, ela ignora, e nos incentiva a ignorar, outros aspectos do nosso eu, como nossas emoções e nossas relações com as outras pessoas”, é o que ocorre com os corpos gordos, os quais são percebidos, unicamente e exclusivamente, a partir de um “amontoado de músculos e ossos e suas engrenagens”, porém com uma problemática, a gordura.

Inclusive, em contraste aos pressupostos da ideologia positivista, os quais baseiam-se na apologia normativa da ordem, bem como no reducionismo do corpo enquanto máquina

(MARTIN, 2006). No entanto, a vida não é limitada ao determinismo físico-químico, mas, sim, a sua relação mútua com meio, e ao poder instituidor de normas (CANGUILHEM, 2009).

Nesta discussão, Bilibio e Damico (2011) contribuem com a seguinte afirmação:

[...] não estamos refutando as produções alicerçadas na perspectiva epidemiológica e que advogam o incremento de atividade física regular como estratégia de redução de determinados fatores de riscos e agravos – principalmente – para as ditas doenças crônico-degenerativas (BILIBIO; DAMICO, 2011, p. 96).

Para tanto, os autores supracitados alertam para o fato de que, ao colocarmos as condições de vida das pessoas como eixo central para o debate, estamos dizendo que o processo saúde-doença de um conjunto populacional, está intimamente relacionado com as questões de des/igualdade social, visto que determinados grupos estão em posição de desvantagem em relação a outros (BILIBIO; DAMICO, 2011).

Conforme Alba *et al.* (2022, p. 4): “[...] o Brasil é um país composto por uma grande diversidade de raças, porém a mídia insiste em demonstrar um certo descaso com o povo brasileiro, isso fica evidente ao reforçar uma padronização de beleza”. Estes autores mencionam que podemos nos deparar com isto: “[...] em qualquer canal de TV, nas revistas, e até mesmo em redes sociais de *coaching* do emagrecimento” (ALBA *et al.*, 2022, p. 4).

De acordo com Gonçalves e Azevedo (2007), a EF, principalmente a escolar, deve constituir-se, portanto, “[...] em um espaço para oportunizar aos alunos a compreensão, a crítica e o questionamento desse momento de idolatria à imagem narcisista do corpo que é veiculada socialmente” (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 213), e midiaticamente, justamente tendo em vista que a EF assume papel fundamental frente à formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes assim, de desvelar as possibilidades desta área, para além da dimensão biológica/biomédica fortemente presente na formação.

Sendo assim, a EF e sua inter-relação com a Saúde Coletiva, e tendo em vista os conceitos de saúde ampliada, deve superar os limites da reabilitação da saúde ou a mera prevenção, mas que tenha o foco principal na promoção da saúde¹¹³, veiculando-se às dimensões de humanização, autonomia e cuidado, visando ampliar significados e formas de intervenção, com a finalidade de contribuir acerca do reconhecimento e da luta pelos direitos sociais (CARVALHO, 2012).

¹¹³ Neste contexto, promoção da saúde é aqui compreendida, Conforme explicitado por Buss (2000), isto é, a promoção da saúde enquanto um conceito polissêmico, o qual se pode definir em duas vertentes: primeiramente, centrada em comportamentos individuais; depois, de caráter comunitário/social, de ordem complexa que exige a ampliação de suas ações propondo “[...] a articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução” (BUSS, 2000, p.165).

De maneira igualmente importante, tem-se a perspectiva da mídia-educação no campo da saúde e da EF escolar, com vistas ao desenvolvimento do senso de criticidade dos sujeitos diante aos meios de comunicação de massa, isto é, seja ela falada, escrita e televisada, como por exemplo, programas de TV, séries, filmes e jornal, mas também pela *internet*¹¹⁴, justamente tendo em vista a influência e os impactos negativos oriundos dos conteúdos, produtos e discursos midiáticos em relação a uma “norma” a ser vivida, neste caso, relaciona-se a um corpo geralmente configurado como magro e/ou musculoso/*fitness*, e equivocadamente associado à saúde, conquistado a partir de uma linha tênue com a atividade física e a redução no consumo energético diário.

Além disso, Fantin (2011) alerta que: “[...] além de ser um campo em construção epistemológico e metodológico aberto, a mídia-educação constitui um espaço de reflexão teórica sobre as práticas culturais” (FANTIN, 2011, p. 30). Ainda conforme a referida autora, a mídia-educação “[...] também se configura como um fazer educativo numa perspectiva transformadora de reaproximar cultura, educação e cidadania” (FANTIN, 2011, p. 30).

A partir desta perspectiva, a mídia-educação passa a reafirmar o universo escolar como um ambiente de socialização, mas também fortemente marcado pela diversidade e pluralidade, sendo assim, ao se falar em cidadania, equivale a democratizar as mídias com a finalidade de assegurar o trabalho das dimensões crítico-reflexiva, isto é, educar para os meios; metodológica-instrumental, educar com os meios; e expressivo-produtivas, educar através dos meios, pois a mídia pode (e tem sido) utilizada de maneira indiscriminada, acrítica e maldosamente (FANTIN, 2011).

Inclusive, na disseminação de *fake news* e de discursos de ódio nas redes sociais, no próprio contexto da pandemia COVID-19, que outrora ceifou a vida de milhares de brasileiros/as, – intensificadas no então governo Bolsonaro, como por exemplo, menciona-se a *fake news* que o ex-presidente disseminou ao associar, de maneira falaciosa, a vacina da COVID-19 com o risco de desenvolver Aids, em uma *live* realizada em suas redes sociais, no dia 21 de outubro de 2021¹¹⁵.

Desta forma, compreende-se que por meio de uma educação para as mídias, é possível contribuir para problematização de questões relacionadas às desigualdades sociais, pois a mídia-educação com sua perspectiva teórico-prática, trabalha tanto com dispositivos referentes

¹¹⁴ Aqui, em especial as plataformas digitais de notícias, – objeto de pesquisa do estudo em tela.

¹¹⁵ Inclusive, após a apuração conduzida pela Polícia Federal, concluiu-se que o ex-presidente, segundo o relatório da PF, apresentado ao Supremo Tribunal Federal, cometeu incitação ao crime quando associou vacina da COVID-19 à Aids. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/08/17/pf-ve-crime-de-bolsonaro-por-live-em-que-o-presidente-associa-vacina-da-covid-com-risco-de-pegar-hiv.ghml>. Acesso em: 18 de maio 2023.

à cultura digital¹¹⁶, como busca garantir a formação de um sujeito crítico, reflexivo e criativo (FANTIN, 2006).

Ainda conforme esta autora, a partir do momento que isso seja possibilitado, “[...] a mídia-educação na escola estará investida de novas responsabilidades na sociedade atual e poderá contribuir com a construção de uma nova forma de mediação cultural” (FANTIN, 2012, p. 29). Em acréscimo, porém, com vistas aos programas de formação inicial e continuada de professores e professoras, Fantin (2010) traz a seguinte argumentação:

A complexidade que envolve a presença e o uso das tecnologias nas práticas educativas precisa estar articulada não só a uma reconfiguração da escola e seus espaços, mas sobretudo a programas de formação inicial e continuada que discutam o novo perfil profissional do educador nos cenários atuais, principalmente no que diz respeito em sua relação com a cultura, mais especificamente com as mídias e tecnologias (FANTIN, 2010, p. 14).

Assim, torna-se notável que uma das “bandeiras” levantas pela perspectiva da Mídia-Educação, é justamente defender um rompimento com o modelo de educação tradicional, vislumbrando uma formação integral, contextualizada, e que contribua de maneira significativa para promoção do pleno exercício cidadania.

Além disso, tendo em vista à operacionalização da GDV aqui realizada, percebe-se que esta mesma técnica, por conduzir a uma interpretação que leva em conta os diferentes contextos em que as imagens estão inseridas e a maneira como a informação é captada pelo interlocutor, contribui para uma análise que articula essas questões para que se possa melhor compreender as referências estabelecidas com o corpo gordo. Com base nisso, há o entendimento de que os saberes veiculados pela mídia em geral (e aqui, podemos inferir especificamente quanto à mídia digital) têm sido fator preponderante para o estabelecimento e disseminação da gordofobia, como foi possível perceber ao utilizar a GDV.

Percebe-se, portanto, que a GDV caracteriza-se como um potente método de análise imagética com vistas à compreensão e interpretação dos elementos que compõem as imagens e os seus respectivos significados, valores e informações. Ou seja, a partir da GVD torna-se possível realizar uma leitura crítica do conteúdo imagético veiculado pela mídia, possibilitando assim, um olhar para além do que vemos, neste caso, sobre corpos gordos. Além disso, este

¹¹⁶ Trata-se de uma cultura em que “[...] a mídia pessoal, *personal media*, é a protagonista. Os celulares e as redes sociais, *social network*, ao lado de outras tecnologias permitem que o leitor se torne cada vez mais autônomo, e, graças a essa cultura, cada leitor pode se tornar também um autor” (FANTIN; RIVOLTELLA, 2012, p. 108). Isto posto, compreende-se a cultura digital como um fato social, isto é, como cultura que integra nosso entorno. Desse modo, deve ser cada vez mais tematizada, debatida, pesquisada, inclusive no âmbito escolar, pois sua “[...] facilidade de uso, a oportunidade de interatividade, e a possibilidade de autoria e sociabilidade são algumas características dessas ferramentas que a cultura digital propicia e tais práticas demandam novas pesquisas e reflexões” (FANTIN, 2010, p. 13).

método de análise imagética pode ser tarefa escolar com vistas ao entrecruzamento de vários componentes curriculares, gerando articulações entre os mais diversos componentes curriculares para tal trabalho pedagógico.

Contudo, embora o processo de análise, à luz da GDV, forneça um conjunto de ferramentas para compreensão aprofundada do texto imagético, é importante enfatizar que se trata de uma perspectiva interpretativa e não de um método único para estudo da linguagem visual, podendo ser utilizadas outras abordagens.

Além disso, a ausência de atualização da GDV, relacionada às imagens em formato digital, as quais apresentam características significativas próprias e elementos cada vez mais complexos, faz emergir a necessidade de novos estudos e, inclusive, a formulação de outros componentes analíticos. Não obstante, mesmo apresentando tais lacunas, a GDV torna-se de grande potencialidade à pesquisa educacional, como no caso experimentado aqui, trazendo a possibilidade de relacionar mídia, saúde, corpo e servir como uma ferramenta metodológica para investigar questões do contemporâneo permeadas pela intensa cultura imagética.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

“A gordofobia opera como um sistema de opressão estrutural – como o racismo e o machismo – e se refere à discriminação que as pessoas gordas estão submetidas, desde humilhação, inferiorização, ridicularização, patologização e exclusão.” (PAIM, 2022, p. 63).

Tendo em vista a análise de conteúdo, e a operacionalização da Gramática do *Design* Visual (ênfase na análise imagética), que foram realizadas, bem como, a discussão e problematização empreendidas com embasamento na literatura científica, torna-se perceptível a produção e veiculação de produtos (conteúdos textuais e imagéticos) por parte da mídia, os quais propagam informações e saberes gordofóbicos, podendo assim, ocasionar as mais variadas formas de exclusão social.

Outro fato que importa ser destacado, refere-se aos próprios discursos e saberes biomédicos que incessantemente apontam a gordura como ocasionadora de processos patológicos, nesse sentido, o corpo caracteriza-se a partir dos pressupostos dos padrões normativos, como sendo acima do peso, e passa a ser percebido como adoecido e que necessita de urgentes intervenções com vistas ao seu processo de emagrecimento, pois “[...] ter um corpo magro, esbelto e definido é a maior promessa de felicidade da contemporaneidade” (ALTHEIA, 2019, p. 47), e que tem sido fortemente veiculado pela mídia em geral referenciando o corpo magro como sendo sinônimo de saúde.

Neste sentido, Lovisolo (2006), em seu estudo descreveu 3 elementos os quais se constituem como um *modus* de se referenciar ao corpo: Juventude, Beleza e Saúde, estes elementos são abreviados, pelo mencionado autor, como JUBESA. Este ainda refere, ser observável a maneira como a mídia em geral veicula informações acerca de um “ideal”, isto é, uma referência de corpo que atenda aos paradigmas normativos, sendo assim, um corpo belo, jovem e saudável. Este tipo de veiculação passa a influenciar significativamente “[...] os discursos nas escolas, discursos esses que vão no sentido de promover práticas corporais para a aquisição/manutenção da saúde” (LOVISOLO, 2006, p. 21), isto é, há uma notória obsessão acerca da aparência e de padrões de comportamento que irão influenciar na saúde do sujeito.

O corpo JUBESA, aquele que segue os preceitos de juventude, beleza e saúde, apresenta vaga cativa no contexto escolar, tendo em vista que na educação física escolar utiliza-se, de um modo geral, desses preceitos, os quais estão vinculados ao corpo magro, para justificar e estimular as práticas corporais. A visão do corpo magro, portanto saudável está presente não só nas respostas dos alunos, mas também nos discursos (re)produzidos pelo Corpo Escolar (LOVISOLO, 2006, p. 22).

Isto reflete a discussão escassa, bem como, reducionista de saúde, por vezes realizada no universo escolar, que a associa aos determinantes biológicos como únicos responsáveis por causarem doenças, reduzindo a saúde ao seu aspecto individual e vinculada a uma representação imagética de corpo magro, contribuindo para o processo de culpabilização do sujeito (DEVIDE, 2003).

Diante desta realidade, compreende-se que a mídia-educação assume papel fundamental diante ao processo de conscientização e desenvolvimento do senso de criticidade em relação à influência, e aos impactos advindos dos discursos midiáticos frente a um “ideal” de corpo, geralmente configurado fisicamente como magro e/ou musculoso/*fitness* e equivocadamente associado à saúde (perspectiva biomédica).

Inclusive, isto ocorre sem considerar outros fatores que podem estar relacionados ao processo saúde-doença, dentre estes, destacam-se os determinantes sociais da saúde, porém “[...] a educação para as mídias não se reduz aos meios e a seus aspectos instrumentais, pois as mídias situam-se numa arena de produção de significados” (FANTIN, 2011, p. 29).

Evidencia-se, ainda, um escancarado processo de patologização dos corpos gordos, estes, por sua vez, culpabilizados por seu suposto adoecimento (devido ao “excesso” de gordura), pois há no imaginário social, inclusive, fortemente influenciado pelo discurso midiático, ancorado no saber biomédico, de que o sujeito está gordo(a) pelo simples fato de não praticar atividade física (entendida enquanto gasto energético, e como a causa que irá originar em um efeito, neste caso, a saúde), e por apresentar “descontrole” referente ao consumo alimentício, ou seja, reduzindo a complexidade que envolve o fenômeno da obesidade, aos aspectos da dimensão biológica e comportamental.

Sendo assim, o sujeito com corpo gordo tem sido invisibilizado para além daquilo que está engendrado no imaginário das pessoas (enquanto um sujeito sem “disciplina”, “desleixado” e até mesmo “doente”), visto que há uma notória pressão, inclusive com vistas à modificação corpórea – o corpo gordo sendo objetificado e adjetivado negativamente, ou seja, coloca a pessoa em uma condição de tal forma que vulnera a dignidade humana.

Tal realidade se torna anacrônica tendo em vista que é resguardado na/pela Constituição Federal (CF) de 1988 (art. 1º, inciso III), o princípio da dignidade da pessoa humana como um dos princípios basilares, justamente relacionado aos direitos e garantias fundamentais de cada cidadão.

Nesta perspectiva, Souza (2021) nos compartilha a seguinte análise crítico-reflexiva referente à gordofobia e a dignidade da pessoa gorda:

Quando o corpo gordo, exige que seja garantido a ele lugares maiores, uma assistência médica respeitosa, aparelhos que o suportem, exige-se que isso seja garantido sem maiores frustração, não se deve nivelar ou comparar os outros corpos que não necessitem de tais especificidades, como parâmetro para não o fazer. Esse estilo de pensamento desqualifica a qualidade de vida de uma grande parcela da população, e na mesma esteira de acesso dessas pessoas de forma igualitária, não podemos distanciar a personalidade do seu corpo em um estado de coisificação deste ser. Na medida em que não se constitui uma pessoa de direito, visto como anomalia e aberração que a todo e qualquer custo deve ser ignorado e excluído do convívio em grupo, qualifica-se esse corpo apenas como mais um, que assim como um objeto sem valor, é facilmente descartável (SOUZA, 2021, p. 19).

Infelizmente, embora esteja explicitamente apresentado na própria CF de 1988, direitos e garantias fundamentais concernentes à dignidade humana, ocorre que determinadas pessoas são desprovidas de terem, por exemplo, um atendimento/assistência médica que de fato legitime a dignidade da pessoa humana, é o caso que foi veiculado pelo portal G1, no dia 06 de janeiro de 2023, a respeito de um jovem (25 anos de idade) ter vindo a óbito na porta de um hospital, localizado na Zona Norte de São Paulo, pelo fato de lhes ter sido negado atendimento médico sob à alegação por parte do hospital, de que não havia maca para pessoas gordas¹¹⁷. Isto também é uma forma de prática gordofóbica, pois foi negado um mínimo de assistência/acessibilidade para garantia da subsistência da pessoa gorda/humana.

A falta de equipamentos como, por exemplo, macas, balanças e cadeiras adequadas para pessoas gordas, bem como instalações sem recursos apropriados, caracteriza-se como uma prática gordofóbica, pois nega acessibilidade e dignidade às pessoas gordas, além, é claro, os profissionais de saúde (ou até mesmo profissionais de outras áreas) que mencionam comentários inapropriados e desrespeitosos, fazendo com que as pessoas gordas se sintam incompreendidas, não levadas a sério devido ao seu peso, e relatam que seu peso é culpado por todos seus problemas de saúde.

Os pressupostos teóricos de Georges Canguilhem (2009), tornam-se fundamentalmente importantes com vistas às discussões concernentes às compreensões sobre saúde e doença, normal e patológico, justamente tendo em vista o ideário social acerca do “culto ao corpo perfeito”, no qual o corpo gordo não está em conformidade, de tal forma, ora é

¹¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/06/jovem-de-25-anos-morre-na-porta-de-hospital-estadual-de-sp-apos-ter-atendimento-negado-por-falta-de-maca-para-pessoas-obesas.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2023.

percebido como aquele que foge às normas¹¹⁸ do que seria referência a ser seguida, ora é o corpo gordo visto a partir da ordem biomédica como um corpo obeso/doente.

Para Canguilhem (2009, p. 56), “[...] se essas normas forem inferiores – quanto à estabilidade, à fecundidade e à variabilidade da vida – às normas específicas anteriores, serão chamadas patológicas”. Ainda segundo este autor: “[...] se, eventualmente, se revelarem equivalentes – no mesmo meio – ou superiores – em outro meio –, serão chamadas normais. Sua normalidade advirá de sua normatividade” (CANGUILHEM, 2009, p. 56). Sendo assim, o patológico não é a ausência de norma biológica, mas, sim, uma norma diferente, porém, comparativamente rejeitada pela vida em sociedade.

Ou seja, o gordo é aquele que não corresponde ao “ideal” corpóreo na cultura contemporânea, entendido como um sujeito que atingiu o estado “anormal”, mas também percebido como aquele que atingiu o estado patológico – aumentando a suscetibilidade frente ao prenúncio da morte, já que a obesidade é caracterizada como uma doença e que necessita de urgentes e emergentes intervenções, inclusive medicamentosas e cirúrgicas.

Para tanto, ainda tendo em vista os pressupostos de Georges Canguilhem, compreende-se que a ideia de patologia e anormalidade, ou doença e normalidade, não pode estar desassociada do organismo e do ambiente em que se encontra, pois a investigação analítica desse conceito não pode deixar de levar em conta os valores e construções sociais, isto é, essa análise deve estar marcada por estudos socioculturais, além disso, pautada em aspectos históricos (como em Vigarello) e em aspectos sociológicos (como em Poulain), com vistas à compreensão dessas questões sobre corpo gordo, doença, normalidade, saúde e produtos/conteúdos midiáticos.

Sobre o aspecto histórico, tem-se a compreensão de que, o corpo gordo de início foi percebido como símbolo de opulência, poderio e prestígio, e posteriormente, passou a ser visto como um sinal de relaxamento físico e moral, e nos dias atuais é condenado pela sociedade como um fracasso inaceitável da força de vontade.

Já referente aos aspectos sociológicos, percebe-se que o fato do sujeito ser gordo(a) na sociedade contemporânea reflete, sobremaneira, uma problemática no plano sanitário, econômico e social, um vez que as dimensões que concernem à complexidade da obesidade,

¹¹⁸ Matos, Zoboli e Mezzaroba (2012, p. 101) trazem o seguinte argumento reflexivo: “[...] quanto mais um corpo foge de um padrão simbólico de normalidade, mais ele suscita o olhar do outro, olhar este carregado por vezes de espanto; por vezes de horror e reprovação (por que não, também, de nojo?)”, isto ocorre inclusive em relação aos corpos gordos e, principalmente, se for muito gordo. Os autores ainda referem que questões relacionadas ao corpo gordo ou “[...] a qualquer estigma que emana do corpo podem ser vistas como aspectos que estruturam relações de poder na medida em que atribuem valores às diferenças, dimensionando-as simbolicamente como inferior e superior” (Idem, 2012, p. 103).

não se reduzem à perspectiva positivista do modelo biomédico, mas alcança níveis de discriminação e estigmatização, a partir do estabelecimento de normas e de padrões de estética corporal.

Desta forma, reafirma-se que é para tal propósito que uma pesquisa como esta existe e se coloca a pensar essa problemática contemporânea sob a perspectiva pedagógica e educacional justamente tendo em vista o processo de humanização e criticidade a ser desenvolvido nos/as alunos/as, inclusive, um momento em que há uma forte imersão de crianças e jovens no mundo da cultura digital, seja por meio do computador, ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como *e-mail*, redes sociais na *web*, dentre outras, tendo em vista o uso da *internet*.

Torna-se, assim, fundamental a problematização do fenômeno da gordofobia nas diversas esferas que constituem a sociedade, como por exemplo, no ambiente de trabalho, nos serviços de saúde e, inclusive, no âmbito escolar, já que a escola assume papel fundamental com vistas à formação/educação de sujeitos reflexivos e críticos para realizarem uma “leitura de mundo” com a finalidade de transformá-lo, em um ambiente onde as diferenças não sejam um obstáculo, mas, sim, uma singularidade inerente à cada sujeito e que possam ser devidamente reconhecidas, valorizadas e tratadas conforme suas especificidades, considerando assim, o sujeito em sua integralidade, a partir de uma dimensão global, ao que pese os aspectos biopsicossociais.

Nota-se, portanto, que esse tipo de análise aqui realizada (textual e imagética), pode ser caracterizada como uma das possíveis estratégias educativas para romper com “senso comuns” que envolvem as representações sociais acerca do corpo gordo, formando assim, sujeitos críticos e reflexivos, pois “[...] estudantes aprendem com suas interações com as mídias, seus usos e costumes, seus conhecimentos e suas formas de aprendizagem” (FANTIN, 2012, p. 71).

Trata-se, assim, de uma educação que também é midiática e que aparece em todos os campos da sociedade a todo momento, daí a relevância de se promover uma prática educacional e pedagógica com vistas à uma educação que possa desenvolver nos sujeitos o senso de criticidade, podendo assim, tornarem-se capazes de desvelar as discursividades veiculadas pela mídia, no caso em questão, a respeito dos corpos gordos, e suas estratégias de ação por vias de seu poder simbólico na sociedade contemporânea.

Ademais, torna-se oportuno destacar que o intento aqui não é assumir uma posição negacionista¹¹⁹ acerca dos saberes postulados pelas Ciências Biológicas/Biomédicas ao que diz respeito ao fenômeno da obesidade, mas, sim, chamar atenção para o fato de que o mencionado fenômeno é multifatorial, e, tão logo, importa perceber este também a partir do espectro das humanidades, isto é, levando-se em consideração tantas outras questões (individuais, subjetivas e políticas, por exemplo) para além do plano biológico e comportamental.

¹¹⁹ “[...] o negacionismo científico é um movimento antigo como, por exemplo, foi o caso de Copérnico ou de Galileu Galilei, cientistas que foram forçados a falsear as suas próprias conclusões científicas naturais por causa da contradição doutrinal impelida pelo poder da igreja na medievalidade” (BLACKBURN, 1997 *apud* MARQUES; RAIMUNDO, 2021, p. 11). Um claro exemplo que aconteceu recentemente no Brasil, foi a gestão da pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19), em que o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL), propagou *fake news* a respeito do vírus, inclusive com afirmações de que se tratava apenas de uma “gripezinha”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos. 2009.

ABESO. Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. **Diretrizes brasileiras de obesidade 2016**. 4. ed. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://abeso.org.br/wp-content/uploads/2019/12/Diretrizes-Download-Diretrizes-Brasileiras-de-Obesidade-2016.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.

ABRANCHES, M. V. *et al.* Ideal, saudável e submisso: o corpo feminino em capas de revistas. **CIAIQ 2017**, v. 2, p. 553-562, 2017. Disponível em: <https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1249>. Acesso em: 5 jun. 2023.

ALBA, D. J. M. *et al.* Atividade física voltada ao emagrecimento a influência da mídia sobre a estética corporal. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p. e138111132831-e138111132831, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32831>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ALMEIDA, F.; SANTIAGO, A. C.; SANTOS, M. Á. Obesidade na adolescência: Estratégias utilizadas para lidar com o preconceito. **CIAIQ2015**, v. 1, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/11/10>. Acesso em: 10 abr. 2023.

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALTHEIA, P. **Não sou exposição**: questionamento sobre imagem corporal, autoestima e saúde. Belo Horizonte: Quintal edições, 2019.

ALVES, F. S.; CARVALHO, Y. M. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 229-244, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115316963013.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023.

AMPARO-SANTOS, L.; FRANÇA, S. L. G.; REIS, A. B. C. (org). **Obesidade(s): diferentes olhares e múltiplas expressões**. Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Universidade do Estado da Bahia. Ministério da Saúde, Salvador, 2020, p. 101. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Virginia-Machado/publication/369502001_O_fenomeno_da_obesidade_como_experiencia_subjetiva/links/641df007315dfb4ccea7c341/O-fenomeno-da-obesidade-como-experiencia-subjetiva.pdf. Acesso em: 23 abr. 2022.

ARRUDA, A. S. O nome dela é Jenifer: representatividade gorda importa. **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 33, p. 75-93, 2021. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1430>. Acesso em: 10 fev. 2023.

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 119-141, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/77qSbxLKYLyttqQbSzFjMcb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 mar. 2023.

BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELLO, S. **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. São Paulo: Editora Oficina Universitária, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, F. **Ela adotou estas 9 táticas para comer menos açúcar e cuidar da saúde**. Portal UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/19/preocupada-com-a-saude-ela-reduziu-consumo-de-acucar-com-estas-taticas.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BARROS, L. M. **Saúde Coletiva**. Série Bibliográfica. UNIT, 2015.

BASTOS, S. N. D.; LINHARES, M. A.; SILVA, L. V. A. Problematizando a imposição de corpos femininos desejáveis nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica Jovem. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 14, n. 1, p. 312-333, 2021. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/534>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BERGER, M. Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem. **SINAIS - Revista Eletrônica Ciências Sociais**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 121-160, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/clarksondiniz,+02_08_mirela_ensaio%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/clarksondiniz,+02_08_mirela_ensaio%20(1).pdf). Acesso em: 25 fev. 2021.

BEZERRA, H. P. O. **Corpo e saúde: reflexões sobre o quadro "Medida Certa"**. 2012. 207 f. Dissertação (Mestrado em Movimento Humano, Cultura e Educação, Saúde e Desempenho) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14611>. Acesso em: 11 maio 2023.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Gaal, 1989.

BONETTI, A. O ser doente: uma reflexão à luz de Georges Canguilhem. **Pensar a Prática**, v. 7, n. 1, p. 45-58, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/admin,+ALBERTINA+BONETTI%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/admin,+ALBERTINA+BONETTI%20(1).pdf). Acesso em: 12 maio 2022

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Congresso Nacional, 1988. Disponível em: <http://www.saude.am.gov.br/planeja/doc/constituicaofederalde88.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BRASIL. **Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Ministério da Saúde. Brasília, 2018. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/julho/25/vigitel-brasil-2018.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2021.

BRASIL. Lei 8. 080/90. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondente e**

dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 19 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Anais da 8ª Conferência Nacional de Saúde.** Brasília, 1986.

BRITO, R. C. L.; PIMENTA, S. M. O. A Gramática do *Design* Visual. In: LIMA, C. H. P.; PIMENTA, S. M. O.; AZEVEDO, A. M. T. (Org.). **Incursões Semióticas: Teoria e Prática de Gramática Sistêmico - Funcional, Multimodalidade, semiótica Social e Análise Crítica do Discurso.** Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009. p. 87-117

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1 p. 163-177, 2000. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v5n1/7087.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022.

BUZAN, T. **Dominando a técnica dos mapas mentais.** São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

CASTELLANI FILHO, L.; CARVALHO, Y. M. Ressignificando o esporte e o lazer nas relações com a saúde. In: CASTRO, A.; MALO, M. (Org.). **SUS: ressignificando a promoção da saúde.** São Paulo: Hucitec-Opas, 2006. p. 208-222.

CAETANO, A.; PIRES, G; COSTA, A. R. Corpo na Educação Física Escolar: Uma visão Crítico-Reflexiva a partir da Indústria Cultural. **Revista digital Efedports**, p. 1-7, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/237459/2009-textos-anais-06.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 maio 2023.

CALBO, A. *et al.* Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. **Contextos Clínicos**, v. 2, n. 2, p. 73-80, 2009. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/23540/2/Bullying_na_escola_comportamento_agressivo_vitimizacao_e_conduta_prsocial_entre_pares.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

CAETANO, V. B. L. **Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos.** 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <http://www.guaiaa.ufpel.edu.br/handle/prefix/4486>. Acesso em: 21 maio 2023.

CAMPOS, J. M. *et al.* Gênero, segurança alimentar e nutricional e vulnerabilidade: o Programa das Mulheres Mil em foco. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1529-1538, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4qtnbwDsbs3YdYXWdw6szWs/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 2 fev. 2023.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CARVALHO, A. B. **Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas.** 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/21235>. Acesso em: 22 maio 2022.

CARVALHO, M. C.; MARTINS, A. A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual. In: BAGRICHEVSKY, A. P.; ESTEVÃO, A.; DA ROS, M. (org). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 203-222. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_debate_educacao_fisica_v2.pdf#page=148. Acesso em: 19 abr. 2023.

CARVALHO, Y. M. **Atividade física e saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

CARVALHO, Y. M. Educação Física e Saúde Coletiva: uma introdução. In: LUZ, M. T. **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva**: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2012. p.11-26

CAPONI, S. A saúde como abertura ao risco. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde (conceitos, reflexões, tendências)**. 1. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. p. 55-78.

CARVALHO, Y. M. Saúde, Sociedade e Vida: um olhar da Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-168, 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/80>. Acesso em: 15 maio 2023

CASPERSEN, C. J, POWELL, K.; CHRISTENSON, G. M. Atividade física, exercício e aptidão física: definições e distinções para pesquisas relacionadas à saúde. **Rep. de Saúde Pública**, n. 100, p. 126–131, 1985. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1424733/pdf/pubhealthrep00100-0016.pdf>. Acesso em: 12 maio 2023.

CHAGAS, J. C.; PEDROZA, R. L. C. Patologização e Medicalização da Educação Superior. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n. esp, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/hkWLpJzSKyzphR9vmhSHQ7D/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.

COELHO, M. T. A. D.; ALMEIDA FILHO, N. Normal-patológico, saúde-doença: revisitando Canguilhem. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 13-36, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/1999.v9n1/13-36/pt/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

CORTEZ, D. **Ele chegou a 160 kg, mas superou obesidade e completou mais de 400 corridas**. Portal UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/10/06/ele-chegou-a-160-kg-mas-venceu-obesidade-e-completou-mais-de-400-corridas.htm>. Acesso em: 12 jun. 2023.

COSTA, M. P. Corpo em relação: contribuições de Marcel Mauss e Luc Boltanski para a Sociologia do Corpo. **Sociologias Plurais**, v. 8, n. 1, p. 151-168, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/84504>. Acesso em: 14 abr. 2023.

DALMOLIN, B. B. *et al.* Significados do conceito de saúde na perspectiva de docentes da área da saúde. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 389-394, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/NJb3hzFmZwKrnqnBDGnLv3L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2023.

ESTANISLAU, F. M. **Produção de sentidos na balança: as relações entre ciência, mídia e cotidiano nos discursos de obesidade**. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-17122014-194230/pt-br.php>.

Acesso em: 21 fev. 2023.

ESPOSITO, R. **Temos da Política: Comunidade, Imunidade, Biopolítica**. Curitiba: Ufpr, 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da midiaticização. **Matrizes**, v. 8, n. 2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194>.

Acesso em: 28 abr. 2023.

FANTIN, M. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 205-223, 2009. Disponível em:

<http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v34n02/v34n02a13.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.

FANTIN, M. **Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália**. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em:

<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88793>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FANTIN, M. Dos consumos culturais aos usos das mídias e tecnologias na prática docente. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 12-24, 2010. Disponível em:

[file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/17118-Texto%20do%20Artigo-53266-1-10-20101210%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/17118-Texto%20do%20Artigo-53266-1-10-20101210%20(1).pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.

FANTIN, M. Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 2, p. 437-452, 2012. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4614981/mod_resource/content/2/M%C3%B4nica%20Fantin.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

FANTIN, M. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 14, n. 1, p. 27- 40, 2011. Disponível em:

[file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/ojs,+3483-9915-1-CE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/ojs,+3483-9915-1-CE%20(1).pdf). Acesso em: 12 out. 2021.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (Orgs.). **Cultura Digital e Escola: Pesquisa e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2012.

FARHAT, D. G. K. M. **As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje**. 2008. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/118970>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FELIPPE, F. M. L. Obesidade como um problema social: novas demandas profissionais ao serviço social. **Katálisis**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 239-248, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1796/179617806010.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FERRACINI, R. *et al.* Uma experiência de cartografia territorial do corpo em arte. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 219 - 232, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101222014219>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FERREIRA, M.; LOGUERCIO, R. Q. A análise de conteúdo como estratégia de pesquisa interpretativa em educação em ciências. **REVELLI–Revista de Educação, Língua e Literatura**, v. 6, n. 2, p. 33-49, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142567>. Acesso em: 12 maio 2021.

FERREIRA, H. J.; KIRK, D.; DRIGO, A. J. “Não é só exercício físico”: o trabalho de profissionais de Educação Física na promoção da saúde. **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e28039, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/120717>. Acesso em: 9 jun. 2023

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2021.

FILDES, A. *et al.* Probability of an obese person attaining normal body weight: cohort study using electronic health records. **American journal of public health**, v. 105, n. 9, p. e54-e59, 2015. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2015.302773>. Acesso em: 12 maio 2022.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT’ANNA, D. B. (org.). **Políticas do Corpo**: Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

FRANCO, M. L. B. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2018.

FREITAS, L. M. M. O processo de estigmatização em Goffman e a interação entre indivíduos e grupos sociais. In: IV CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2014, Montes Claros/MG. IV CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL: “Mobilidades e Desenvolvimentos” – Programação e caderno de resumos. Montes Claros/MG: Editora Unimontes, p. 63-64. 2014. Disponível em: https://congressods.com.br/quarto/anais/GT02/01_GT_02.pdf. Acesso em: 12 maio 2022.

GASTALDO, É. “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, v. 11, n. 22, p. 352-369, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/VsTMZSGjm583CGxKDYnRmxb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2022.

GENTILI, P.; SADER, E. **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o estado democrático. 8. ed. São Paulo: Paz e terra, 2008.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GODOI, M. R.; NEVES, L. Corpo, violência sexual, vulnerabilidade e educação libertadora no filme " Preciosa: uma história de esperança". **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v. 16, n. 41, p. 409-422, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/8KvtbF5pWgd4qggqD9CWhxvx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2021.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara S. A, 1988.

GONÇALVES, P.; ALVERENGA, J.; PEREIRA, R. **Pesquisa da Unicamp identifica proteína que queima gordura após exercícios e abre caminho para controle da obesidade**. Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2022/11/22/pesquisa-da-unicamp-identifica-proteina-que-queima-gordura-apos-exercicios-e-abre-caminho-para-controle-da-obesidade.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GONÇALVES, A. S. **O corpo na educação física escolar**: significados e possibilidades de (Re)construção. 2009. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4232>. Acesso em: 12 maio 2023.

GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Pensar a prática**, v. 10, n. 2, p. 33-51, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/admin,+Artigo+3%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/admin,+Artigo+3%20(1).pdf). Acesso em: 5 abr. 2022.

GANDRA, A. **Dia Mundial da Obesidade**: doença tem várias causas e não só maus hábitos. Portal UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/03/04/dia-mundial-da-obesidade-doenca-tem-varias-causas-e-nao-so-maus-habitos.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GREJANIN, D. K. M. *et al.* As percepções sobre o " ser obeso " sob a ótica do paciente e dos profissionais da saúde. **Journal of Human Growth and Development**, v. 17, n. 3, p. 37-47, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19846>. Acesso em: 10 abr. 2022.

GUALBERTO, C. L. Multiletramentos a partir da gramática do *design* visual: possibilidades e reflexões. In: SILEL – SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 3., 2013. Uberlândia. **Anais eletrônicos** [...]. Uberlândia, 2013. p. 1-19. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/>. Acesso em: 14 set. 2022.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Arnold, 1994.

HEINE, P. Entre a magreza e o sobrepeso: discurso, corpo e sentido sobre a mulher em anúncios publicitários. **InterteXto**, Uberaba, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/810>. Acesso em: 8 jun. 2023.

JESUS, L. A. S. *et al.* Exercício físico e obesidade: prescrição e benefícios. **HU Revista**, v. 44, n. 2, p. 269-276, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/13953>. Acesso em: 19 maio 2023.

JIMENEZ, M. L. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643>. Acesso em: 13 abr. 2022.

JIMENEZ, M. L.; CRUZ, K. T. C.; MERHY, E.; MOREIRA, R. Gordofobia, fascismo e saúde em tempos pandêmicos. **METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 27-45, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/2555-1165-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/2555-1165-PB%20(3).pdf). Acesso em: 21 maio 2023.

KIRKLAND, A. Think of the hippopotamus: Rights consciousness in the fat acceptance movement. **Law & Society Review**, v. 42, n. 2, p. 397-432, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1540-5893.2008.00346.x>. Acesso em: 20 abr. 2023.

KLIN, L. *et al.* A research agenda to guide progress on childhood obesity prevention in Latin America. **Obesity reviews**, v. 18, n. 2, p. 19-27, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28741906/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

KRESS, G. R.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design**. 1. ed. Psychology Press, 1996.

KUK, J. L. *et al.* Individuals with obesity but no other metabolic risk factors are not at significantly elevated all-cause mortality risk in men and women. **Clinical Obesity Hoboken**, v. 8, n. 5, p. 305-312, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/cob.12263>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LE BRETON, D. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**. 6. ed. Editora: Papirus, 2003.

LOCH, M.; RECH, C. R.; COSTA, F. F. A urgência da Saúde Coletiva na formação em Educação Física: Lições com o COVID-19. **Ciência e Saúde Coletiva**, Porto Alegre, v. 25, n. 9, p. 3511-3516, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n9/3511-3516/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LOPES, F. Para além da barreira dos números: desigualdades raciais e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1595-1601, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/L6KFGDJTsZrYSPTdJRyJkXk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2023.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo 'JUBESA' (juventude, beleza e saúde) In: BAGRICHEVSKY, A. P.; ESTEVÃO, A.; DA ROS, M. (org). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 157-175. Disponível em: https://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/sau.de_debate_educacao_fisica_v2.pdf#page=148. Acesso em: 20 abr. 2023.

LÜDORF, S. M. A. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, n. 28, p. 99-110, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/QKtYfspSKpsdmhwZbzHdyGQ/abstract/?format=html&lang=en>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MOURA, S. A. **Sem açúcar, fritura e refri**: Joice Hasselmann mudou hábitos e perdeu 22 kg. Portal UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/03/15/joice-hasselmann-reeducacao-alimentar.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MENGELLE, I. **Em 2023 eu vou emagrecer**: veja dicas para perder peso e levar uma vida mais saudável. Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/12/31/em-2023-eu-vou-emagrecer-veja-dicas-para-perder-peso-e-levar-uma-vida-mais-saudavel.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MATOS, S. K.; ZOBOLI, F.; MEZZAROBBA, C. O corpo obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia. In: (Orgs.) SOUZA, V. R. M.; SOUZA, R. C. S.; ZOBOLI, F.; LIMA, I. M. C. **Inclusão escolar da pessoa com deficiência**: utopia. Aracaju: Editora Criação, 2012, p. 91-110.

MATOS, K. S.; ZOBOLI, F.; MEZZAROBBA, C. O bullying nas aulas de Educação Física escolar: corpo, obesidade e estigma. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 7, n. 2, p. 272-295, 2012. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3150>. Acesso em: 07 jun. 2023.

MARTIN, E. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MARTINS, J. **Tudo, menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza**. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7498>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Artes e Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A.; KOVACS, M. H. Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 24, n. 81, p.

305-324, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/osoc/a/cy96Vg47RtjXLVqypSzKKrj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MENDES, M. I. B. S. **Mens sana in corpore sano**: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MENDES, V. M. **Entre pontes, travessias e encruzilhadas: corpos em tensão, inventando resistências e existências rizomáticas**. 2020. 509 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-15012021-165728/en.php>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MENEZES, C. F. J.; FERREIRA, R. L. P.; MÉLO, R. S. “Imagina ela nua!”: Experiências de mulheres que se autodeclaram gordas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. e60118, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zFY8HjQdg4CmsSXBmzYp6zS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2022.

MEZZARROBA, C.; MENDES, D. S.; PIRES, G. L. Grandes eventos esportivos, mídia e representações: possibilidades/responsabilidades para a educação física escolar. In: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; RIBEIRO, S. D. D. (org). **Educação física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: Editora da UFS, 2010. p. 185-206

MEZZARROBA, C. Ampliando o olhar sobre saúde na Educação Física escolar: críticas e possibilidades no diálogo com o tema do meio-ambiente a partir da Saúde Coletiva. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 38, p. 231-246, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11619/2/EducacaoFisicaSaudeColetiva.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

MEZZARROBA, C.; ZOBOLI, F.; CORREIA, E. S. A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 55, p. 258-273, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p258>. Acesso em: 8 jun. 2023.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MINAYO, M. C. S. Saúde como responsabilidade cidadã. In: BAGRICHEVSKY, A. P.; ESTEVÃO, A.; DA ROS, M. (org). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 93-102. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/saude_debate_educacao_fisica_v2.pdf#page=148. Acesso em: 20 abr. 2023.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014. Disponível

em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/18875>. Acesso em: 20 abr. 2023.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NEVES, T. I.; PORCARO, L. A.; CURVO, D. R. Saúde é colocar-se em risco: normatividade vital em Georges Canguilhem. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 626-637, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2017.v26n3/626-637/pt/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

NÓBREGA, T. P. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. **Motrivivência**, v. 2, n. 16, p. 1-11, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4967>. Acesso em: 21 abr. 2023.

NOVAES, J.; VILHENA, J. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401502.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2023.

OBARA, A. A.; VIVOLO, S. R. G. F.; ALVARENGA, M. S. Preconceito relacionado ao peso na conduta nutricional: um estudo com estudantes de nutrição. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 8, p. e00088017, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YkFF7RGtDP8kQmCHzk5sBS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2023.

OLIVEIRA, D. F. Composição e singularidade: notas sobre a Ética e o Corpo em Benedictus de Spinoza. **Conatus: filosofia de Spinoza**, v. 6, n. 11, p. 11-21, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/Dialnet-ComposicaoESingularidade-4044206.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2023.

OLIVEIRA, A. A. B. O tema saúde na Educação Física Escolar: uma visão patogénica ou salutogénica? In: KUNZ, E.; HILDEBRANDT-TRAMANN, R. **Intercâmbios científicos internacionais em Educação Física e esportes**. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 241-260.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, A. P. *et al.* Os “pesos” de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29089>. Acesso em: 12 abr. 2023.

OSMO, A.; SCHRAIBER, L. B. O campo da saúde coletiva no Brasil: definições e debates em sua constituição. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 205-218, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/QKtFb9PkdpcTnz7YNJyMzjN/?format=html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. **Discursos, Identidades e Letramentos**: abordagens de Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Cortez, 2014.

ORTIZ, B. **Obesidade:** mais de 55% da população do DF apresenta excesso de peso. Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/10/11/dia-nacional-de-prevencao-da-obesidade-mais-de-55percent-da-populacao-do-df-apresenta-excesso-de-peso.ghml>. Acesso em: 12 jun. 2023.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. Saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas? **Revista de Saúde Pública**, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/PDRmKQr7vRTRqRJtSgSdw7y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PAIM, M. **Gordofobia faz mal à saúde:** relatos de gordofobia nos serviços de saúde e precarização do cuidado em saúde das pessoas gordas. 2022. 255 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234852>. Acesso em: 4 abr. 2022.

PAIM, M.; KOVALESKI, D. F. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 5, p. e190227, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pBvf5Zc6vtkMSHyztLKxYJH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2022.

PAIXÃO, A. K. R. **O mundo em pandemia:** o ócio do isolamento social como reprodutor da gordofobia no *Instagram*. 2021. 80 f. Dissertação (Mestrado em Saúde coletiva) – Universidade Federal de Fortaleza, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_dbc984ba9f3661acb84ec21b2d4d794f. Acesso em: 18 abr. 2022.

PALMA, A. Educação Física, Corpo e Saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 22, n. 2, p. 23-39, 2001. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/410>. Acesso em: 2 maio 2023.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes: conceitos e metodologia (s). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, VI, 2009, Lisboa. **Anais**. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009, p. 1-10. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

PENAS, E. C. S. **Gordofobia em cena:** estratégias discursivas contra o preconceito em vídeos do *Youtube*. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/64518>. Acesso em: 5 maio 2022.

PEREIRA, M. V. M. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em educação: o ensino superior em música como objeto. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 221-233, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v22n40/v22n40a20.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PEREIRA, M. C. **Gordofobia: uma análise sobre a percepção de discriminação baseada no peso**. 2019. 185 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza,

Fortaleza, 2019. Disponível em:

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_cecf1917a8b59040f2d034ee6bed3f23. Acesso em: 21 mar. 2022.

PFUETZENREITER, N. P. B. **Obesidade sob o olhar antropológico**: etnografia online do movimento *plus size*. 2018. 111 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2018. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/5142>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PICAGEVICZ, A. P. “**Você seria tão bonita, se fosse magra**”: os múltiplos sentidos no discurso da superação da obesidade. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado em estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3539>. Acesso em: 21 out. 2022.

PICH, S. Adolphe Quetelet e a biopolítica como teologia secularizada. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 849-864, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Zdc7kyrp6zt74H8KXgRBG5D/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 maio 2023.

PIGGIN, J. What Is Physical Activity? A Holistic Definition for Teachers, Researchers and Policy Makers. *Frontiers In Sports And Active Living*. **Frontiers Media AS**, v. 2, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/sportsand-active-living#editorial-board>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PILGER, C. R. **As gordas saem do armário... E entram no closet**: interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento na configuração das mulheres gordas pela revista Donna. 2021. 346 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/232686>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PIÑEYRO, M. **Stop Gordofobia y las panzas subversas**. Málaga: Zambra y Baladre, 2016.

PINHEIRO, A. B. T. **Menina gorda não tem vez**: problematizando a gordofobia e as consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes. 2018. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/203579>. Acesso em: fev. 2023.

PITANGA, F. J. G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 3, p. 49-54, 2002. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/463-Texto%20do%20artigo-1663-1-10-20080425.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2022.

POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo/SP: Senac. 2013.

PUHL, R. M.; ANDREYEVA, T.; BROWNELL, K. D. Perceptions of weight discrimination: prevalence and comparison to race and gender discrimination in America. **International Journal of Obesity**, Londres, v. 32, n. 6, p. 992-1000, 2008. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/ijo200822>. Acesso em: 17 maio 2023.

PUHL, R. M.; HEUER, C. A. Obesity stigma: important considerations for public health. **American Journal of Public Health**, Washington, v. 100, n. 6, p. 1019-1028, 2010. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2009.159491>. Acesso em: 2 abr. 2023.

RANGEL, N. F. A. A. **O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados**. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205904>. Acesso em: 4 maio 2022.

MARQUES, R.; RAIMUNDO, J. A. O negacionismo científico refletido na pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 20, p. 67–78, 2021. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/410>. Acesso em: 15 ago. 2023.

RIBEIRO, S. D. D.; MEZZAROBIA, C. Mídia, corpo e mercado: (im)possibilidades formativas diante do poder simbólico. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 162-183, 2019. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732019000100162&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jun. 2023.

RIBEIRO, R. G.; SILVA, K. S.; KRUSE, M. H. L. O corpo ideal: a pedagogia da mídia. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 71-76, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23620>. Acesso em: 07 jun. 2023.

REZENDE, F. A. C. *et al.* Aplicabilidade do índice de massa corporal na avaliação da gordura corporal. **Revista brasileira de medicina do esporte**, v. 16, n. 2, p. 90-94, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbme/a/y5rNM97t3JpfshH5gHVfx6K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RODRIGUES, R. C.; ARCOVERDE, V. M. **Cinderela não é gorda: Análise da personagem Perséfone na novela Amor à Vida**. 2014. 76 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/8556>. Acesso em: 19 nov. 2022.

RUBINO, F. *et al.* Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. **Nature Medicine**, v. 26, n. 4, p. 485-497, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/s41591-020-0803-x.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2022.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 14-35.

SÁNCHEZ, G. Q. Gordofobia: existencia de un cuerpo negado. Análisis de las implicaciones subjetivas del cuerpo gordo en la sociedad moderna. **Revista Latinoamericana de Derechos Humanos**, v. 32, n. 1, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/derechoshumanos/article/view/15194>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANT'ANNA, D. B. **Gordos, magros e obesos: Uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SANTOS, S. V. C. A. **Competência leitora dos textos multimodais: interagindo com objetos digitais de aprendizagem**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras profissional em Rede PROFLETRAS) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2015. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/7960>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SCHERRER, L. Contribuições da gramática do design visual para o ensino da leitura: sinalizações apontadas pela análise de uma campanha educativa. **Devir Educação**, Lavras, p. 202–224, 2020. Disponível em: <http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/233>. Acesso em: 21 maio 2023.

SILVA, J. G.; MEZZAROBIA, C. Problematização dos atributos estereotipados e gordofóbicos presentes na obra cinematográfica *shallow hal* (O amor é cego): uma análise fílmica. **Revista livre de cinema**, v. 9, n. 2, p. 100-134, 2022. Disponível em: <http://relici.org.br/index.php/relici/article/view/374/428>. Acesso em: 2 maio 2023.

SILVA, M. M. P.; ALMEIDA, D. B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistemico-Funcional. **Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 36-56, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/mcunha,+REV+3.+Linguagem+Verbal,+Linguagem+Visual+pdfa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, L. P. **É o meu corpo que sustenta as minhas ideias: Corpo, comida e saúde na voz da militância gorda**. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-06112019-160145/en.php>. Acesso em: 5 maio 2023.

SILVA, S. S. **As questões de gênero sob as lentes do cinema: uma análise a partir do filme “hoje eu quero voltar sozinho”**. 91f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/4853>. Acesso em: 12 maio. 2022.

SOARES, C.; RIBEIRO, F. S.; ZOBOLI, F. Aplicativos de musculação como dispositivos biopolíticos de educação do corpo. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. 3, p. 2475–2492, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/15467>. Acesso em: 10 set. 2022.

SOUSA JÚNIOR, J. H. Representação do gordo no cinema nacional: análise de papéis de atores com sobrepeso e obesidade nas produções cinematográficas brasileiras de maior bilheteria. **Revista Livre de Cinema**, v. 6, n. 1, p. 4-12, 2019. Disponível em: <http://relici.org.br/index.php/relici/article/view/202>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SOUSA, A. A.; MIKLOS, J. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **Líbero**, São Paulo, v. 1, n. 46, p. 111-126, 2020. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116>. Acesso em: 7 maio 2022.

SOUSA, P. M. **Práticas corporais e atividades físicas no cuidado com a obesidade: análise de planos de ação de profissionais da saúde do estado de Goiás fundamentada na saúde coletiva**. 2022. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12611>. Acesso em: 2 maio 2023.

SOUZA, A. F., MATTOS, R. T. Relação da utilização de dietas de emagrecimento e do padrão de beleza imposto pela mídia no aparecimento de transtornos alimentares em adolescentes do sexo feminino. **Revista Eletrônica Parlitorium**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 68-91, 2015. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5140/514060947003/514060947003.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SOUZA, B. P. O movimento *Plus Size* e o Corpo. **ModaPalavra e-periódico**. Florianópolis, v. 12, n. 26, p. 68-91, 2019. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5140/514060947003/514060947003.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

SOUZA, J. C. N.; DIAS, N. A medida do corpo na filosofia cartesiana. **Synesis**, Petrópolis, v. 10, n. 1, p. 111-123, 2018. Disponível em:

<https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1412>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOUZA, V. C. S. **Os sentimentos e as representações sociais sobre gordofobia entre pré-adolescentes no contexto escolar de Sidrolândia/MS**. 2021. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

Disponível em: <https://repositorio.ufms.br:8443/handle/123456789/4359>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SOUZA, V. C.; GONÇALVES, J. P. Gordofobia no espaço escolar: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em:

<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/701>. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUZA, V. C.; GONÇALVES, J. P. Investigação sobre gordofobia: estado do conhecimento em teses e dissertações. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 11, n. 31, p. 363-387, 2020.

Disponível: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3635>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SODELLI, M. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A.; MICHELI, D. (Orgs.). **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP-Unifesp, 2011. p. 599 – 616.

STEFFEN, A.; QUEIROZ, P. P. O que andam dizendo sobre o corpo gordo na escola: uma revisão integrativa pesada. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 16, p. 229-242, 2022.

Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/7222>. Acesso em: 12 abr. 2023.

SUDO, N.; LUZ, M. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 4, p. 1033-1040, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/zDrH5y8BHvCKGPzQQYBjkpw/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

TEIXEIRA, F. L. S.; FREITAS, C. M. S. M.; CAMINHA, I. O. A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 3, p. 590-601, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/motriz/a/JnCqrsFXNb9dQCyTPGGZGwy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2022.

THEODORO, M. Relações raciais, racismo e políticas públicas no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos & Pesquisa sobre as Américas**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 205, 2014.

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/18484>. Acesso em: 12 abr. 2022.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, abr. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/qtCBFFfZTRQVsCJtWhc7qnd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ULIAN, M. D. *et al.* Intervenções baseadas em Health at Every Size podem melhorar o risco cardiometabólico e a qualidade de vida mesmo na ausência de perda de peso: uma análise complementar e exploratória do estudo de saúde e bem-estar na obesidade. **Frontiers in Nutrition**, v. 9, p. 1-7, 2022. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnut.2022.598920/full>. Acesso em: 25 abr. 2023

VALIAS, E. **Corpo gordo construindo uma nova relação com a atividade física**. Rio de Janeiro: Vogue, 2021.

VALLGÅRDA, S. *et al.* Should Europe follow the US and declare obesity a disease? a discussion of the so-called utilitarian argument. **European journal of clinical nutrition**, v. 71, n. 11, p. 1263-1267, 2017. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/ejcn2017103>. Acesso em: 2 de abr. 2021.

VASCONCELOS, E. V. P. **Caracterização da População em situação de rua no município de Aracaju-Sergipe**. 2015. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde da Família) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2015. Disponível em:

<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/12075/1/Edney%20Vander%20Pacheco%20de%20Vasconcelos%20TCC.pdf>. Acesso em: 2 de abr. 2021.

VASCONCELOS, N. A.; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/271/27140104.pdf>. Acesso em: 2 de abr. 2022.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente da idade média ao século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

WACHS, F. Educação Física e Saúde Coletiva: duas lições que a pandemia nos ensina sobre a importância desse enlace. **Motrivivência**, v. 34, n. 65, p. 01-13, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/89853>. Acesso em: 25 abr. 2023.

WHO. **Guidelines on physical activity and sedentary behaviour**. 2020. Ed. Geneva: World Health organization, 2020.

WHO. World Health Organization. **Obesity**: Preventing and managing the global epidemic. Report of a WHO Consultation on Obesity. Geneva: WHO; 1998.

WHO. World Health Organization. **Physical status**: the use and interpretation of anthropometry. Geneva: WHO, 1995.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.